



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA
PROGRAMA DE MESTRADO EM CIÊNCIAS DA
LINGUAGEM

**O SENTIDO NA LINGUAGEM: UM ESTUDO ENUNCIATIVO DO
VERBO NOS DIALETOS SOTEROPOLITANO E RECIFENSE**

DANIELE DOS SANTOS LIMA

RECIFE
2016

DANIELE DOS SANTOS LIMA

**O SENTIDO NA LINGUAGEM: UM ESTUDO ENUNCIATIVO DO
VERBO NOS DIALETOS SOTEROPOLITANO E RECIFENSE**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-graduação da UNICAP como requisito final para a obtenção do grau de Mestre em Ciências da Linguagem.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Isabela Barbosa do Rêgo Barros

Recife
2016

DANIELE DOS SANTOS LIMA

**O SENTIDO NA LINGUAGEM: UM ESTUDO ENUNCIATIVO DO
VERBO NOS DIALETOS SOTEROPOLITANO E RECIFENSE**

Dissertação apresentada à UNICAP, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências da Linguagem.

NOTA DA APROVAÇÃO

DATA DA APROVAÇÃO

___/___/___

BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a Dr.^a Isabela Barbosa do Rêgo Barros – UNICAP
Orientadora

Prof.^a Dr.^a Roberta Varginha Ramos Caiado – UNICAP
Avaliador interno

Prof. Dr. Edmilson José de Sá – AESA-CESA
Avaliador externo

Dedico esta pesquisa aos meus pais e irmão, por sempre estarem ao meu lado, me incentivando e torcendo por mim.

AGRADECIMENTOS

É impossível começar os agradecimentos sem fazer menção a Deus. Agradeço a Ele por ser meu grande protetor nesta longa caminhada que é a vida. Sem ele nada é possível;

Aos meus pais (Severino e Nilza) e irmão (João) pela torcida, apoio, estímulos e palavras de força e carinho, sem eles, eu não chegaria aqui;

Aos meus avós (Fidélis, João e Angelita) *in memoriam* e a minha linda avó Bela;

À minha amiga Marizete por me incentivar a fazer o mestrado, diante de tanta dor, ela foi o anjo que Deus enviou para mim;

À Lilian pelo apoio;

Ao professor Edmilson por me incentivar e acreditar no meu trabalho;

À professora Nelly por ter contribuído com a minha formação, pelos livros emprestados, pelo passeio e pelas aulas descontraídas;

À Roberta pelas contribuições e por estar presente no momento tão especial para mim;

À Karla pelo livro e palavras de carinho;

À Érika pela companhia; conversas animadas, por me ajudar a encontrar alguns informantes;

Aos amigos soteropolitanos por terem me ajudado a encontrar alguns informantes;

Aos informantes por terem contribuído com a pesquisa;

À minha querida orientadora Isabela por ter me apresentado a Émile Benveniste, pelas aulas maravilhosas, pelos estímulos, por ter me ensinado coisas que eu ainda não sabia, por ser essa pessoa tão humana que ela é!!!!

“Esta será uma semiologia de ‘segunda geração’, cujos instrumentos e o método poderão também concorrer para o desenvolvimento das outras ramificações da semiologia geral”.

Émile Benveniste

RESUMO

Esta pesquisa investigou os sentidos semântico e semiótico dos verbos nos dialetos soteropolitano e recifense a partir das discussões tratadas na Teoria da Enunciação de Émile Benveniste (2005; 2006). Essa relação foi possível, pois a forma dialetal traz um sentido para aquele que fala. A noção de sentido na teoria enunciativa de Benveniste não pode ser entendida sem que seja relacionada à noção de forma. Examinamos a relação semântico-dialetal dos verbos como índice do sujeito e de identidade cultural baseada na Teoria de Émile Benveniste, a partir das marcas do sujeito na língua ao enunciar-se na linguagem, ou seja, ao colocar em funcionamento a língua quando se apropria e utiliza um dialeto. Destacamos que consideramos o sujeito que se estabelece e se constitui na relação com o outro e com a língua no discurso. A metodologia usada neste trabalho foi baseada em pesquisa de campo e na análise do tipo qualitativa, seguindo as instruções do ALiB (Atlas Linguístico do Brasil). Realizamos entrevistas semidirigidas com transcrição grafemática que foram efetuadas no ato do inquérito no qual solicitamos que os sujeitos respondessem questões relativas à classe gramatical dos verbos, uma vez que procuramos trazer os verbos como indicadores de subjetividade. Na entrevista, utilizamos um questionário adaptado que elaboramos de acordo com a realidade de cada região investigada (Recife e Salvador). Para isso, nos espelhamos no Questionário Morfosintático-QMS do ALiB. Entrevistamos *in loco* 40 sujeitos de duas faixas etárias: uma entre 18 e 30 anos e outra entre 50 a 65 anos de idade, que tenham concluído o ensino superior ou tenham até o 5º ano do ensino fundamental. Após a análise dos resultados, comprovamos que o sujeito durante sua fala reflete sua relação com a língua revestida por questões de identidade cultural. As formas dialetais registradas pelos informantes de Recife e Salvador são dotadas de sentido, o que nos permite compreender que as relações de sentido perpassam por quem faz uso da linguagem.

Palavras-chave: Enunciação. Dialetos. Verbo. Sentido. Subjetividade.

ABSTRACT

This research investigated the semantic and semiotic senses of verbs in Salvador and Recife from the discussions dealt with the theory of Enunciation of Émile Benveniste. This was possible because the dialectal form brings meaning to the one who speaks. The notion of sense in Benveniste's theory example cannot be understood without being related to the notion of form. We examined the semantic relationship of verbs as dialect-index of the subject and of cultural identity based on the theory of Émile Benveniste, from brands of the subject in the language to speak in the language, that is, by placing the tongue when appropriates and uses a dialect. We emphasize that we consider the subject that is established and is in relationship with each other and with the language in the speech. The methodology used in this study was based on field research and the analysis of the qualitative type, following the instructions of the ALiB (Atlas Linguístico do Brasil). We carried out the data collection interviews with grafematic transcription that were made to the act of investigation in which the subjects were asked to answer questions about the grammatical class of verbs, since we were looking for verbs as indicators of subjectivity. In the interview, we used an adapted questionnaire which we elaborated according to the reality of each region investigated (Recife and Salvador), for we used the ALiB Morph-syntactic Questionnaire-QMS. We interviewed on the spot 40 subjects of two age groups: between 18 to 30 years and another between 50 to 65 years old, who have completed higher education or even the fifth grade of elementary school. After the analysis of the results, we verified that the subject during the speech reflects his relationship with the language coated with issues of cultural identity. The dialect forms recorded by informants in Recife and Salvador are endowed with sense, which allows us to understand that the relationship of meaning pertain for who makes use of language.

Keywords: Enunciation. Dialects. Verb. Meaning. Subjectivity.

LISTA DE FIGURAS

1 – Figura 1: Signo linguístico.....	17
2 – Figura 2: Circuito da fala 1.....	21
3 – Figura 3: Circuito da fala 2.....	22
4 – Figura 4: Ação do tempo num território contínuo	25
5 – Figura 5: Inovações numa superfície determinada.....	26
6 – Figura 6: Transformações dialetais naturais.....	26
7 – Figura 7: Correlação de personalidade.....	40

LISTA DE QUADROS

1 - Quadro 1: Relação Semiótica e Semântica	41
2 - Quadro 2: Níveis de Análise Linguística	42
3 - Quadro 3: Perfil dos entrevistados em Recife	59
4 - Quadro 4: Perfil dos entrevistados em Salvador	60
5 - Quadro 5: Frases com o verbo 'bulir'	86
6 - Quadro 6: Designações para 'copiar'	101
7 - Quadro 7: Designações para 'cobrir os livros'	102
8 - Quadro 8: Designações para 'faltar a escola ou trabalho'	103
9 - Quadro 9: Designações para 'aumentar o rádio'	104
9 - Quadro 9: Designações para 'aumentar o rádio'	104
10 - Quadro 10: Designações para 'nigrinhar/galinhar'	105
11 - Quadro 11: Designações para 'furar a bola'	107
12 - Quadro 12: Designações para 'perder uma oportunidade'	110
13 - Quadro 13: Designações para 'pechinchar'	110
14 - Quadro 14: Designações para 'bulir'	111
15 - Quadro 15: Designações para 'apertar o botão'	111
16 - Quadro 16: Designações para 'descontrair/relaxar'	114

LISTA DE MAPAS

- 1 – **Mapa 1:** Primeiro mapa das variedades do português brasileiro29
- 2 – **Mapa 2:** Linha de contorno de Pernambuco.....58

LISTA DE GRÁFICOS

01 – Gráfico 1: Designações para ‘copiar’.....	62
02 – Gráfico 2: Designações para ‘cobrir os livros’.....	65
03 – Gráfico 3: Designações para ‘faltar a escola ou trabalho’.....	68
04 – Gráfico 4: Designações para ‘aumentar o rádio’.....	70
05 – Gráfico 5: Designações para ‘nigrinhar/galinhar’.....	72
06 – Gráfico 6: Designações para ‘furar a bola’.....	78
07 – Gráfico 7: Designações para ‘perder uma oportunidade’.....	80
08 – Gráfico 8: Designações para ‘pechinchar’.....	82
09 – Gráfico 9: Designações para ‘bulir’.....	84
10 – Gráfico 10: Designações para ‘apertar o botão’.....	88
11 – Gráfico 11: Designações para ‘descontrair/relaxar’.....	90

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1 DISCUSSÕES EM TORNO DA LÍNGUA	17
1.1 Língua/ Fala.....	17
1.2 Dialeto.....	23
1.2.1 O dialeto como uma questão de sentido.....	31
2 O HOMEM NA LÍNGUA: SUBJETIVIDADE E IDENTIDADE CULTURAL	34
2.1 Sujeito na Linguagem.....	35
2.2 Linguagem e Cultura.....	44
3 METODOLOGIA	52
3.1 Salvador.....	54
3.2 Recife.....	56
3.2.1 Para além dos limites entre os territórios de Pernambuco e Bahia.....	57
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	61
CONSIDERAÇÕES FINAIS	93
REFERÊNCIAS	96
APÊNDICES E/OU ANEXOS	101

INTRODUÇÃO

É por meio da língua que o homem se expressa. A linguagem confere ao homem e a comunidade linguística da qual ele faz parte características peculiares de observar o mundo ao seu redor. Cada comunidade linguística faz sua leitura de mundo que é influenciada pelos aspectos socioculturais e históricos.

No início do século XX, esses aspectos não se destacavam na Linguística, interessada em estabelecer o objeto que a diferenciaria das demais ciências. Desse modo, as concepções de Ferdinand de Saussure configuraram a Teoria Estruturalista, interessada no estudo da língua enquanto sistema em oposição ao seu uso.

Por outro lado, por volta de 1960, com a expansão do modelo estabelecido por Saussure, a Teoria da Enunciação de Émile Benveniste põe em discussão a língua em uso, em sua dimensão de significância (o discurso, o semântico), em detrimento ao que está puramente ligado ao signo (semiótico).

Benveniste (2006, p. 61) explica que: “toda semiologia de um sistema não linguístico deve pedir emprestada a interpretação da língua, não pode existir senão pela e na semiologia da língua”. Referente à interpretação da língua, “a semiologia da língua seria exatamente decorrente da propriedade que tem a língua de interpretar-se e interpretar os demais sistemas” (FLORES, 2013a, p. 158). Ao abordar a forma e o sentido na linguagem, de acordo com Barbisan e Flores (2009), Benveniste nos faz refletir se seriam um espelho da relação língua/fala tratada por Saussure.

Benveniste (2006) ainda vai além ao mencionar que o signo está ligado ao modo semiótico de existência da língua e, nesse modo, ele tem forma e sentido. A forma no semiótico diz respeito ao significante, entendido como o aspecto formal da entidade que chamamos de signo. Já o sentido no semiótico diz respeito às relações de oposições com os outros signos da língua, pois no semiótico, ser distintivo e significativo é a mesma coisa. Já o modo semântico está relacionado à atividade do locutor e necessita a construção da referência no sintagma da língua. Para que um signo exista é necessário que ele seja aceito e que se relacione de uma maneira ou de outra com os demais signos. Significar é ter sentido, nada mais. É no uso da

língua que um signo tem existência; o que não é usado não é signo; e fora do uso o signo não existe.

Dessa forma, de acordo com a Teoria da Enunciação de Émile Benveniste (2005; 2006), em nossa pesquisa foi investigado o sentido semântico e semiótico dos verbos nos dialetos soteropolitano e recifense. Para isso, examinamos os verbos como marcas do sujeito na língua e índices de enunciação do sujeito na linguagem; demarcando neste estudo o uso do termo dialeto em consonância ao termo variação linguística segundo o Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). Relacionamos o sentido definido nos verbos como índice cultural a partir dos seguintes questionamentos: é possível estabelecer o dialeto como as marcas do sujeito na língua? Ao colocar a língua em funcionamento através do uso do dialeto, confirmamos a enunciação do sujeito?

Para estudar os aspectos semânticos na teoria enunciativa de Benveniste, analisamos o que mencionam Flores (2013a, 2013b), Normand (2012), Barbisan (2006) e Ferrarezi e Basso (2013) sobre os estudos de Benveniste.

A escolha por pesquisar a classe dos verbos se justifica pelas discussões trazidas por Benveniste a respeito da relação do espaço, tempo e pessoa também encontradas no estudo do verbo. Segundo Benveniste (2005, p. 247) “o verbo é, com o pronome, única espécie de palavra submetida à categoria da pessoa”. No entanto, a pessoa de Benveniste é diferente da pessoa do verbo pautada na gramática, assim como o tempo benvenistiano também é diferente. Para Benveniste (*op. cit.*, p. 289): “a marca temporal do presente só pode ser interior ao discurso”. Ele também informa que devemos tomar cuidado; não há outro critério nem outra expressão para indicar ‘o tempo em que se está’ senão tomá-lo como ‘o tempo em que se fala’. Esse é o momento eternamente ‘presente’, embora não se refira jamais aos mesmos acontecimentos de uma cronologia ‘objetiva’ porque é determinado cada vez pelo locutor para cada uma das instâncias de discurso referidas. Ou seja, os verbos são indicadores de subjetividade. Esses para Benveniste (2005, p. 288) estão relacionados à dêixis: formas disponíveis na língua cujo emprego remete à enunciação. Em última análise, a temporalidade humana como todo aparato linguístico revela a subjetividade inerente ao próprio exercício da linguagem.

Decidimos investigar os dois dialetos (soteropolitano e recifense), para tentarmos verificar se a forma dialetal traz um sentido para aquele que faz uso da linguagem e a relação do sujeito com a língua passa pela questão da identidade do

povo. Logo, a enunciação sendo este colocar a língua em funcionamento (BENVENISTE, 2006), poderia também estar relacionada à identidade cultural do sujeito falante.

Seguindo a proposta do ALiB, utilizamos o questionário com transcrição grafemática e direta que foram efetuadas no ato da entrevista na qual solicitamos que os sujeitos respondessem questões relativas à classe gramatical dos verbos, pois os verbos são indicadores de subjetividade e estão relacionados à dêixis: formas disponíveis na língua cujo emprego remete à enunciação.

Neste trabalho, iremos verificar se o contexto histórico, geográfico, sociocultural e o discurso mostram as diversidades e transições que são causadoras da constante evolução da interlocução. Os aspectos linguísticos e culturais caracterizam os sujeitos falantes, fazendo com que esses sujeitos se aproximem através do meio em que interagem. O uso de dialetos de forma espontânea no ponto de vista intercultural foi considerado uma estratégia de valorização dos usos e costumes, isso é perceptível nas cidades de Recife e Salvador.

No primeiro capítulo faremos uma discussão em torno da língua, fala e dialeto como uma questão de sentido. No segundo capítulo discorreremos sobre o homem na língua, subjetividade e identidade cultural, analisando as marcas linguísticas do sujeito. Em seguida descreveremos a metodologia usada na nossa pesquisa, para posteriormente serem analisadas e identificadas as diferenças de sentido entre os verbos nos dialetos soteropolitano e recifense, como marcas de enunciação do sujeito. Essa identificação será realizada relacionando o sentido definido dos verbos como índice cultural.

1 DISCUSSÕES EM TORNO DA LÍNGUA

As discussões em torno da língua, baseadas em Saussure (2002), sobretudo, destacam as diferenças entre língua e fala, enquanto aspectos dicotômicos da linguagem. No entanto, trazemos em nosso trabalho, os temas relacionados ao dialeto em contexto enunciativo para discutir o sentido que podem adquirir no uso pelo sujeito.

1.1 LÍNGUA/FALA

É sabido que em todas as línguas, e dependendo do contexto em que são utilizadas, as palavras possuem significados diferentes. É através da língua que podemos categorizar o mundo e a nossa experiência, nomeando as coisas. Saussure [1916] (2006) destaca em seus estudos a língua como um sistema de signos que se relacionam entre si, tomando-a como norma para todas as manifestações da linguagem.

Foi designado à linguística o estudo da língua como um sistema de signos por meio dos quais se exprimem ideias. Essa que é o objeto da Linguística, a língua, é apenas um sistema dentro do conjunto de fatos semiológicos, uma vez que para Saussure (*op. cit.*) haveria uma ciência geral que ainda estaria por vir encarregada do estudo de todos os sistemas de signos.

O autor afirma que: “o signo linguístico é, pois uma entidade psíquica de duas faces”, que é representada pela figura:

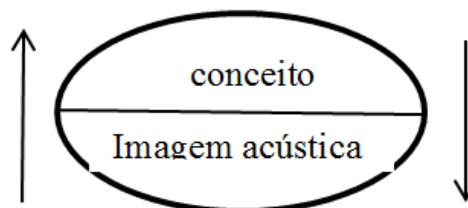


Figura 1: Signo linguístico

Fonte: (SAUSSURE, [1916] (2006), p. 80).

Ao fazer um retrospecto sobre as ideias de Saussure, Bouissac (2012, p. 155) afirma que ele não identifica “pensamento que possa ser articulado fora das fronteiras da língua, ou seja, do sistema de signo que usamos”. De acordo com Saussure [1916] (2006), o signo linguístico possui duas faces indissociáveis: o significado (conceito) e o significante (imagem acústica).

Com isso, Saussure (*op. cit.*) verificou que há um sistema de relação existente entre os signos, isto é, os signos linguísticos possuem um valor. Assim, “o fundamental no estruturalismo linguístico francês é mostrar que a língua é um sistema de valores constituído por diferenças. Isto é, os signos linguísticos estabelecem relações de valor entre si” (BARROS, 2011, p. 25). Essas relações de valor são verificadas quando o falante faz uso da língua.

A esse respeito, Normand (2012, p. 9) esclarece que o valor é o “conceito que sustenta a arquitetura teórica de Saussure”. Nos Escritos de Linguística Geral referentes à significação, Saussure (2002, p. 41) relata que:

[...] a significação é apenas uma maneira de exprimir o *valor* de uma forma, valor que depende completamente das formas coexistentes a cada momento, e que é, por conseguinte, uma empreitada quimérica, não apenas querer examinar essa significação em si mesma (o que não é nada linguístico), mas querer examiná-la com relação a uma forma, visto que essa forma muda e, com ela, todas as outras e, com estas todas as significações, de maneira que só se pode dominar a mudança de significação vagamente com relação ao conjunto.

Para Saussure (2002, p. 47), as diferenças são binárias e só existem por que são negativas, e não positivas. Assim, “quem diz *forma* diz *diferença*”.

Quando Saussure [1916] (2006) constatou que o signo linguístico é arbitrário, ele levou em consideração que: “o laço que une o significante ao significado é arbitrário [...] o signo linguístico é arbitrário”, isto é, a ideia de uma palavra não está associada ao som que emite o seu significado. Por exemplo, o conceito de “dia” não está associado à sequência de sons /dʒia/ que o acompanha. Para ele:

O signo linguístico une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica. Está não é o som material, coisa puramente física, mas a impressão (*empreinte*) psíquica desse som, a representação que dele nos dá o testemunho de nossos sentidos; tal imagem é sensorial e, se chegarmos a chamá-la “material”, é somente neste sentido, e por oposição ao outro termo da associação, o conceito, geralmente mais abstrato. (SAUSSURE, *op. cit.*, p. 80).

Além disso, o linguista suíço menciona que: “o significante é imotivado, isto é, arbitrário em relação ao significado, com o qual não tem nenhum laço natural na realidade” (SAUSSURE, [1916] (2006), p. 83). Bouissac (2012, p. 154) comenta que: “Saussure defende que as formas linguísticas não podem ser consideradas independentemente de seus significados”. O significado, então, refere-se ao conceito, por outro lado, a imagem acústica refere-se à representação da ideia do significado, do signo linguístico. Relacionado à imagem acústica, Bouissac (*op. cit.*, p. 155) menciona que:

[...] ele se esforçou para encontrar um equilíbrio entre as definições conceituais e as metáforas comuns, a fim de comunicar suas ideias inovadoras. Essa é a razão de ter usado a expressão ‘imagem acústica’ para indicar que não estava se referindo aos sons físicos em si, mas a suas representações psicológicas ou mentais que são tão intimamente associadas a conceitos distintos, de forma que a natureza dessas associações poderia ser figurativamente apresentada como o verso e o reverso de uma folha de papel.

Ao comparar a língua com uma folha de papel, Saussure ([1916] (2006), p. 131) afirma que: “o pensamento é o anverso e o som verso; não se pode cortar um sem cortar o outro, ao mesmo tempo”. Para o autor, a Linguística analisa esses dois fatores que se combinam. Ele explicita que: “esta combinação produz uma forma e não uma substância” (SAUSSURE, *op. cit.* p. 131). Podemos entender a forma como a língua, o significante, como a imagem acústica. Por outro lado, o sistema e a substância (fala) estão para o significado.

Além das dicotomias entre significado e significante, Saussure (*op. cit.*) propôs outras dicotomias ao estudar fenômenos linguísticos: língua/fala; sincronia/diacronia; relações sintagmáticas/relações paradigmáticas (associativas). Essas dicotomias linguísticas se colocam no plano do sistema e “atravessaram a linguística e deram-lhe o papel de espelho para o movimento estruturalista” (BARROS, 2011, p. 24).

No tocante à língua, Saussure ([1916] (2006), p. 24) afirma: “a língua é um sistema de signos que exprimem ideias”. Ou seja, para o linguista suíço a langue é o sistema de uma língua, isto é, a língua é como sistema de formas. Já a parole é a fala. Sendo assim, a língua é um sistema de relações.

As relações e as diferenças entre termos linguísticos se desenvolvem em duas esferas distintas, cada uma das quais é geradora de certa ordem de valores; a oposição entre essas duas ordens faz

compreender melhor a natureza de cada uma. Correspondem a duas formas de nossa atividade mental, ambas indispensáveis para a vida da língua. (SAUSSURE, [1916] (2006), p. 142).

Para Saussure (*op. cit.*), a língua é social em sua essência e independente do indivíduo; e a fala é individual, é um termo acessório. Ele ratifica que a língua (*langue*) é homogênea e social e que ela é diferente da fala (*parole*) que é heterogênea e individual. Assim, é na fala que percebemos as idiossincrasias da língua que é utilizada pelos falantes. Ao demonstrar que língua e fala se opõem Saussure (*op. cit.*) mostra aos linguistas o seu objeto de estudo: a língua, e a mesma é investigada com base na fala do indivíduo.

Quanto à outra dicotomia, a sincronia estuda a língua num determinado período e a diacronia faz um estudo da evolução da língua no tempo. Relativo à sincronia e a diacronia, Bouissac (2012, p. 176) informa o seguinte:

Estes dois pontos de vista são, com frequência, representados geometricamente como duas linhas: uma linha vertical que é o eixo do tempo ao longo do qual as mudanças sucessivas de uma língua são ordenadas de cima para baixo e uma linha horizontal que se destina ao estado atual de uma língua no momento da observação. [...] De acordo com Saussure, o ponto de vista sincrônico se sustenta em um sistema no qual o valor de cada termo é determinado por outros termos que fazem parte desse sistema. É o sistema de signos linguísticos que torna possível a comunicação linguística em um momento específico.

Concernente às relações sintagmáticas (*in praesentia*) e as relações paradigmáticas ou associativas (*in absentia*), podemos expor que: as relações sintagmáticas são horizontais, lineares e encontram-se no eixo da simultaneidade, refere-se às relações das coisas existentes, e as relações paradigmáticas são verticais, pertencem ao eixo da sucessividade, ou seja, “são as impressões psíquicas que os sujeitos trazem na memória” (BARROS, 2011, p. 25). Podemos, ainda, comparar as relações paradigmáticas com as possibilidades que o sujeito falante possui de escolher uma palavra dentro de sua enciclopédia de informação para um determinado contexto.

Cada palavra tem um valor que é determinado por outras palavras que estão no sistema. Para sabermos o valor semântico de determinado item lexical, temos que analisá-lo dentro do contexto (sintagma - eixo da simultaneidade em que ele

está inserido. Já que “a língua é um sistema do qual todas as partes podem e devem ser consideradas em sua solidariedade sincrônica” (SAUSSURE, [1916] (2006), p. 102). A língua é, pois, estudada através das relações que os elementos ocupam em um sintagma.

Já a fala é estudada através das relações paradigmáticas ou associativas, porque ela traz impressões psíquicas que os sujeitos têm na memória, ou seja, o sujeito falante possui uma espécie de bancos de dados na memória para se referir a determinado objeto ou coisa. Isso vai depender de seu conhecimento de mundo e da cultura na qual ele está inserido.

Saussure (*op. cit.*, p. 145) menciona que: “cumpre à língua e não à fala todos os tipos de sintagmas construídos sobre formas regulares”. O linguista frisa que “no domínio do sintagma não há limite categórico entre o fato de língua, testemunho de uso coletivo, e o fato de fala, que depende da liberdade individual”.

Dessa maneira, é necessário reconstruirmos o circuito da fala ou comunicação proposto por Saussure (*op. cit.*, p. 19), porque é através da fala, da enunciação que reconhecemos a origem do sujeito falante. Suponhamos duas pessoas A e B, que conversam.



Figura 2: Circuito da fala 1

Fonte: (SAUSSURE, [1916] (2006), p. 19).

Conforme disposto na figura 2, o circuito da fala atua como um ato individual que é composto por partes físicas que são chamadas ondas sonoras; de fenômenos psíquicos que são as imagens verbais/conceitos e os processos fisiológicos que são a fonação e a audição. Segundo o autor, o ponto de partida do circuito supõe a participação de duas pessoas. Para que haja uma interação na comunicação, é necessário respeitar o processo descrito por Saussure [1916] (2006) do circuito da fala. O autor ainda demonstra o mesmo circuito de outra maneira:

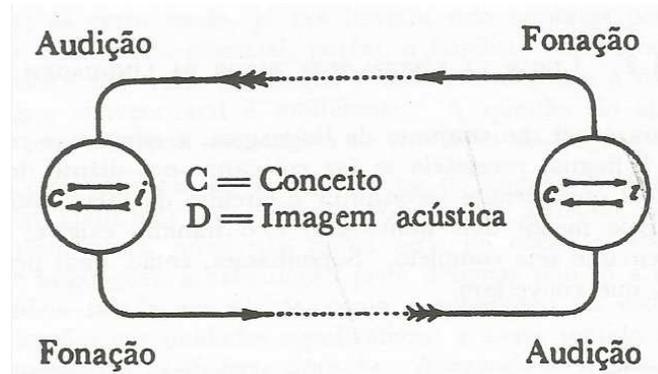


Figura 3: Circuito da fala 2

Fonte: (SAUSSURE, [1916] (2006), p. 20).

Saussure ([1916] (2006), p. 20) esclarece “que a imagem verbal não se confunde com o próprio som e que é psíquica, do mesmo modo que o conceito que lhe é associado”. Ou seja, o registro lexical não contém relação direta ou de rigidez com o significado que lhe é atribuído. Dessa maneira, para o autor, a linguagem é múltipla e heterogênea, enquanto a língua é homogênea, pois representa um sistema de signos no qual são atribuídas relações arbitrárias entre o conceito (significado) e seu registro (significante).

Apesar de a linguagem ter sido considerada como diversa e heteróclita por Saussure (*op. cit.*), ele acreditava que a linguagem poderia ser considerada como objeto de investigação. No entanto, a língua, como objeto da ciência linguística, seria o caminho para o estudo das diversas manifestações de linguagem: “é necessário colocar-se primeiramente no terreno da língua e tomá-la como norma de todas as outras manifestações da linguagem” (SAUSSURE, *op. cit.*, p. 16-17).

O linguista percebe, entre outras características, a língua como essencial e social, isto é, não pode ser criada ou modificada individualmente, sendo produto de uma espécie de contrato social transmitida pelas pessoas ao longo do tempo, ou seja:

As línguas são sempre transmitidas de geração em geração. Esse é um fenômeno contínuo que coexiste com a história da humanidade desde que a linguagem emergiu como propriedade da espécie. Não pode haver lacunas nessa transmissão na medida em que falar uma língua pressupõe que ela tenha sido recebida pelo falante de um grupo social no qual ela nasceu. (BOUISSAC, 2012, p. 185-186).

Desse modo, ao contrário, a fala é acessória e individual, um ato de vontade e inteligência. Segundo Barros (2011, p.67): “o autor sugere não haver outro papel

para a fala senão representar a língua, por meio oral ou escrito”. E na visão saussuriana não faz diferença ao designar como fala essas duas possibilidades de manifestações.

Desse modo, é através da interação, da relação intersubjetiva que percebemos o aparecimento de novas palavras, o desuso de outros itens lexicais e o nível de escolaridade do ser humano. A depender da origem do falante, ele poderá utilizar palavras diferentes para denominar determinada coisa. Essas variações no dialeto como já foi citado por Saussure ([1916] (2006), p. 24), podemos relacionar como pertencente ao eixo paradigmático (in absentia), ou seja, “elas não têm por base a extensão; sua sede está no cérebro; elas fazem parte desse tesouro interior que constitui a língua de cada indivíduo”.

Percebemos a preocupação do autor referente à diversidade das línguas. Para ele “o que primeiro surpreende no estudo das línguas é sua diversidade, as diferenças linguísticas que se apresentam quando se passa de um país a outro, ou mesmo de um distrito a outro” (SAUSSURE, *op. cit.*, p. 221).

As divergências linguísticas referentes aos espaços são percebidas pelo falante de outra localidade. Para Saussure (*op. cit.*, p. 223) “os idiomas que divergem entre si somente em pequeno grau são chamadas de dialetos”. Essas divergências linguísticas referentes ao espaço são denominadas pelo linguista de dialetos. No próximo tópico iremos abordar as definições de alguns autores referentes ao conceito de dialeto.

1.2 DIALETO

Saussure (*op. cit.*) mostra que a diversidade geográfica esboça a dispersão e a diversificação das línguas no espaço. Além disso, ele demonstra que quando o observador percebe a diferença entre dois idiomas, ele automaticamente deseja encontrar analogias entre eles.

Concernente às mudanças analógicas, Bota e Bronckart (2014, p. 233) explicam que as transformações das línguas e os processos que elas causam constituíram um ponto de vista de ataque que Saussure adotou nos três Cursos¹:

Nessas análises bem conhecidas, tendo posto fora do jogo as mudanças fonéticas, pois apresentavam um caráter aleatório, mecânico, não dizem respeito à significação e escapam à consciência dos falantes, ele se centra resolutamente nas mudanças analógicas: postula que a analogia decorre de um processo de criação, implicando a compreensão e a análise das relações existentes entre formas-signos já aí, e a proposição de uma forma sem dúvida nova, mas, ainda assim, suscetível de se inscrever na sistemática do estado da língua atual.

Saussure ([1916] (2006), p. 222) através da observação científica utilizando as analogias chegou à conclusão que: “em certos casos, em que dois ou mais idiomas estão unidos por um vínculo de parentesco, vale dizer, têm uma origem comum”. O linguista ainda alerta que ao lado da diversidade de parentesco, há uma diversidade absoluta.

Para o autor a diversidade, a absoluta, é especulativa, isto é, incerta, difícil de chegar a uma origem. Já a diversidade de parentesco situa o observador e pode ser reduzida à unidade. Essa unidade nos faz pensar no que chamamos de estudos sincrônicos, que ocorre quando o pesquisador analisa a língua num determinado espaço no tempo. “A sincronia conhece somente uma perspectiva, a das pessoas que falam, e todo o seu método consiste em recolher-lhes o testemunho; para saber em que medida uma coisa é uma realidade” (SAUSSURE, [1916] (2006), p. 106).

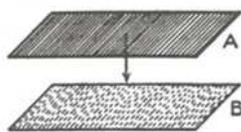
Deste modo é através da diversidade de parentesco que fica mais fácil encontrar a língua tronco ou família linguística, quer dizer, através dos estudos sincrônicos fica mais fácil para o pesquisador encontrar a família linguística. O autor frisa que:

Como não existe imobilidade absoluta em matéria de linguagem, ao fim de um lapso de tempo a língua não será mais idêntica a si mesma. A evolução não será uniforme em toda a superfície do território, mas variará de acordo com os lugares; jamais se comprovou que uma língua se modificasse da mesma maneira na totalidade do seu domínio. (SAUSSURE, *op. cit.*, p. 230).

¹ Em 1906 na Universidade de Genebra, Saussure ministrou três cursos de Linguística Geral: 1906-1907; 1908-1909 e 1910-1911. Esses resultaram na edição do CLG – Curso de Linguística Geral, uma compilação das aulas ministradas por Saussure e publicadas por seus alunos.

A figura abaixo demonstra o pensamento do autor:

Portanto, não é este o esquema:



E sim este:

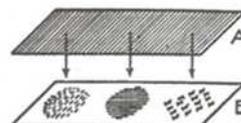


Figura 4: Ação do tempo num território contínuo

Fonte: (SAUSSURE, [1916] (2006), p. 231).

No primeiro par A e B, verificamos que, após um determinado tempo, a língua evoluiu, mas essa nova evolução foi uniforme em todo território B. Por outro lado, no segundo par A e B, percebemos que, após um determinado tempo, a língua A evoluiu em três formas diferentes, comprovando assim, que “não existe imobilidade absoluta em matéria de linguagem” Saussure ([1916] (2006), p. 230).

O linguista acrescenta que: “a separação geográfica é sempre o fator mais geral da diversidade geográfica” (*op. cit.*, p. 224). Para o estudo da diversidade linguística, é possível analisarmos os fatores históricos, geográficos, políticos e sociais que possam explicar a mutabilidade do signo linguístico.

Para Saussure (*op. cit.*, p. 89), o signo é mutável e imutável, pois ele sofre a alteração do tempo, é o tempo que dá continuidade a língua: “sejam quais forem os fatores de alteração, quer funcionem isoladamente ou combinados, levam sempre a um deslocamento da relação entre o significado e o significante”.

A língua se altera ou, melhor, evolui, sob a influência de todos os agentes que possam atingir quer sons, quer significados. Essa evolução é fatal; não há exemplo de uma língua que lhe resista. Ao fim de certo tempo, podem-se sempre comprovar deslocamentos sensíveis. (SAUSSURE, [1916] (2006), p. 91).

Por outro lado, a imutabilidade do signo linguístico está associada aos fatores históricos, pois a língua, para ele, “aparece sempre como uma herança da época precedente” (*op. cit.*, p. 85). Para o autor o que mais perturba o linguista é a

migração das populações, pois quando há essas migrações, surge o aparecimento de novas variantes linguísticas. E o linguista deve analisar essas migrações para detectar essas novas variantes. A evolução da língua assume diversas inovações contínuas, ininterruptas. Saussure ([1916] (2006), p. 231) afirma que:

Cada uma dessas inovações se realiza numa superfície determinada, em sua área própria. Das duas uma: ou a área de uma inovação abarca todo o território e não cria nenhuma diferença dialetal (é o caso mais raro) ou então, como acontece ordinariamente, a transformação não atinge senão uma porção do domínio, tendo cada fato dialetal sua área especial.

A figura 5 a seguir ilustra as inovações numa superfície determinada:

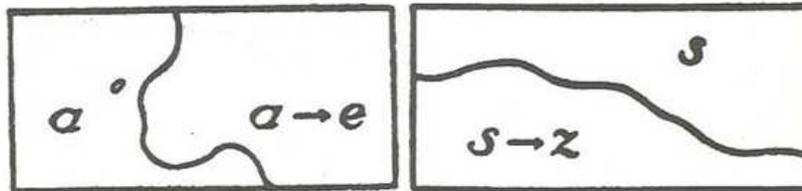


Figura 5: Inovações numa superfície determinada

Fonte: (*op. cit.*, p. 231-232).

Para o linguista suíço, se uma parte do território é afetada pela mudança de **a** em **e**, pode ocorrer que a mudança em **s** em **z** se realize nessa mesma localidade, mas em outros limites, ou seja:

“É existência dessas áreas distintas que explica a diversidade de maneiras de falar em todos os pontos do domínio de uma língua [...] Tais áreas não podem ser vistas: nada permite de antemão sua extensão; temos de limitar-nos a registrá-las” (SAUSSURE, [1916] (2006), p. 232-233) e ainda afirma que os dialetos não têm limites, ou seja, eles são proporcionais à quantidade de localidades “existem tantos dialetos quanto localidades”. Podemos verificar isso, na figura a seguir:

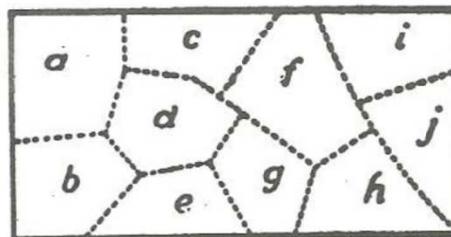


Figura 6: Transformações dialetais naturais

Fonte: (SAUSSURE, *op. cit.*, p. 233).

Segundo Saussure [1916] (2006), existem duas forças que agem sem cessar e em sentidos contrários: a força do intercuro e a do espírito de campanário. Essas forças agem na variação das línguas com o tempo. O autor informa que o intercuro ocorre quando há o contato entre falantes de diferentes localidades, provocando uma troca de influência entre eles. Assim, os dialetos surgem quando as duas forças agem em conjunto.

O linguista informa que quando o intercuro atua, os fatos linguísticos são propagados através do contágio, ou seja, quando um determinado limite geográfico consegue irradiar e propagar determinado dialeto para outra localidade. Essa localidade o absorve e acaba incorporando-o no seu acervo linguístico. Isto é, “quanto mais uma inovação favorecer o intercuro, tanto mais se ampliará sua área; quanto ao espírito de campanário, sua ação consiste em manter um fato linguístico nos limites que adquiriu, defendendo-o contra concorrências de fora” (SAUSSURE, [1916] (2006), p. 241).

Por conseguinte, o intercuro favorece o surgimento de novos dialetos que são incorporados nas novas localidades, podendo mudar também de significados. E o espírito de campanário também colabora, apesar da ação do intercuro ser mais inovadora.

Já a força do espírito de campanário é o que faz conservar as características da língua, não distanciando o dialeto da língua de origem. É o que faz seus sujeitos se reconhecerem como falantes da língua portuguesa, apesar das variações dialetais.

O espírito de campanário ocorre em uma comunidade linguística específica e não tem contato com outras pessoas, ou seja, é como se a comunidade linguística vivesse em uma ilha, isolada de outros falantes, mantendo dessa forma suas origens e tradições, não são contaminadas pelo meio, por isso a sua força. Isso é percebido em algumas e raras tribos indígenas aqui no Brasil, que continuam preservando a sua língua, evitando o contato com o homem branco. Podemos dizer que a força do espírito de campanário está relacionada com a imutabilidade da língua e a força de intercuro está relacionada com a mutabilidade da língua.

Saussure (2002, p. 275-276) fala dessas duas forças: a do intercuro e a do espírito de campanário:

Em qualquer massa humana que forme uma massa geograficamente contínua, é preciso reconhecer a existência simultânea e incessante de dois fatores que são exatamente contrários um ao outro e tendem a fins diretamente contrários um ao outro. É por causa dessa contrariedade, como se pode acrescentar imediatamente, que não é possível, em caso algum, prever a parte que lhes caberá no estado final, porque esta aparece como resultado de uma luta. Esses dois fatores, dos quais nenhum chega reduzido a zero, são simplesmente a *força de campanário*, de um lado, e a *força do intercuro*, do outro.

Assim, percebemos que a força do intercuro contribui para a inovação dialetal. No tocante ao português do Brasil há uma tradição nos estudos dialetais, a exemplo do português de Portugal e de outras línguas da Europa.

Para Sá (2013), o termo dialeto apareceu no português do Brasil em 1920, quando foi publicada a primeira versão do Dialeto Caipira, de Amadeu Amaral. Monteiro (2002), apropriando-se de ideias labovianas, menciona que o termo dialeto atualmente tem um emprego bastante amplo e diversificado entre os linguistas. Já Câmara Jr. (1985a, p. 184) define dialeto como:

Uma forma de língua que tem o seu próprio sistema léxico, sintático e fonético, e que é usada num ambiente mais restrito a própria língua. Empregado correntemente como *dialeto regional* por oposição a língua, *dialeto* é um sistema de signos e de regras combinatórias da mesma origem que outro sistema considerado como a língua, mas que se desenvolveu, apesar de não ter adquirido *status* cultural e social dessa língua.

Enquanto isso, Nascentes (1988, p. 205) define dialeto como: “língua regional que apresenta, em comum com outras línguas de uma mesma comunidade étnica, política ou cultural, traços linguísticos fundamentais, principalmente no que diz respeito aos aspectos fonéticos, morfológicos”.

Nascentes (1953, p. 11), ainda, referente ao dialeto menciona que ele: “depende do conceito que se fizer”. Para o autor, dialetos são subfalares e justamente por isso, em 1922, ele dividiu o Brasil em dois grandes grupos de falares: falares do norte e falares do sul. Essa divisão foi realizada levando em consideração a cadência e existência de vogais pretônicas abertas². Esses dois grandes falares

² “As vogais pretônicas precedem as vogais tônicas. As vogais tônicas carregam o acento primário. [...] Em alguns dialetos do português ocorre as vogais pretônicas: [e, o], por exemplo: ‘d[e]dal’, ‘m[o]delo’, enquanto que outros dialetos ocorre [i, u], exemplo: ‘d[i]dal’, ‘m[u]delo’. Há ainda a possibilidade de ocorrer [ɛ, ɔ] nestas mesmas palavras: ‘d[ɛ]dal’, ‘m[ɔ]delo” (SILVA, 2002, p. 78-79).

(Norte e Sul) foram divididos em seis subfalares ou dialetos: amazônico, nordestino, baiano, sulista, mineiro e fluminense.

Além disso, o autor menciona no mapa uma região que poderia ser “transitória” que ele denominou ‘território incharacterístico’ (NASCENTES, 1958, p. 18). Essa região corresponde a um pedaço do Centro-Oeste do Brasil, por não caracterizar nenhum dialeto específico.



Mapa 1: Primeiro mapa das variedades do português brasileiro

Fonte: (NASCENTES, 1953, p. 18).

Ao comentar a subdivisão de Nascentes, Câmara Jr. (1985a, p. 96) se refere aos subfalares como subdialetos: “No Brasil, temos, segundo Antenor Nascentes, uma divisão dialetal entre o Norte e o Sul, incluindo a primeira os subdialetos – a) amazônico, b) nordestino, e a segunda- a) baiano, b) fluminense, c) mineiro, d) sulista”. Dessa maneira, percebemos o marco que foi para aquela época a divisão dialetal proposta por Nascentes (1953).

Ainda referente ao conceito de dialeto, Coutinho (1976, p. 27) explana que se trata “a modificação regional de uma língua”. O autor acrescenta que não se deve admitir a falsa ideia de que o dialeto seja a corrupção de uma língua. Ele, ainda, explicita que quando o povo altera um idioma obedecendo às suas tendências naturais, não o deturpa. Assim, o dialeto é a variação regional de uma língua e essa por ser mutável está suscetível a mudanças. Na formação de um dialeto, temos, então, que avaliar os vieses étnico, social, geográfico e histórico.

Para Cunha e Cintra (2000, p. 3) “as formas características que uma língua assume regionalmente denomina-se DIALECTOS”. Já para Marroquim (2008, p. 21) “o dialeto vai se armando assim para resistir à força conservadora da língua culta”. O referido autor acrescenta que:

A enorme extensão geográfica em que o português é falado no Brasil dá a cada região peculiaridades e modismos desconhecidos nas outras, e exige, antes da obra integral que fixe e defina nossa diferenciação dialetal, trabalhos parcelados, feitos com critério e honestidade, sobre cada zona do país. (MARROQUIM, *op. cit.*, p. 17).

Quando o pesquisador se detém a analisar o português falado em cada região do Brasil, é possível verificar que o falante consegue criar novas maneiras de falar e de se referir à determinada coisa, e isso amplia os dialetos regionais.

Destacamos, ainda, que o dialeto não se confunde com a variação linguística. Para Sá (2013, p. 41) “a variação linguística pode ocorrer na pronúncia, no vocabulário e na gramática. Porém, ao ser percebida como marca de uma determinada região ou regiões diferentes, pode ser caracterizada como *dialeto*”.

Não obstante, a variação linguística ocorre quando há a possibilidade de dizer de formas diferentes a mesma coisa. Essa variação pode acontecer na fala quando o indivíduo pronúncia: [he'sifi]; [hɛ'sifɪ] e [hi'sifɪ]³.

Referente à variabilidade e invariabilidade na língua, Câmara Jr. (1985b, p. 17) mostra seu interesse pela diferença linguística:

Um dos percalços mais sérios com que se tem defrontado a gramática descritiva, desde Antiguidade Clássica, é o fato da enorme variabilidade da língua no seu uso num momento dado. Ela varia no espaço, criando no seu território o conceito dos dialetos regionais.

O estudioso explica que além da variação regional existem as variações de hierarquia social, sexo que variam conforme o sujeito que fala.

³ Baseamo-nos para a transcrição em Silva (2002, p. 38) que apresenta o fonema [h] como registro para pronúncias em que não ocorre fricção audível no trato vocal. Ocorre em início de palavras a exemplo de “rata”, em início de sílaba precedida de vogal: “marra” e em início de sílaba que seja precedida por consoante, a exemplo de “Israel”. A mesma autora afirma que “as vogais [ɪ] e [ʊ] diferem das vogais [i] e [u] pelo fato de as primeiras serem levemente mais centralizadas e articuladas como menor esforço muscular” (*op. cit.*, p.74).

Quando levarmos em consideração o que é enunciado pelos falantes na relação intersubjetiva. É que nos propomos a abordar no próximo subtópico o sentido do dialeto dentro do contexto enunciativo.

1.2.1 O DIALETO COMO UMA QUESTÃO DE SENTIDO

Definir o sentido pragmaticamente, talvez, seja uma tarefa subjetiva, pois só podemos entender o sentido de uma palavra a partir do momento que o locutor interage com o alocutor, ou seja, só podemos entender o sentido de um enunciado dentro do contexto da ação comunicativa. Além disso, a marca cultural do sujeito, o espaço, o tempo e a pessoa são os itens que irão definir o sentido do item lexical usado pelo falante num determinado contexto enunciativo. De acordo com Cançado (2005, p. 83):

O sentido é o modo no qual a referência é apresentada, ou seja, o modo como uma expressão linguística nos apresenta a entidade que ela nomeia [...] o sentido tem relação direta com o conceito que temos sobre as expressões linguísticas, podemos acrescentar, ainda, que o sentido refere-se ao sistema de relações linguísticas que um item lexical contrai com outros itens lexicais, ou que o sentido de uma expressão é o lugar dessa expressão em um sistema de relações semânticas com outras expressões da língua.

O que dificulta o entendimento de sentido de um item lexical é a pluralidade de significado do valor que as formas adquirem no sintagma da língua no momento da fala. Assim, um item lexical pode ter vários sentidos, e o sentido vai depender da pessoa que fala e qual o contexto enunciativo. Outros fatores influenciam no significado dado a uma palavra, ou seja, além de levarmos em conta a cultura em que o falante está inserido, devemos verificar a sua naturalidade, sua faixa etária, seu gênero (se feminino ou masculino), seu grau de escolaridade, pois tais fatores contribuem na constituição das marcas linguísticas do sujeito.

Conforme Marques (2011, p. 34) foi Michel Bréal que utilizou pela primeira vez a palavra semântica, designando a ciência das significações.

Ainda que condicionada à visão historicista e limitada ao plano lexical, a disciplina semântica proposta por Bréal abria caminho para que fossem superados os rígidos princípios mecanicistas dos

neogramáticos e a concepção de língua como fenômeno físico, incorporando à linguística o estudo de aspectos conceituais da linguagem. Nas primeiras décadas do século XX, os trabalhos dos semanticistas passam a dar ênfase à natureza psicológica da linguagem, a relacioná-la com os fenômenos históricos e socioculturais.

No início do século XX, muitos autores mostraram uma preocupação com a classificação de alteração de sentido no processo de evolução semântica, investigando como ocorria a mudança de sentido lexical através da: restrição, extensão e transposição de significados. Tamba (2006, p. 17), então, explica que a lei da multiplicação de sentidos de uma palavra foi identificada por Bréal “sob a classificação neológica de polissemia”. É no contexto na ação comunicativa que constatamos o significado de uma lexia. Quando estudamos os dialetos de duas comunidades distintas como Recife e Salvador percebemos que os verbos, os sinônimos e as mudanças de classes das palavras são usados em diferentes áreas geográficas, ou seja, eles mostram as transposições de sentido dos itens lexicais. Desse modo, podemos analisar o significado numa variedade conceitual e:

[...] o principal desafio de toda semântica linguística é conseguir apreender as relações entre formas e sentido nas línguas. [...] A significação linguística fixa-se no uso cotidiano no nível de unidade de sentido sintéticas (palavra, sintagma, frase, enunciado) que *a experiência falada do sentido e seu formulário específico* ajudam a delimitar. Desse modo, as formas significantes adquirem a autonomia que permite seu reconhecimento e sua memorização e nutrem vínculos com outras formas que determinam seu valor em um sistema linguístico dado da comunicação. (TAMBA, 2006, p. 67-68, grifo do autor).

Segundo Benveniste (2005, p. 130) “o sentido é de fato a condição fundamental que todas as unidades de todos os níveis devem preencher para obter *status* linguístico”. É na relação intersubjetiva que constatamos o valor do enunciado pronunciado pelo do sujeito falante.

Por sua vez, para Marques (2011, p. 65) “as palavras evocam, pela natureza de seu significado, as condições socioculturais dos falantes”. A autora discorre que existem formas na língua que se relacionam a espaços geográficos diferentes, além disso, isso vai depender dos diferentes estratos sociais, e dos diferentes grupos etários. Pois, as palavras relembram a origem sociocultural dos sujeitos falantes.

Dessa forma, só podemos entender o enunciado quando localizamos o indivíduo que fala. Quando identificamos a origem do falante fica mais fácil compreender o sentido do enunciado proferido por ele. Pois à sua procedência será o ponto de referência para que o outro o entenda o enunciado. De acordo com Cançado (2005, p. 55) “dependemos do contexto para encontrar os referentes desses elementos”. A referência é o ponto que guia a pessoa que escuta para entender o enunciado do locutor que fala. O significado está relacionado à referência. Dessa forma, a identidade cultural expõe o sujeito que se encontra marcado na língua ao fazer referência a si e ao seu povo ao utilizar uma forma dialetal no seu discurso.

Biderman (2001, p. 109) afirma que: “cada língua traduz o mundo e a realidade social segundo o seu próprio modelo, refletindo uma cosmovisão que lhe é própria”. Desse modo, percebemos que é a língua que inclui o falante em seu discurso, sendo ela a interpretante das funções e estruturas sociais.

Conforme, Benveniste (2006, p. 101) a língua “fornece o instrumento linguístico que assegura o duplo funcionamento subjetivo e referencial do discurso”. Além disso, o autor explicita que a língua é uma identidade diante das diversidades individuais. Segundo o linguista, a língua não muda, o que pode mudar são os valores das designações das formas que se multiplicam ou substituem no discurso, na relação intersubjetiva.

Sendo assim, constatamos que o que dificulta o entendimento de sentido de um item lexical é a pluralidade de significado do valor que as formas adquirem no sintagma da língua no momento da fala. Além disso, verificamos que a língua descreve, conceitua e interpreta a experiência de uma sociedade, isso assegura o seu caráter subjetivo e referencial na enunciação. No próximo capítulo iremos falar sobre esta relação do homem na língua através de sua subjetividade e identidade cultural.

2 O HOMEM NA LÍNGUA: SUBJETIVIDADE E IDENTIDADE CULTURAL

Ferdinand de Saussure e Émile Benveniste possuem um denominador em comum. A literatura permite inferir que ambos foram estudiosos austeros das línguas antigas e da gramática comparada. Mas Benveniste difere de Saussure a partir do momento que resolve ultrapassá-lo, dando significado ao discurso, sem negar a linguística saussuriana, mas a ultrapassando com um outro campo: o da semiologia da língua. Segundo Normand (2012) foi o estudo de Benveniste sobre a significação da língua que o fez 'ultrapassar' Saussure.

Na teoria saussuriana, o que era estudado era a língua no sistema, e não o seu uso. Por outro lado, a teoria benvenistiana estuda a dimensão de significância (o discurso, o semântico). Isto é, ela é diferente do que está ligado ao signo (semiótico). Benveniste (2006, p. 61) explica que: “toda semiologia de um sistema não linguístico deve pedir emprestada a interpretação da língua, não pode existir senão pela e na semiologia da língua”, referente à interpretação da língua, Flores (2013a, p. 158) acrescenta que a: “semiologia da língua seria exatamente decorrente da propriedade que tem a língua de interpretar-se e interpretar os demais sistemas”.

De acordo com Benveniste (2014), a doutrina saussuriana cobre apenas sob as espécies da língua, a parte semiotizável da língua, seu inventário material. Ela não se aplica à língua como produção, isto é, a língua em uso. Stumpf (2010, p. 1) é mais preciso ao afirmar que “é na oposição semiótico/semântico que podemos encontrar um momento de ultrapassagem do pensamento de Benveniste em relação a Saussure”.

Para Benveniste (2006) sentido e forma ainda que noções opostas são tratadas como indissociáveis. Para o autor, a significação da língua pode ser observada por meio dos níveis: semântico e semiótico. Segundo Normand (2012, p. 12) “a Teoria da Enunciação criada por Benveniste, poderíamos pensar que forma/sentido são um espelho das relações língua/fala, estabelecidos por Saussure”.

Em contrapartida Trois (2004) faz uma análise, uma interpretação da passagem realizada por Benveniste das relações entre os signos no interior do sistema da língua (na perspectiva saussuriana) para as relações entre as posições de enunciação do sujeito na língua. Para Trois (*op. cit.*) a primeira posição, é a do

âmbito semiótico, ou seja, as palavras já possuem sua significação no sistema da língua. O segundo âmbito refere-se ao semântico, momento em que as palavras adquirem significação no discurso (utilização da língua pelo falante).

2.1 O SUJEITO NA LINGUAGEM

Antes de conceituar a Teoria de Enunciação de Benveniste, é necessário analisar a questão da enunciação. Ela tem sua história relacionada à Lógica e à Gramática. Segundo Flores (2013b, p. 92), é a partir de Saussure que o termo enunciação toma o seu sentido linguístico.

Desse modo, podemos verificar que a enunciação em seu sentido linguístico parte da dicotomia língua/fala criada por Ferdinand de Saussure, ainda que não possa ser totalmente associada a ela. Foi a teoria do signo linguístico descrita por Saussure que serviu de base e inspiração para a teoria benvenistiana:

Quando Saussure introduziu a ideia do signo linguístico, ele pensava ter dito tudo sobre a natureza da língua; não parece ter visto que ela podia ser outra coisa ao mesmo tempo, exceto no quadro da oposição bem conhecida que ele estabelece entre língua e fala [...] Uma das teses mais importantes de Saussure é que a língua é um dos ramos de uma semiologia geral. (BENVENISTE, 2006, p. 224-225).

A semiologia da língua descrita por Ferdinand de Saussure serviu para que Émile Benveniste criasse a Teoria da Enunciação. O princípio teórico, o axioma benvenistiano da Teoria da Enunciação é explicado pelo próprio Benveniste (2006, p. 82), pois o fato do homem está na língua é caracterizado como a enunciação. Ou seja, “a enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização”.

Assim, a enunciação inclui no seu escopo a língua e a fala, isto é, o ato que um sujeito realiza ao comunicar os seus pensamentos. “É a semantização da língua que está no centro deste aspecto da enunciação, e ela conduz à teoria do signo e à análise da significância” (*op. cit.*, p. 83).

Conforme Benveniste (2006), a relação do sujeito falante com a língua mostra os caracteres linguísticos da enunciação. Para o autor, devemos considerar a

enunciação “como o fato do locutor, que toma a língua por instrumento, e nos caracteres linguísticos que marcam esta relação” (BENVENISTE, 2006, p. 82).

De acordo com Flores (2013a), o homem está na língua e estar na língua é a enunciação. O indivíduo faz uso das palavras, sem parar para pensar nelas, sem ter a consciência do seu ato, de sua enunciação. O sujeito ao enunciar faz um uso individual e único do sistema linguístico. Sendo assim, para Benveniste (2006) a enunciação converte a língua em discurso: “antes da enunciação, a língua é senão possibilidade da língua. Depois da enunciação, a língua é efetuada em uma instância de discurso, que emana de um locutor” (BENVENISTE, 2006, p. 83-84).

Flores (2013a, p. 37) faz um comentário sobre isso e afirma: “enunciar é converter a língua em discurso, logo, este é produto daquela”. A enunciação não é a língua, e sim aquilo que possibilita o seu emprego, este ‘tornar próprio de si’ que o locutor opera com a língua.

A enunciação, segundo Benveniste (2006, p. 68) ocorre quando o sujeito falante utiliza a língua para se comunicar. “Todo homem se coloca em sua individualidade enquanto *eu* por oposição a *tu* e *ele*”. Se alguém falar: “tu visse onde coloquei a sombrinha do frevo?” ou “O paí ó!”. Através dessas marcas linguísticas deixadas pelo sujeito falante: ‘visse’ e ‘paí ó’, o indivíduo que escuta percebe que a procedência e o sotaque das pessoas que falam são diferentes.

Além da escolha vocabular, é possível reconhecer a origem do indivíduo através da pronúncia, da entonação, uma vez que ambas também podem indicar: a região, o grupo social, a faixa etária, a atividade profissional, o nível socioeconômico da pessoa que fala. Através da comunicação entre o *eu-tu*, que é chamado de relação de intersubjetividade, percebemos que Benveniste (2005, p. 287) não opõe o indivíduo à sociedade. Ao contrário, ele o insere na sociedade:

Caem assim as velhas antinomias do ‘eu’ e do ‘outro’, do indivíduo e da sociedade. Dualidade que é ilegítimo e errôneo reduzir a um só termo original, que esse termo único seja *eu*, que deveria estar instalado na própria consciência para abrir-se então à do ‘próximo’, ou seja, ao contrário, a sociedade, que preexistiria como totalidade ao indivíduo e da qual este só se teria destacado à medida que adquirisse a consciência de si mesmo. É uma realidade dialética que englobe os dois termos e os defina pela relação mútua que se descobre o fundamento linguístico da subjetividade.

Através da relação de intersubjetividade que ocorre na estrutura do diálogo, que percebemos a subjetividade do sujeito falante. Ou seja, a subjetividade ocorre quando o locutor se apresenta como sujeito:

Uma dialética singular é a mola da subjetividade. A língua provê os falantes de um mesmo sistema de referências pessoais de que cada um se apropria pelo ato da linguagem e que, em cada instância de seu emprego, assim que é assumido por seu enunciador, se torna único e sem igual, não podendo realizar-se duas vezes da mesma maneira. (BENVENISTE, 2006, p. 69).

O autor nessa perspectiva informa ao leitor que o locutor se apropria do aparelho formal da língua e enuncia sua posição de locutor por meio de índices específicos⁴, de um lado, e por meio de procedimentos acessórios⁵, de outro. Benveniste (2006, p. 83-84) esclarece que: “o ato individual pelo qual se utiliza a língua introduz em primeiro lugar o locutor como parâmetro nas condições necessárias da enunciação”. Isto é, para o autor antes da enunciação, a língua emana de um locutor e é efetuada em uma instância de discurso, que atinge um ouvinte e suscita uma outra enunciação de retorno.

E mais adiante, Benveniste (*op. cit.*) explica que a partir do momento que ele se declara locutor e assume a língua, automaticamente ele insere o outro diante de si, qualquer que seja o grau de presença que ele atribua a esse outro.

Segundo a teoria benvenistiana, toda enunciação postula um alocutário. Desse modo, o alocutário se relaciona com o locutor, o sentido do enunciado produzido por um locutor a um alocutário é a representação da enunciação. Já a referência (o sentido) é parte integrante da enunciação, ou seja, “o que em geral caracteriza a enunciação é a *acentuação da relação discursiva com o parceiro*, seja este real ou imaginado, individual ou coletivo” (BENVENISTE, 2006, p. 87). Dessa forma, podemos ratificar que:

[...] na enunciação, a língua se acha empregada para a expressão de uma certa relação com o mundo. A condição mesma dessa mobilização e dessa apropriação da língua é, para o locutor, a necessidade de referir pelo discurso, e, para o outro, a possibilidade

⁴ Segundo Flores (2013a, p. 177) índices específicos são: “recursos linguísticos, previstos no aparelho formal da língua, cuja função é colocar o locutor em relação constante e necessária com sua enunciação e que permitem ao locutor enunciar a sua posição de locutor”.

⁵ Para Flores (*op. cit.*) procedimentos acessórios são: “recursos linguísticos, previstos no aparelho formal da língua, cuja função é colocar o locutor em relação constante e necessária com a enunciação. São todos os mecanismos linguísticos que, embora não específicos, servem para o locutor enunciar a sua posição”.

de co-referir identicamente, no consenso pragmático que faz de cada locutor um co-locutor. A referência é parte integrante da enunciação. (BENVENISTE, 2006, p. 24).

Ao enunciar, o indivíduo não pode voltar a falar do mesmo jeito que acabou de proferir o enunciado, pois as funções enunciativas são irrepetíveis. Na subjetividade, o que vale é o tempo presente, pois o presente mostra a intenção do sujeito falante: “o presente formal não faz se não explicitar o presente inerente à enunciação, que se renova a cada produção de discurso”, ou seja, é na enunciação que o presente do próprio ser se delimita, por referência interna, entre o que vai se tornar presente e o que não o é mais. (BENVENISTE, *op. cit.*, p. 86).

Para Flores et al. (2013, p. 38), Benveniste supõe o processo de referenciação como parte da enunciação. Isto é, “ao mobilizar a língua e dela se apropriar, o locutor estabelece uma relação com o mundo via discurso”. A referência citada por Benveniste (2006) é “a identidade apontada por uma expressão linguísticas, em determinado contexto de uso (CANÇADO, 2005, p. 83). Já a intersubjetividade é a interação ente o eu e o outro mutuamente, isto é, a relação dialógica entre o *eu* e o *tu*.

Segundo Ilari e Geraldi (2000), na linguística moderna, quem aponta e identifica as pessoas, coisas, momentos, e lugares a partir da situação da fala é a dêixis (ato de mostrar).

De acordo com Benveniste (2006, p. 84-85), os índices de ostensão estão relacionados com a enunciação “os numerosos *índices de ostensão* (este, aqui, etc.), termos que implicam um gesto que designa o objeto ao mesmo tempo que é pronunciada a instância do termo”.

Para Ilari e Geraldi (2000, p. 66) “o presente do indicativo, a primeira e a segunda pessoas do verbo, os demonstrativos são algumas expressões que permitem identificar pessoas coisas, momentos e lugares a partir da situação da fala”. Os pronomes demonstrativos, os tempos dos verbos e advérbios são elementos dêíticos.

Então, para que a interação entre o eu-tu ocorra sem interferências ou ruídos é necessário analisar o que a referência e a dêixis representam naquele exato momento. Logo, “cada enunciação é um ato que serve o propósito direto de unir o ouvinte ao locutor por algum sentimento, social ou de outro tipo” (BENVENISTE,

2006, p. 90). Pois a linguagem nesta função age não como um instrumento de reflexão, mas como um modo de ação.

É difícil descrever a história do uso dado à palavra enunciação. Para Flores (2013b, p. 89) “é difícil recuperar a história do termo *Semântica da Enunciação* e, mais difícil ainda é recuperar a história do uso atribuído à palavra *enunciação*”. Isso permite compreender a escassez de trabalhos que se dedicam a informar as origens históricas e conceituais de ambas. Segundo o autor, é difícil definirmos o que estuda a Semântica da Enunciação, a começar pelas diferenças de nomeações que existem para identificar o campo.

Há, no mínimo, três denominações: Semântica da enunciação, Teoria da Enunciação e Linguística da Enunciação. Flores (2013b), explica que quando falamos nos autores individualmente, falamos em Teorias da Enunciação; quando falamos no conjunto delas, usamos o termo Linguística da Enunciação. Já a Semântica da Enunciação estuda o sentido advindo, sobretudo, da relação entre o eu e o tu.

O autor ainda destaca que a enunciação assume aspectos distintos em cada perspectiva teórica, ou seja, para fazermos uma análise enunciativa temos que nos vincular a uma das Teorias da Enunciação, de modo que esclareçamos o lugar de onde partem as discussões. Sendo assim, neste trabalho foram escolhidos os aspectos semânticos e semióticos circunscritos à Teoria Enunciativa de Émile Benveniste para verificarmos se a forma dialetal traz um sentido para aquele que faz uso da linguagem.

Benveniste (2006, p. 229) afirma que há dois modos de significação. Isto é, para o autor há dois modos de significação da língua. O modo semiótico, que está organizado por relações paradigmáticas e internas à língua, onde cada signo é significativo em relação a sua diferença com os demais e o modo semântico que está organizado por operações sintagmáticas no nível da frase, através da colocação da língua em ação por um locutor.

Para Benveniste (*op. cit.*, p. 224) “dizer que a língua é feita de signos é dizer antes de tudo que *o signo é a unidade semiótica*”. Enquanto isso, Trois (2004, p. 36) informa que “o signo depende da consideração semiótica da língua”. Ele explica ao leitor que o signo é limitado pela significação, para ele o conceito de significação subordina o de signo.

Assim, a semiótica constitui uma propriedade da língua e a semântica uma propriedade do locutor. Dessa maneira, podemos dizer que as noções de forma e sentido, anteriormente disjuntas (semiótico, para a forma dos signos e semântico, para o sentido das palavras na frase). Para Trois (2004, p. 36) esse englobamento, proposto por Benveniste, do nível de significação é produzido pela articulação semântica. “onde o sentido é definido pela mensagem, que é organizada pelas palavras que por sua vez, são determinadas pelo contexto de situação de discurso”. O autor ainda acrescenta que é isso que possibilita o desenvolvimento teórico da categoria de pessoa e dos conceitos de intersubjetividade e de enunciação.

A noção de pessoa criada por Benveniste (2005, p. 253) diz que existem duas pessoas do discurso que são relacionadas: eu/tu. Por outro lado, existe a não-pessoa que é: ele. As características entre pessoa (eu/tu) e não-pessoa (ele) são:

[...] a sua *unicidade* específica: o ‘eu’ que enuncia, o ‘tu’ ao qual ‘eu’ se dirige são cada vez únicos. [...] Uma segunda característica consiste em que ‘eu’ e ‘tu’ são inversíveis: o que ‘eu’ define ‘tu’ se pensa e pode inverter-se em ‘eu’, e ‘eu’ se torna um ‘tu’. Nenhuma relação paralela é possível entre uma dessas pessoas e ‘ele’, uma vez que ‘ele’ em si não designa especificamente nada nem ninguém. Finalmente, [...] a ‘terceira pessoa’ é a única pela qual uma *coisa* é predicada verbalmente.

O eu/tu são a marca de pessoa, isto é, um se opõe ao outro por um traço linguístico. Por outro lado, o ele se opõe ao par eu/tu, ou seja, o ele é privado do traço linguístico, da conversação, não fazendo parte do diálogo, da ação comunicativa.

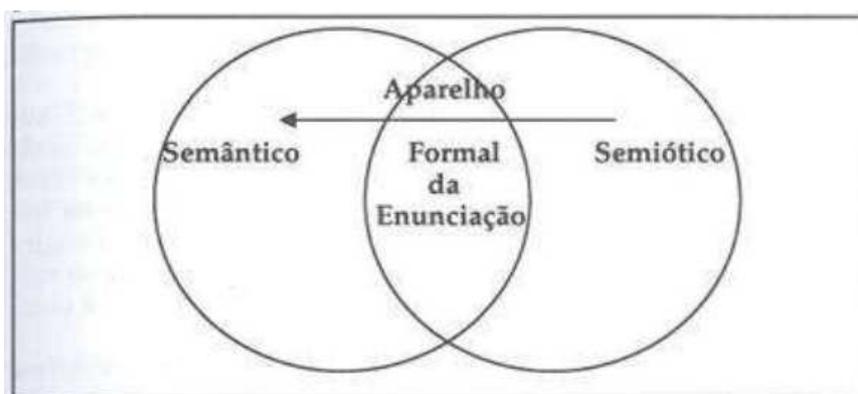


Figura 7: Correlação de personalidade.

É na referência que o sentido é dado, ou seja, é transmitido através do sujeito falante. Dessa forma, é no ato da enunciação que é estabelecida na categoria do presente é que está relacionado a categoria do tempo. “O presente é propriamente a origem do tempo” (BENVENISTE, 2005, p. 85).

Dessa maneira, podemos verificar que a enunciação é um evento único que não se repete e que está repleto de significados, isto é, a enunciação possui valores semióticos e semânticos. Para analisarmos o sentido semântico e semiótico do enunciado, devemos levar em consideração o contexto da interação, do diálogo, da enunciação.

Referente ao ato enunciativo, Trois (2004) também mostra a sequência de relações entre os âmbitos semióticos e semânticos da linguagem, relacionados ao conceito de enunciação. O primeiro âmbito tem como unidade o signo, o segundo, a palavra:



Quadro 1: Relação Semiótica e Semântica
Fonte: (TROIS, *op. cit.*, p. 37).

O referido autor pontua que no âmbito Semiótico a unidade de significação é o Signo – correspondente ao conceito de língua em Saussure, ou seja, a língua é uma possibilidade combinatória (diferencial) que está virtualmente à disposição da comunidade dos falantes. Assim o âmbito semiótico define-se pela existência do signo na língua, que depende exclusivamente das relações diferenciais que se estabelecem no interior do sistema, independente da existência do sujeito e da referência.

Por outro lado, no âmbito Semântico, Trois (2004) explica que a unidade de significação é a palavra considerada como ‘língua em uso’. É a palavra que ao ser agenciada pelo locutor, coloca a língua em funcionamento. Por isso, língua e uso são indissociáveis, um não existe sem o outro. Dessa maneira, “as palavras,

instrumentos da expressão semântica, são materialmente os signos do repertório semiótico” (BENVENISTE, 2006, p. 233).

Flores et al. (2009) mencionam que o sentido intervém nas operações de segmentação e substituição em função do nível da análise do qual ele depende. O sentido de uma unidade é condição fundamental para que ela possa, simultaneamente, integrar um nível superior e distribuir-se no mesmo nível. Ele esclarece que há duas espécies de relações entre as unidades: as relações entre unidades do mesmo nível e as relações entre unidades de nível diferente, ou seja:

Entre as unidades de mesmo nível, as relações são *distribucionais*; entre as unidades de nível diferente, são *integrativas*. É nesse contexto que Benveniste acrescenta a discussão em torno das noções de *forma e sentido*. A forma diz respeito às relações *distribucionais* e permite reconhecer as unidades como *constituintes*; o sentido diz respeito às relações *integrativas* e permite reconhecer as unidades como *integrantes*. (FLORES et al., *op. cit.*, p. 123-124).

Esquemáticamente, temos:

RELAÇÕES DISTRIBUCIONAIS	RELAÇÕES INTEGRATIVAS
Permitem reconhecer unidades <i>constituintes</i>	Permitem reconhecer unidades <i>integrantes</i>
FORMA: capacidade de dissociação	SENTIDO: capacidade de integração

Quadro 2: Níveis de Análise Linguística
Fonte: (FLORES et al., 2009, p. 123-124).

Ainda considerando as ideias de Flores et al. (*op. cit.*), o modo semiótico da língua está ligado ao sistema de signos cuja significação se estabelece intrassistema, mediante distinção. O modo semântico, por sua vez, está ligado à atividade do locutor e implica construção de referência e agenciamento sintagmático.

Benveniste (2014, p. 100), afirma que a língua é observada da seguinte maneira:

A língua é vista, ao mesmo tempo, como conjunto de signos e como um dos sistemas semiológicos. Assim é definida a estrutura e o pertencimento da língua; sua natureza ‘significante’ e a dependência em que ela se encontra em relação a outros sistemas de signos,

entre os quais toma lugar. A língua, feita de signos, se torna um dos sistemas de signos. Para nós, que nos interessamos pela noção de signo e pela semiologia, trata-se de ver como Saussure a pensou, uma vez aceito que a linguística é um ramo da semiologia geral.

Benveniste (2014) ainda reitera que poderíamos dizer que a língua pertence ao sistema geral da significação e que ela faz parte, enquanto sistema particular mais elaborado, do mundo dos sistemas significantes, cuja característica é a de serem sistemas, de apresentarem significação como distribuída e articulada por princípios significantes. Assim, “há, portanto, uma força original em curso, que opera as grandes separações de unidades, que nos aparecem eternamente divididas, como ‘forma’ e ‘sentido’, ‘significante/significado” (BENVENISTE, 2014, p. 119).

Forma e sentido estão intimamente ligados. Um não anda sem o outro, mas essa ligação não pode ser inteiramente contingente e, se nos preocuparmos em descrever atentamente as formas, descobrimos que é o sentido que dá a razão de suas diferenças, até mesmo de suas anomalias.

Há, de fato, uma ordem dos signos diferente daquela da natureza ou da racionalidade, mas não sem relação com a substância, ingrediente inseparável do sujeito vivo e do mundo de sua experiência. Não podemos esquecer que o sentido passa sempre por formas. Esse é verificado quando o locutor está no momento da enunciação, quando ele coloca o seu discurso em ação (formando frase) para ser compreendido pelo alocutor na interação comunicativa.

Referente às explicações sobre frase, Benveniste (2005, p. 139-140) diz o seguinte: “a frase pertence ao discurso”, isto é, a frase tem uma predicação. Flores (2013a, p. 135), por sua vez, esclarece esta citação de Benveniste e menciona que “há um duplo aspecto na frase: de um lado (o formal), ela é o nível superior da análise, é uma predicação; de outro lado (do sentido) é de limites indefinidos; é o próprio discurso”. Benveniste (2005, p. 139-140) conceitua a frase da seguinte maneira:

A frase é uma unidade, na medida em que é um segmento de discurso, e não na medida em que poderia ser distintiva com relação a outras unidades do mesmo nível – o que ela não é, como vimos. É porém uma unidade completa, que traz ao mesmo tempo sentido e referência: sentido porque é enformada de significação, e referência porque se refere a uma determinada situação. Os que se comunicam têm justamente isto em comum, uma certa referência de situação, sem a qual a comunicação como tal não se opera, sendo inteligível o ‘sentido’ mas permanecendo desconhecida a ‘referência’.

Concernente à questão da referência mencionada por Benveniste (2005) Normand (2012) informa que: “tudo indica que ele respondeu em suas análises, levando em conta as particularidades de enunciação de um sujeito na língua”. Vale ressaltar que a referência diz respeito a uma determinada situação.

Dessa maneira, podemos verificar que a enunciação é um evento único que não se repete e que está repleta de significados, e que ela possui valores semióticos e semânticos. Além disso, verificamos a diferença entre o sentido semântico e semiótico. Forma e sentido estão intimamente ligados, um não anda sem o outro, e é o sentido que dá a razão de suas diferenças.

2.2 LINGUAGEM E CULTURA

A linguagem confere ao homem e à comunidade linguística da qual ele faz parte características peculiares de observar o mundo ao seu redor. Cada comunidade linguística faz sua leitura de mundo que é influenciada pelos aspectos socioculturais e históricos. Assim:

O homem inventa e compreende símbolos; o animal, não. [...] Na verdade o homem não foi criado duas vezes, uma vez sem linguagem, e uma vez com linguagem. A ascensão de Homo na série animal pode haver sido favorecida pela estrutura corporal ou pela sua organização nervosa; deve-se antes de tudo à sua faculdade de representação simbólica, fonte comum do pensamento, da linguagem e da sociedade. (BENVENISTE, 2005, p. 29).

Benveniste (*op. cit.*, p. 30) ainda informa que a linguagem é uma entidade de dupla face. Ela “torna a experiência interior de um sujeito acessível a outro numa expressão articulada e representativa”. Dessa forma, é através da linguagem que as pessoas se comunicam. Mas para que essa comunicação seja compreensível, é necessário que os sujeitos falantes usem o mesmo sistema simbólico, isto é, utilizem a mesma língua, pois “língua e sociedade não se concebem uma sem a outra” (*op. cit.*, p. 31). Também é importante que o indivíduo além de ter conhecimento de sua língua, tenha conhecimento da cultura que o cerca porque:

A cultura define-se como um conjunto muito complexo de representações, organizadas por um código de relações de valores: tradições, religião, leis, política, ética, artes, tudo isso de que o homem, onde quer que nasça, será impregnado no mais profundo da sua consciência, e que dirigirá o seu comportamento em todas as formas de sua atividade [...] pela língua, o homem assimila a cultura, a perpetua ou a transforma. (BENVENISTE, 2005, p. 32).

Língua e cultura possuem símbolos específicos pelos quais cada sociedade se identifica e diverge, então, uma das outras. Já a linguagem é o elo que une o homem à língua e a cultura. Benveniste (2006, p. 93), nesse ínterim, define a linguagem do seguinte forma:

A linguagem é para o homem um meio, na verdade, o único meio de atingir o outro homem, de lhe transmitir e de receber dele uma mensagem. Consequentemente, a linguagem exige e pressupõe o outro. A partir deste momento, a sociedade é dada com a linguagem. Por sua vez, a sociedade só se sustenta pelo uso comum de signos de comunicação. A partir deste momento, a linguagem é dada com a sociedade. Assim, cada uma destas duas entidades, linguagem e sociedade, implica a outra.

Conforme Benveniste (2005, p. 286), “é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito; porque só a linguagem fundamenta na realidade, na sua realidade que é a do ser, o conceito de ego”. Flores (2013a, p. 98) faz algumas discussões que derivam dessa passagem e explica que talvez não fosse absurdo considerar que: “quando Benveniste utiliza a construção *pela linguagem*, esteja pensando em *língua*. Nesse caso, poder-se-ia concluir que o homem se constitui sujeito na linguagem e pela língua”.

Flores (*op. cit.*, p. 99) discorre que: “a linguagem fundamenta na realidade do sujeito”. O contato com pessoas de outras localidades em viagens de lazer, o acesso à escola e ao trabalho contribuem para que essa mudança ocorra. A linguagem tem um papel importante, uma vez que confere ao indivíduo uma identidade, fazendo com que seja possível identificarmos a sua procedência (se é recifense, soteropolitano, cearense, alagoano, etc.), o grupo ao qual o indivíduo faz parte, ou seja, a classe social, a faixa etária, o nível de escolaridade e o sexo.

Destarte, ela tem como função reconhecer a pessoa como sujeito através de suas marcas linguísticas e enunciativas. De acordo com Benveniste (2006), essa função que a linguagem possui de constituir a pessoa como sujeito falante, é o fator diferencial, visto que esse sujeito é marcado pela linguagem.

É sabido que os aspectos socioculturais e históricos influenciam na construção cultural de uma determinada região, visto que a língua utilizada por uma região específica dá a ela características próprias, facilitando a identificação do sujeito falante. Quer dizer, a língua por ser social possui aspectos socioculturais e por eles é influenciada.

A esse respeito, Preti (2003, p. 49) referente à língua falada informa que ela representa “uma das mais imediatas marcas de identidade social [...] e a fala se incorpora à identidade das pessoas, trazendo-lhes maior ou menor prestígio, no contexto social em que se envolvem”. Isto é, a identidade de um indivíduo vai depender do meio em que ele vive e com quais pessoas ele se relaciona. A interação social desse sujeito será, portanto, um aspecto importante na hora da comunicação.

O modo de falar representa a maneira de pensar de cada grupo e as palavras utilizadas por esses grupos estão relacionadas à realidade de cada região. Sendo assim, a maneira de falar mostra a cultura que aquele indivíduo está inserido. Para Carvalho (2014, p. 38-39), a cultura é: “transmitida pela língua, sendo também seu resultado, o meio para operar e a condição da subsistência dessa cultura. [...] as diferenças culturais [...] podem ser regionais e até grupais”.

A presença de índices carregados de cultura na fala do indivíduo pode mostrar a sua origem. “Em outras palavras, o indivíduo pode agir, atribuindo maior ênfase ao fato de ser jovem, ou de ser feminino ou pertencer à classe média” (PAIM, 2013, p. 93).

Pertencer a um grupo social está relacionado ao conhecimento que esses indivíduos têm das convenções locais que servem para construir as identidades através de exhibições de atos. “Assim, a identidade social é concebida como um significado social complexo que pode ser destilado do significado dos atos que a constitui” (PAIM, *op. cit.*, p. 20).

Quando o indivíduo faz parte de uma determinada comunidade linguística, ele possui traços culturais daquele meio. Dessa forma, a cultura parece ter um fator determinante na identidade desses sujeitos falantes. A identidade cultural favorece as construções de visões de mundo como defendido por Santana (2012, p. 51):

[...] quando essa identidade é linguisticamente construída e determinada, e muitos grupos humanos compartilham do mesmo

grau de complexidade linguístico e conseqüentemente identitário, em face da cultura que integram, se estabelece um novo cenário.

Sobre identidade, Hall (2015, p. 11-12) apresenta três concepções: sujeito do Iluminismo, sujeito sociológico e sujeito pós-moderno. O autor caracteriza cada o sujeito da seguinte maneira:

O sujeito do Iluminismo estava baseado numa concepção da pessoa humana, cujo 'centro' consistia num núcleo interior [...] A noção de sujeito sociológico refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que esse núcleo interior do sujeito não era autossuficiente, mas era formado na relação com 'outras pessoas importantes para ele' [...] Esse processo produz o sujeito pós-moderno, [...] que assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um 'eu' coerente.

O autor ainda afirma que a globalização causa um impacto na identidade cultural, pois as sociedades modernas sofrem mudanças constantes e rápidas, visto que, é muito mais fácil se locomover para outras regiões, interagir com outras culturas, na sociedade globalizada. Além disso, a tecnologia favorece esse deslocamento e intercâmbio com outras pessoas de origens diferentes. Com isso, ela amplia a visão de mundo do indivíduo, e por outro lado, percebemos que as culturas são diferentes.

Quando identificamos isso, iniciamos o processo de analogias. O indivíduo, então, passa a analisar o que é parecido ou diferente com a sua cultura. A preocupação maior é com o que é diferente, visto que quando estamos imersos em outra cultura, precisamos entender o modo de viver e enxergar o mundo da outra localidade para que possamos chegar a um denominador em comum, ou seja, para que possamos compreender e sermos compreendidos pelo outro.

Para Hall (*op. cit.*, p. 12), as sociedades modernas diferem das tradicionais "as sociedades modernas são, portanto, por definição, sociedades de mudança constante, rápida". Nas sociedades tradicionais, o passado é valorizado e os índices culturais são apreciados, uma vez que possuem a experiência das gerações. Dessa forma, percebemos que a tradição é uma maneira de fazer prevalecer o passado em uma determinada sociedade. O tradicionalismo local pode ser positivo ou negativo, isso irá depender dos interesses daquela localidade.

Sendo assim, entendemos que a identidade é algo construído no decorrer do tempo, ou seja, “ela permanece sempre incompleta, está sempre ‘em processo’, sempre ‘sendo formada” (HALL, 2015, p. 24). Dessa maneira, podemos deduzir que a identidade cultural está relacionada ao sujeito que reside em determinada região (Salvador ou Recife), pois esse indivíduo está sempre em processo de formação, interagindo com o meio em que vive para sobreviver e formar laços com os seus descendentes. Esses laços são fortalecidos através da língua, ou seja, o homem que vive na sociedade moderna sofre mudanças rápidas e que são necessárias para compor sua identidade cultural. Concernente à língua, Benveniste (2006, p. 94) explica que ela é o espelho da sociedade, refletindo na estrutura social suas particularidades e suas variações. O autor ainda afirma que a língua é uma identidade em meio às diversidades individuais.

Consequentemente, podemos inferir que o sujeito é marcado na linguagem através da língua, e das expressões linguísticas que usa e isso inclui o dialeto:

Tudo que dizemos tem um ‘antes’ e um ‘depois’ – uma margem’ na qual outras pessoas podem escrever. O significado é inerentemente instável: ele procura o fechamento (a identidade), mas ele é constantemente perturbado (pela diferença). Ele está constantemente escapulindo de nós. (HALL, 2015, p. 26).

Quando levamos em conta o princípio de que é possível encontrarmos a identidade cultural nos traços linguísticos do falante, é porque verificamos que os traços linguísticos formam a identidade, e que são esses mesmos traços que marcam o sujeito na linguagem. Por isso, propomo-nos a examinar as marcas do sujeito na língua, a partir dos verbos e expressões verbais dialetais, relacionando o sentido definido dos verbos e expressões verbais como índice cultural.

Benveniste (2006) afirma ser a enunciação o ato individual de colocar a língua em funcionamento. Esse aspecto aproxima em nossas discussões a afirmação do linguista à identidade cultural, pois o homem é um ser que vive em sociedade, e ao enunciar utiliza as suas marcas linguísticas. Dessa forma, ao considerarmos a possibilidade do sujeito se enunciar ao se apropriar e utilizar o dialeto é que percebemos a identidade cultural do sujeito falante, tendo em vista a relação estabelecida entre a língua e o sujeito na enunciação.

Conforme Benveniste (2014, p. 103), “simplesmente a língua está em toda parte. A consideração é pragmática”. Ainda com as palavras do autor:

[...] a língua contém a sociedade [...] Em contrapartida, é impossível descrever a cultura, fora de suas expressões linguísticas. Nesse sentido a língua inclui a sociedade, mas não é incluída por ela. [...] Consideremos portanto que a língua interpreta a sociedade. A sociedade torna-se significante na e pela língua, a sociedade é o interpretado por excelência da língua. (BENVENISTE, 2006, 97-98).

O sujeito afirma a sua identidade cultural através da língua. Benveniste (*op. cit.*) faz uma observação referente a Saussure sobre a economia no processo de comunicação linguística, afirmando que ela é como a língua um sistema de valores. Para Benveniste (2006, p. 103), a analogia desperta longas reflexões:

É a noção de troca, que poderia ser assimilada à troca paradigmática. Sabe-se que o eixo paradigmático da língua é aquele que é justamente caracterizado, em relação ao eixo sintagmático, pela possibilidade de substituir um termo por um outro, uma função por outra na medida em que justamente ela tem um valor de utilização sintagmática.

É nessa troca que o eixo paradigmático da língua permite a mudança de valor, de sentido, no eixo sintagmático. Sendo assim, a sociedade é suscetível como o sujeito se estabelece e se constitui na relação com o outro e com a língua. Freitas (2010) pontua que ao pensarmos na enunciação de Benveniste, partindo da noção de intersubjetividade, talvez seja possível propor trabalhos relacionados à identidade cultural.

Segundo o autor, em princípio, não seria provavelmente o caso de uma análise linguística formal; mas sim, de uma semântica discursiva. Ele acrescenta que se quisermos entender a cultura como a relação entre sujeito, língua e sociedade, temos não só uma mera manifestação discursiva de alguns sujeitos. Temos na verdade, algo que atesta essa relação intrincada: está na língua (aqui como discurso) porque está no sujeito, e portanto na sociedade, simultaneamente. O autor sugere outra questão para estudo da identidade cultural:

Outra questão pertinente é, já que Benveniste fala em ‘estrutura’ da língua e da sociedade, discutir se cabe pensarmos os estudos da

cultura, ou da identidade mais especificamente, dentro da sugerida metassemântica⁶, que ainda não tem seu aparelho de conceitos e definições, mas que pode ser desenvolvido. De antemão, podemos propor que falar de identidade cultural é propor-se como sujeito da cultura na língua (dizer 'eu sou gaúcho' não está em uma relação lógica como mundo organizado geopoliticamente, mas está em uma relação subjetiva com e referencial ao próprio discurso sobre a cultura). (FREITAS, 2010, p. 327).

Benveniste (2006, p. 67), ao explicar que é necessário ultrapassar a noção saussuriana, cita a metassemântica e fala que a semiologia de segunda geração se construirá a partir da semântica da enunciação:

Esta ultrapassagem far-se-á por duas vias: - na análise intralinguística, pela abertura de uma nova dimensão de significância, a do discurso, que denominamos semântica, de hoje em diante distinta da que está ligada ao signo, e que será semiótica; - na análise translinguística dos textos, das obras, pela elaboração de uma metassemântica que constituirá a semântica da enunciação. Esta será uma semiologia de 'segunda geração'.

Isto é, ao tomar a língua, o sujeito enuncia sua posição com marcas linguísticas específicas (BARBISAN, 2006). Flores (2013a, p. 81) também destaca a importância da metassemântica, afirmando que: “a análise *translinguística* é a que exige um novo domínio, uma nova disciplina, a *metassemântica*”. Através disso, podemos constatar que Benveniste consegue fazer uma relação da linguagem com a sociedade e a cultura.

Benveniste (2006, p. 93) menciona, ainda, que a sociedade é dada com a linguagem. “Assim, cada uma destas duas entidades, linguagem e sociedade, implica a outra”. Um exemplo disso são os sotaques, a variação linguística que marcam o sujeito no discurso e indicam a sua origem.

Assim, é que percebemos que o sujeito traz na sua fala a sua identidade cultural. Referente à identidade cultural reiteramos neste trabalho este colocar em funcionamento a língua quando o sujeito se apropria e utiliza um dialeto, tendo em vista a relação estabelecida entre a língua e o sujeito na enunciação. É através das marcas linguísticas que o sujeito se estabelece e se constitui na relação com o outro e com a língua. Assim, ele revela a sua identidade cultural através da língua. Em

⁶ “Disciplina que deveria estudar, com base na semântica da enunciação, os textos e as obras. Tal disciplina foi apenas concebida programaticamente por Benveniste” (FLORES, 2013a, p. 160).

termos teóricos, podemos dizer que a identidade cultural pertence à esfera do discurso.

Para Fairclough (2008, p. 92) é através do discurso que os sujeitos falantes podem agir com o mundo e com outras pessoas, já que: “a função identitária relaciona-se aos modos pelos quais as identidades sociais são estabelecidas no discurso”.

Assim, a função identitária mostra o discurso sobre a cultura e a identidade cultural do falante, ou seja, “a ideia de identidade cultural revela um construto de práticas históricas e conjunção/dispersão de discursos sobre a cultura e sobre a identidade” (FREITAS, 2010, p. 322). É o sujeito que se encontra marcado na língua ao fazer referência a si e ao seu povo ao utilizar uma forma dialetal no seu discurso.

Gandini (2007, p. 54), tratando da relação discurso e cultura, explica que nem sempre a expressão cultural dialoga de modo consensual, mas também conflituoso. Para ele,

[...] a origem da referência cultural faz menção ‘a pelo menos três elementos históricos que instituem a vida social: experiência/sobrevivência, imitação e imaginação. Essas três dimensões não se processam de modo isolado, mas cruzam e dialogam, de forma complementar ou mesmo contraditória’.

Dessa maneira, a identidade cultural vai se firmando com suas características próprias, definindo o povo que mora em determinada região do Brasil. Neste capítulo, constatamos que através das marcas enunciativas é possível reconhecer a identidade do sujeito falante.

A identidade cultural expõe o sujeito que se encontra marcado na língua ao fazer referência a si e ao seu povo quando utiliza uma forma dialetal no seu discurso. O dialeto utilizado pelo sujeito falante o marca como pertencente a uma determinada região. Para aplicar os pressupostos teóricos preconizados por Benveniste (2005; 2006), realizamos uma pesquisa, cujos aspectos metodológicos estão dispostos no capítulo 3, a seguir.

3 METODOLOGIA

A metodologia usada neste trabalho foi baseada numa pesquisa de campo do tipo estudo de caso, realizada nas cidades de Recife e Salvador, na qual discutimos a relação de sentido e as possíveis marcas do sujeito encontradas no discurso durante as entrevistas realizadas em escolas, igrejas, shoppings, bibliotecas, feiras e estabelecimentos comerciais com o intuito de compor o perfil dos sujeitos baseados nas orientações de Cardoso (2010) para a construção do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) que se fundamentam em um tripé básico: a rede de pontos (a área a ser submetida à investigação dialetal), os informantes e os questionários, que podem ser adaptados de acordo com as diferentes perspectivas teóricas e objetivos da pesquisa.

Optamos por catalogar respostas através do registro de verbos proferidos em Salvador e Recife por falantes de dois grupos (Grupo 1: Recifenses e Grupo 2: Soteropolitanos) com o intuito de verificarmos a relação cultural e de sentido dos verbos nos sujeitos falantes entrevistados, uma vez que o sujeito marca a forma que for seu lugar na cultura, ou no próprio discurso sobre a cultura (FREITAS, 2010).

Seguindo a proposta do ALiB, utilizamos o questionário com transcrição grafemática e direta que foram efetuadas no ato da entrevista na qual solicitamos que os sujeitos respondessem questões relativas à classe gramatical dos verbos, para trazerem os verbos como indicadores de subjetividade. Objetivamos com isso investigar as possíveis diferenças de sentido entre os verbos dos recifenses e dos soteropolitanos, demonstrando uma provável relação subjetiva estabelecida no uso dos verbos em cada região campo de pesquisa, pois os verbos para Benveniste (2005, p. 288) estão relacionados “à dêixis: formas disponíveis na língua cujo emprego remete à enunciação”.

Esclarecemos que a escolha do perfil e da faixa etária dos informantes seguem as normas adotadas pelo Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), que conforme Cardoso (2010) já estabeleceu que não há mudanças linguísticas significativas na faixa etária entre 30 e 50 anos.

Na entrevista, utilizamos um questionário adaptado de acordo com a realidade de cada região investigada (Recife e Salvador) referente aos verbos. Para isso, também nos espelhamos no Questionário Morfossintático - QMS do ALiB.

Foram entrevistados 40 (quarenta) informantes da seguinte maneira: 20 sujeitos entrevistados em cada capital distribuídos em duas faixas etárias: de 18 a 30 anos e de 50 a 65 anos. Além da faixa etária, foi necessário que os entrevistados possuíssem até o 5º ano do ensino fundamental e/ou tenham concluído o curso superior.

Antes das entrevistas, todos os informantes assinaram o TCLE – Termo de consentimento livre e esclarecido. Depois disso, foram preenchidas as fichas do informante conforme modelo do ALiB e disponibilizado por Cardoso (2010).

Em Recife, foram entrevistados 10 mulheres e 10 homens, sendo 9 mulheres com ensino superior e 1 (uma) com até o 5º ano do ensino fundamental. Dessas, 6 mulheres possuem a faixa etária de 18 a 30 anos e 4 mulheres possuem a faixa etária de 50 a 65 anos. Entrevistamos 10 homens com nível superior, sendo que 1 (um) homem pertence a faixa etária de 50 a 65 anos e 9 homens pertencem a faixa etária de 18 a 30 anos.

Em Salvador, foram entrevistados 15 mulheres e 5 homens, sendo 7 mulheres com ensino superior e 8 mulheres com até o 5º ano do ensino fundamental. (Cinco dessas mulheres têm a faixa etária de 50 a 65 anos e 10 pertencem à faixa etária de 18 a 30 anos). Referente aos homens, entrevistamos 3 rapazes de nível superior, sendo 2 homens na faixa etária de 18 a 30 anos e 1 homem com a faixa etária de 50 a 65 anos; e 2 homens com até o 5º ano do ensino fundamental (com a faixa etária de 18 a 30 anos).

Em cada ponto da pesquisa (Recife e Salvador) consideramos as dimensões: diagenérica (homens e mulheres); diageracional (18 a 30 anos e 50 a 65 anos) e diastrática (até o quinto ano do ensino fundamental e com curso superior completo).

Pela rigidez do critério definido pelo ALiB para a seleção dos indivíduos entrevistados, o quantitativo de homens e mulheres entrevistados não foram iguais nas duas cidades, haja vista a dificuldade de encontrar nativos recifenses e soteropolitanos que tenham pais recifenses e soteropolitanos, além da dificuldade em encontrar pessoas com até o 5º ano do ensino fundamental.

Podemos levar em consideração que em virtude de algumas mudanças na administração pública brasileira, hoje em dia, o acesso à escola é mais fácil e que os indivíduos têm a oportunidade de completar o Ensino Médio. Essa realidade não era possível anteriormente, pois a maioria das pessoas morava na zona rural e não havia leis que exigissem a permanência dos menores nas escolas. Diante disso,

foram encontrados muitos jovens na faixa etária de 18 a 30 anos com o Ensino Médio completo.

Nas instituições que possuem Educação de Jovens e Adultos (EJAs), foi difícil encontrar pessoas na faixa dos 50 a 65 anos com até o 5º ano do ensino fundamental, pois o número de escolas que possuem EJAs foi reduzido e as pessoas que foram inquiridas tinham origem interiorana.

Todos os informantes entrevistados são nascidos nos dois pontos de inquéritos e os pais dos mesmos também são nativos e com pouca ausência. Além disso, os sujeitos entrevistados não possuem problemas articulatórios (gagueira, falta de dentes, desvios fonéticos e fonológicos), pois tais problemas dificultariam na recolha dos dados em campo.

Para conhecer um pouco dos pontos de inquérito em que houve a pesquisa, segue uma descrição panorâmica dos dois municípios, o que auxiliará numa justificativa pela escolha e na compreensão sobre os limites que os tornam aparentados.

3.1 SALVADOR

A cidade que constitui a capital do estado da Bahia, Salvador, é uma cidade tropical que possui um clima quente e úmido. Salvador foi fundada em 29 de março de 1549. O primeiro Governador Geral do Brasil foi Tomé de Souza que ao desembarcar na Bahia, iniciou a construção da cidade de Salvador, seguindo as ordens determinadas pelo rei.

Ao longo dos três primeiros séculos posteriores ao descobrimento do Brasil, Salvador, foi capital entre 1549 -1763. Em 1501, uma expedição de reconhecimento à terra descoberta por Pedro Álvares Cabral, deparou-se com uma grande e bela baía – batizada de Baía de Todos-os-Santos pelo navegador Américo Vespúcio, por ter sido descoberta no dia 1º de novembro. O grande golfo tornou-se, uma referência aos navegadores, passando a ser um dos pontos mais conhecidos e visitados no litoral do Novo Mundo.

A CIDADE FORA EDIFICADA na extremidade interna meridional da península, a treze graus de latitude sul e quarenta e dois de longitude oeste, no litoral do Brasil. Ficava diante de uma enseada larga e limpa que lhe deu o nome: Bahia. (MIRANDA, 2006, p.8).

Nessa época Salvador possuía duas portas: uma ao sul, chamada Portas de São Bento, subindo a Avenida Sete de Setembro, e a outra ao norte, denominada Portas do Carmo, perto da igreja de Nossa Senhora do Carmo. Segundo Ribeiro (2005, p. 35):

Criada como cidade, Salvador recebeu um termo de grandes dimensões e foi dotada de um rossio. O termo da cidade representava o território sobre o qual se exercia o poder municipal. Já o rossio era uma parte do termo demarcado junto ao núcleo urbano que era utilizado para a pastagem de animais domésticos e para a coleta de lenha, fundamental nos afazeres caseiros da época.

Na parte alta da cidade ficava o centro político-administrativo e na parte baixa localizava-se o porto e no seu entorno funcionava toda a vida comercial da cidade.

Hoje a capital baiana continua sendo dividida em duas partes: a Cidade Alta, a maior delas, e a Cidade Baixa, cortada por faixas litorâneas. Existem em Salvador elevadores que fazem o transporte entre a Cidade Alta e a Cidade Baixa. O elevador mais conhecido da cidade baiana é o Elevador Lacerda com 72 metros de altura que liga o Centro Histórico ao Mercado Modelo. Em seguida destaca-se o Plano Inclinado da Liberdade que facilita o transporte entre a Liberdade e a Calçada. Há ainda em Salvador o Plano Inclinado Gonçalves que facilita o transporte da população entre o comércio e o centro histórico e o Plano Inclinado do Pilar que faz o transporte entre o comércio e o bairro do Santo Antônio Além do Carmo.

Salvador é o centro da cultura afro-brasileira. É a cidade com o maior número de descendentes de africanos no mundo, seguida por Nova York, de origem iorubá, vindos da Nigéria, Togo, Benin e Gana. A cidade baiana mostra a beleza do negro com suas vestimentas, penteados, artesanatos, culinária, rituais e seu carisma. Os negros nagôs estabeleceram uma rica cultura nas terras da Baía de Todos-os-Santos. Melo (1981, p. 76) afirma que após o estabelecimento da população escrava no Brasil duas 'línguas gerais' foram constituídas: "nagô ou iorubá na Bahia e o quimbundo nas outras regiões".

Os africanos, vindos para o trabalho forçado de colonização no Brasil, trouxeram a sua religião conhecida como candomblé. As festas africanas obedecem a determinado ciclo e a comemoração a Oxalá, que é o Pai e corresponde a Nosso

Senhor do Bonfim, da religião católica é a mais festejada pelos baianos no mês de janeiro.

A culinária baiana se destaca por sua peculiaridade histórica e cultural, formada através de influências indígenas, portuguesas e africanas. Características dessas culturas estão presentes tanto nos ingredientes utilizados, como nas técnicas de preparo dos alimentos.

3.2 RECIFE

O Recife é uma cidade nascida entre rios e mar. A origem do nome da cidade do Recife segundo Cavalcanti (2006, p.36) é a palavra “arrecife que é a forma antiga do vocábulo recife, ambos originários do árabe *ar-racif*, que significa calçada, caminho pavimentado, linha de escolhos, dique, paredão, cais, molhe”.

Silva (2001) informa que o vocábulo Pernambuco se fazia presente nas cartas e mapas dos portugueses, em suas diversas formas primitivas, como *Perñabuquo* e *Fernambouc*, ambas originárias da forma tupi (Paraná-puka) que significa *mar furado ou buraco de mar*.

A referida capital do Estado de Pernambuco, Recife possui um clima tropical e está situada sobre uma planície aluvional, constituída por ilhas, penínsulas, alagados e manguezais. Além disso, a cidade é rodeada por cinco rios: Beberibe, Capibaribe, Tejipió e braços do Jaboatão e Pirapama. Esta planície se estende de norte ao sul de Olinda até Prazeres (Jaboatão dos Guararapes). O Recife é conhecido como “Veneza Brasileira” graças à semelhança fluvial com a cidade europeia de Veneza. É cercado por rios e cortado por pontes, é cheio de ilhas e mangues. O município possui dezenas de pontes, sendo a mais antiga do Brasil a ponte Maurício de Nassau.

O Recife possui uma pequena área de Mata Atlântica no bairro de Dois Irmãos. Além disso, possui várias áreas de manguezais e as principais delas encontram-se próximas ao Rio Capibaribe.

A maioria dos brancos que moram na cidade do Recife tem ascendência holandesa e portuguesa. As pessoas pardas são uma mistura do europeu com o negro e o índio. Os africanos, vindos para o trabalho forçado de colonização no

Brasil, trouxeram a sua religião conhecida como xangô ou candomblé. Mendonça (1973) explica que Pernambuco e Bahia foram os grandes centros de condensação africana. O autor ainda informa que: “Pernambuco foi o regulador da irradiação para o negro, durante muito tempo, até o Maranhão”. Há em Pernambuco uma maior influência dos negros bantos/ quimbundos. Segundo Póvoas (1989, p. 24), os negros bantos “davam-se ao folguedo e à diversão. Daí ser imenso o legado folclórico de origem quimbunda”.

A culinária recifense tem influência indígena, portuguesa e africana. Esta mistura de tradições e culturas resultou em uma culinária rica de sabores, cores e perfumes.

3.2.1 PARA ALÉM DOS LIMITES ENTRE OS TERRITÓRIOS DE PERNAMBUCO E BAHIA

Em relação a Recife e Salvador, muitas pessoas falam que existe uma rivalidade entre elas, que é transferida para o dialeto e que pode ser justificada através do contexto histórico.

Pernambuco teve o seu território mutilado e perdeu uma parte de suas terras para a Bahia. Segundo Lima Sobrinho nos Documentos do Arquivo (1950, p. III):

A COMARCA do Rio São Francisco foi desligada da província de Pernambuco em 1824, e anexada, provisoriamente, à província de Minas Gerais. Três anos depois, era transferida, ainda provisoriamente, para a província da Baía, a 15 de Outubro de 1827. Obedeciam estes dois atos a uma só intenção, que era a de tornar mais difícil a irradiação dos ideais de liberdade e de república, agitados e defendidos no movimento de 1824, por meio do qual se viera a criar a Confederação do Equador. Considerava-se oportuna e conveniente a mutilação, para defender os centros pacíficos e ordeiros do país, preservando-os do contágio dos sentimentos de rebeldia do Nordeste brasileiro.

Podemos inferir a extensão da perda sofrida por Pernambuco, no momento em que D. Pedro I procurava prejudicar a ação de Manuel de Carvalho Paes de Andrade, a quem acusava de enviar, a todos os pontos da Província, emissários incumbidos de solicitar adesões à causa da Revolução Pernambucana. Essa

Quando pesquisamos a história dos dois estados, reiteramos a perda territorial de Pernambuco e conseqüentemente o aumento do território da Bahia. Esse acontecimento histórico seria apenas uma hipótese para justificar a disputa entre os pernambucanos e baianos, e que os fazem defender, ainda hoje, tão fielmente sua cultura, suas raízes, o que inclui os dialetos regionais.

Nos quadros a seguir nós mostramos o perfil dos entrevistados em Recife e em Salvador e em seguida iniciamos as análises.

RECIFE

Gênero	Escolaridade	Iniciais	Faixa Etária	Profissão
M	Superior	AAB	23 anos	Auxiliar de Loja
F	Superior	TSV	25 anos	Promotora de venda
F	Superior	NLST	24 anos	Designer Gráfico
F	Superior	NR	24 anos	Designer
F	Superior	CSN	26 anos	Assistente Social
F	Superior	CGO	28 anos	Consultora
M	Superior	LFABM	30 anos	Personal Trainer
M	Superior	IHFS	29 anos	Fotógrafo
M	Superior	RAFS	27 anos	Designer Gráfico
M	Superior	BHVC	22 anos	Designer Gráfico
M	Superior	CAFMJ	27 anos	Técnico de informática
F	5º ano EF1	MCSA	51 anos	Merendeira
M	Superior	CJNF	53 anos	Contador
F	Superior	ZMA	53 anos	Promotora de venda
F	Superior	RQL	54 anos	Auxiliar ADM
F	Superior	VML	55 anos	Contadora
M	Superior	RRC	22 anos	Não trabalha
M	Superior	JMG	29 anos	Vendedor
M	Superior	DBPL	22 anos	Vendedor
F	Superior	BFDS	23 anos	Vendedor

Quadro 3: Perfil dos entrevistados em Recife.

SALVADOR

Gênero	Escolaridade	Iniciais	Faixa Etária	Profissão
M	Superior	TS	30 anos	Bibliotecário
F	5º ano EF1	RSF	20 anos	Auxiliar ADM
F	5º ano EF1	APSS	26 anos	Atendente
F	5º ano EF1	PRC	28 anos	Telemarketing
F	5º ano EF1	JC	18 anos	Ajuda a mãe
F	Superior	CSR	29 anos	Pedagoga
F	Superior	NSCL	21 anos	Atendente
F	Superior	CNP	21 anos	Promotora de Vendas
F	Superior	FCCM	28 anos	Pedagoga
F	Superior	TSS	28 anos	Bibliotecária
F	Superior	LSR	30 anos	Bibliotecária
M	Superior	RWL	25 anos	Eventos
M	Superior	EL	58 anos	Analista Técnico
F	Superior	NMGA	64 anos	Bibliotecária
F	5º ano EF1	NCSA	54 anos	Atendente
F	5º ano EF1	MASM	55 anos	Dona de Casa
F	5º ano EF1	ACRO	56 anos	Dona de Casa
F	5º ano EF1	IPS	57 anos	Doméstica
M	5º ano EF1	JVC	58 anos	Atendente
M	5º ano EF1	FQJ	55 anos	Zelador

Quadro 4: Perfil dos entrevistados em Salvador.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Quando o pesquisador se detém a analisar o português falado em cada região do Brasil, ele pode verificar que o falante pode criar durante a conversa informal novas maneiras de falar e de referir à determinada coisa, provocando movimentos singulares de transposição de sentido na linguagem.

Mas o fato é que a linguagem confere ao homem e à comunidade linguística da qual ele faz parte características peculiares de observar o mundo ao seu redor. Cada comunidade linguística faz sua leitura de mundo que é influenciada pelos aspectos socioculturais e históricos.

Por isso, concordamos com Benveniste (2005, p. 31): “língua e sociedade não se concebem uma sem a outra”, ou seja, poderíamos deduzir que ao mencionar “língua e sociedade” o autor aponta para cultura.

É na enunciação que encontramos a presença de índices carregados de cultura, pois, é o modo de falar do indivíduo que irá mostrar a sua origem.

De acordo com Benveniste (2006, p. 82) “a relação do locutor com a língua determina os caracteres linguísticos da enunciação” para o autor o que caracteriza a enunciação é essa relação discursiva com o alocutário. Referente a relação com a língua, Flores (2013a) explica que o homem está na língua e estar na língua é a enunciação. O indivíduo faz uso das palavras, sem parar para pensar nelas, sem ter a consciência do seu ato, de sua enunciação. A enunciação inclui no seu escopo a língua e a fala, isto é, o ato que um sujeito realiza ao comunicar os seus pensamentos. O sujeito ao enunciar faz um uso individual e único do sistema linguístico. Concordamos com Flores (*op. cit.*, p. 37) quando ele afirma que: “enunciar é converter a língua em discurso, logo, este é produto daquela.” A enunciação, não é a língua, e sim aquilo que possibilita o seu emprego, este ‘tornar próprio de si’ que o locutor opera com a língua.

É levando em consideração a enunciação, este colocar a língua em funcionamento que nos propomos a investigar o sentido semântico e semiótico dos verbos dos dialetos soteropolitano e recifense.

Recife e Salvador são duas cidades nordestinas separadas pelo rio São Francisco, mas que possuem convergências e divergências tanto dialetais como culturais. Salvador é uma cidade tipicamente negra de influência (iorubá-nagô) e

Recife é uma cidade de influência portuguesa, mas que possui em menor escala do que Salvador, influência negra (banto-quimbundo). Conforme, Mendonça (1973, p. 76), à Bahia possui influência dos negros “nagôs ou iorubás e o quimbundo em Pernambuco”.

Para compreender melhor as nuances que permeiam a fala dos dois pontos de inquérito, os municípios de Salvador e Recife, que, embora próximos geograficamente, parecem deter características socioculturais distintas, serão apresentados alguns resultados coletados da pesquisa realizada nos municípios investigados. Com o intuito de examinarmos o sentido e as marcas do sujeito ao utilizar os verbos dialetais face à variação dos itens lexicais dos verbos nos dialetos recifense e soteropolitano.

Questão 1: Como se chama a ação de copiar do outro na escola no dia da prova?

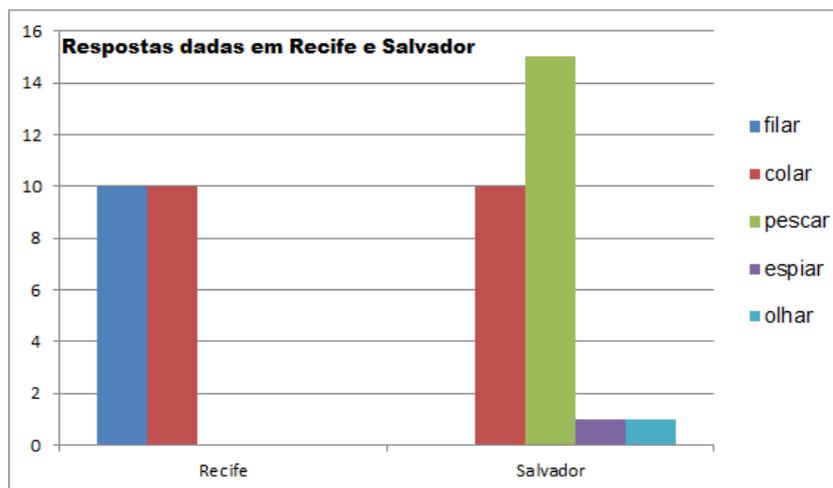


Gráfico 1: Designações para 'copiar'.⁷

Através da triagem realizada, encontramos três formas para a ação de copiar do outro na escola no dia da prova: *filar*, *pescar* e *colar*.

Em Recife *filar* significa colar na prova. Em Salvador *filar* é faltar à aula ou ao trabalho, mas em Recife *faltar à aula ou ao trabalho* significa *gazear*. A lexia *filar*

⁷ No **Quadro 6** (em anexo) constam todas as respostas dadas pelos informantes entrevistados em Recife e Salvador.

ainda pode ser utilizada em Salvador na hora do almoço, quando alguém come a comida de outrem. Exemplo: “Pedro filou a comida na casa de Paula”. Por outro lado, *pescar* em Recife pode significar: *cochilar ou pegar algo*. Ex: “Paulo pescou no ônibus na volta pra casa” ou “Paulo pescou um peixe”.

Aqui podemos afirmar que é, pois, na enunciação que encontramos a presença de índices carregados de cultura. É o modo de falar do indivíduo que irá mostrar a sua origem, o que pode ser ratificado pela visão de Benveniste (2005; 2006)

Conforme já foi mencionado, os aspectos socioculturais e históricos influenciam na construção cultural de uma determinada região, visto que a língua utilizada por uma região específica dá a ela características próprias, facilitando a identificação do sujeito falante. De acordo com Saussure (2002) a língua por ser social possui aspectos socioculturais e por eles é influenciada. “Os costumes duma nação têm repercussão na língua e, por outro lado, é em grande parte a língua que constitui a Nação.” (SAUSSURRE, [1916] (2006), p.29).

Pretti (2003, p. 49), em referência à língua falada, informa que ela representa “uma das mais imediatas marcas de identidade social. Enquanto isso, [...] a fala se incorpora à identidade das pessoas, trazendo-lhes maior ou menor prestígio, no contexto social em que se envolvem”. Isto é, a identidade de um indivíduo vai depender do meio em que ele vive e com quais pessoas ele se relaciona. A interação social deste sujeito poderá ser um aspecto importante na hora da comunicação.

Ao analisarmos os significados das *lexias* nos dicionários: (BERNARDINO, 2002), Lariú (1991; 2013) e Navarro (2013), encontramos o seguinte: para o dicionário Pernambuquês *filar* é colar, copiar do outro isso é algo recorrente em situações avaliativas. Ou seja, *filar* na prova. Mas para o dicionário Baianês *filar* é *queimar* no sentido de faltar à aula ou ao trabalho e por outro lado, *queimar* tem o sentido pejorativo que pode ser: “*peidar*”. Já no dicionário do Nordeste *filar* é “copiar (colar) respostas de terceiros, para sair-se melhor numa prova ou teste. Faltar à aula, ao trabalho ou a um compromisso, gazear, gazetear. [origem: variante despalatizada de ‘filhar’ (conquistar, pilhar, tomar, obter)]”.

No Dicionário de Baianês (LARIÚ, 1991; 2013, s/p) com 22 anos de diferença da 1ª edição, quase meio século de um mundo globalizado em que a velocidade dos acontecimentos é maior quando comparada a outros séculos históricos. A palavra

filar é definida em Salvador como *matar aula*. Acreditamos que houve uma diferença entre os dados que coletamos e os dados do autor, que podem ser indicativos do movimento do sujeito na linguagem que deixa suas marcas enunciativas ao fazer uso de um item lexical específico, que marca o tripé benvenistiano da enunciação: pessoa, tempo e espaço.

O item lexical *filar* é conhecido como *matar aula* em Recife. Diante da resposta e da sua impressão, podemos nos valer de Saussure [1916] (2006) que informa que quando o intercurso atua, os fatos linguísticos são propagados através do contágio, ou seja, quando um determinado limite geográfico ou região geográfica consegue irradiar e propagar determinado dialeto para outra localidade, essa localidade o absorve e acaba incorporando-o no seu acervo linguístico. Quer dizer, a força do intercurso obriga as pessoas a se comunicarem. Isto foi constatado ao fazermos as analogias e questionamentos sugeridos por Saussure (*op. cit.*) referentes a força do intercurso.

Já o item lexical *colar* foi dito por sujeitos falantes das suas cidades Recife e Salvador para se referirem à ação de copiar do outro no dia da prova. No dicionário Houaiss (2009, p. 168) *colar* é caracterizado como gíria e significa: “copiar de outro ou ter consigo indevidamente respostas, soluções etc. num exame”. Para Houaiss (*op. cit.*, p. 377), gíria é um “vocabulário informal e peculiar de um grupo social”. A gíria dá um novo significado as formas já existentes, pois ela é utilizada por um grupo social com o intuito de não ser entendido por outrem. Assim sendo, ela mantém a identidade de um grupo.

Referente ao uso da gíria, Carvalho (1999, p. 49) diz que: “para designar neologismos populares, a palavra abrangente é gíria, originária do espanhol *geringonza* [...] mas a gíria é um fenômeno passageiro [...] dura o espaço do tempo de uma novela”. O uso da gíria, então, classifica a identidade do sujeito.

Desse modo, é através do uso individual da fala que percebemos o aparecimento de novas palavras, o desuso de outras lexias e o nível de escolaridade do falante. A depender da sua origem ele poderá utilizar palavras diferentes para denominar determinada coisa. Essas variações no dialeto, como já foi citado por Saussure ([1916] (2006), p. 24), podemos relacionar como pertencente ao eixo paradigmático (*in absentia*). “Elas não têm por base a extensão; sua sede está no cérebro; elas fazem parte desse tesouro interior que constitui a língua de cada indivíduo”.

Já o sentido para Benveniste (2006) está relacionado à atividade do locutor e necessita a construção de referência no sintagma da língua.

Podemos dizer que as respostas dadas pelos informantes recifenses e soteropolitanos: *filar, pescar, colar, espiar e olhar* pertencem ao eixo paradigmático e o sentido que cada item lexical possui só será constatado no uso. Ou seja, quando o sujeito enunciar e fazer referência no sintagma da língua.

Questão 2: Como se chama o ato de cobrir os livros novos da escola?

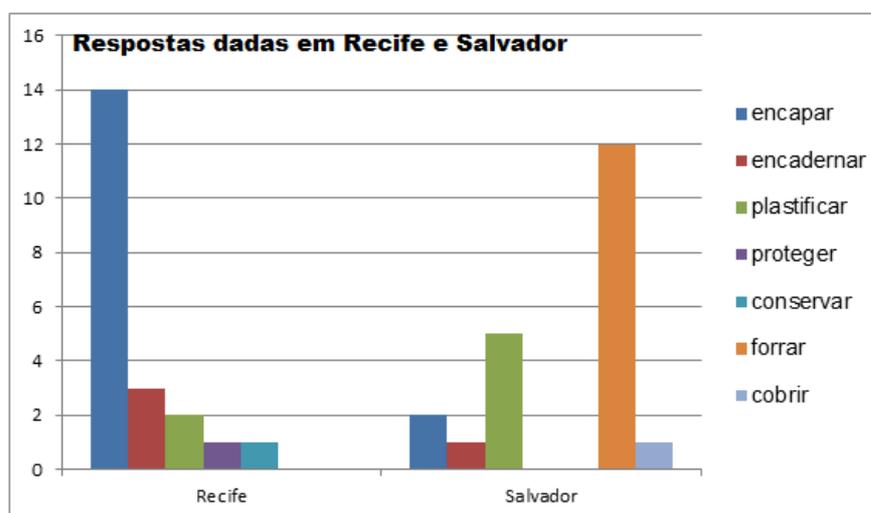


Gráfico 2: Designações para 'cobrir os livros'.⁸

Nesta questão, surpreendeu-nos a resposta de alguns entrevistados, pois mencionaram com destaque os itens lexicais: *plastificar, cobrir, encadernar*, contrariando o que traz o Dicionário de Baianês (LARIÚ, 1991; 2013, s/p). Nele, *forrar (o livro)* significa *encapar* o livro. No dicionário de Pernambuquês (2002) e no dicionário do Nordeste (2013) não consta o significado da palavra *encapar*. Um fato observado foi não constar nos dicionários de Pernambuquês e do Nordeste, o vocábulo *encapar* uma vez que o mesmo é usado com muita frequência nas escolas recifenses pelos discentes.

⁸ No **Quadro 7** (em anexo) constam todas as respostas dadas pelos informantes entrevistados em Recife e Salvador.

No dicionário Houaiss (2009, p. 280) *encapar* significa “revestir com capa (livro, caderno, etc.)”. Já *encadernar* para Houaiss (*op. cit.*, p. 279) é: “unir (folhas, livros, etc.) em um só volume, geralmente com capa”. Por outro lado, ele define *plastificar* como “cobrir com película de matéria plástica transparente (tecido, capa de livro, documento tec.)” (*op. cit.*, p. 583). A lexia *cobrir* Houaiss (*op. cit.*, p. 166) define como: “colocar (algo que tapa ou protege) sobre”. Para o lexicólogo *forrar* é: “pôr forro no interior de (algo), para proteger ou aumentar a espessura, revestir a parte externa” (*op. cit.*, p. 357).

Após as análises, podemos perceber que as definições dadas por Houaiss (2009) para *plastificar*, *cobrir* e *forrar* são sinônimos (palavras que possuem som e grafia diferentes, mas de significados semelhantes) e significam *cobrir*, assim como *encapar* e *encadernar* também são sinônimos com o sentido de revestir com capa. Porém, diferentemente do dicionário, o uso popular dos itens lexicais os colocam como representantes de um mesmo sentido: proteger os livros. Isso demonstra que sentido e significado diferem quando nos remetemos a relação sujeito e linguagem, posto que o sentido traz aquele que enuncia.

A marca cultural do sujeito falante, o espaço, o tempo e a pessoa são os itens que irão definir o sentido do item lexical usado por aquele sujeito num determinado contexto enunciativo. De acordo com Cançado (2005, p. 83):

O sentido é o modo no qual a referência é apresentada, ou seja, o modo como uma expressão linguística nos apresenta a entidade que ela nomeia [...] o sentido tem relação direta com o conceito que temos sobre as expressões linguísticas, podemos acrescentar, ainda, que o sentido refere-se ao sistema de relações linguísticas que um item lexical contrai com outros itens lexicais, ou que o sentido de uma expressão é o lugar dessa expressão em um sistema de relações semânticas com outras expressões da língua.

Forma e sentido estão intimamente ligados. Um não anda sem o outro, mas essa ligação não pode ser inteiramente contingente e, se nos preocuparmos em descrever atentamente as formas, descobrimos que é o sentido que dá a razão de suas diferenças, até mesmo de suas anomalias.

Os sujeitos entrevistados se posicionaram de diferentes maneiras, ratificando a visão enunciativa de que o sentido pode ser semântico e semiótico.

De acordo com as análises descritas das respostas dos informante recifenses e soteropolitanos, percebemos a teoria de Benveniste (2005; 2006). Ou seja, a forma no semiótico diz respeito ao significante, entendido como o aspecto formal da entidade que chamamos de signo. Já o sentido no semiótico diz respeito às relações de oposições com os outros signos da língua, pois no semiótico, ser distintivo e significativo é a mesma coisa. Já o modo semântico está relacionado à atividade do locutor e necessita a construção da referência no sintagma da língua. Assim, a semiótica constitui uma propriedade da língua e a semântica uma propriedade do locutor.

Para que um signo exista, é necessário que ele seja aceito e que se relacione de uma maneira ou de outra com os demais signos. Segundo Benveniste (2006) significar é ter sentido, nada mais. É no uso da língua que um signo tem existência; o que não é usado não é signo; e fora do uso o signo não existe.

A depender de quem seja o sujeito falante o significado será visto no ato da enunciação. Para Hall (2015, p. 25), Saussure já afirmava que os significados já estão embutidos em nossa língua e em nossos sistemas culturais:

Saussure argumentava que nós não somos, em nenhum sentido, os 'autores' das nossas afirmações que fazemos ou dos significados que expressamos na língua [...] falar uma língua não significa apenas expressar nossos pensamentos mais interiores e originais; significa também ativar a imensa gama de significados que já estão embutidos em nossa língua e em nossos sistemas culturais.

Então a depender da origem do sujeito falante, no caso da pesquisa realizada para o nosso propósito (se recifense ou soteropolitano) é que palavras poderão ter um sentido diferente no sintagma da língua. A sociedade é suscetível ao modo como o sujeito se estabelece e se constitui na relação com o outro e com a língua. Como disse Freitas (2010), não seria provavelmente o caso de uma análise linguística formal; mas sim, semântica discursiva. Ele acrescenta que se quisermos entender a cultura como a relação entre sujeito, língua e sociedade, temos não só uma mera manifestação discursiva de alguns sujeitos. Temos na verdade, algo que atesta essa relação intrincada: está na língua (aqui como discurso) por que está no sujeito, e portanto na sociedade, simultaneamente.

Questão 3: Como se chama o ato de faltar a escola ou o trabalho?

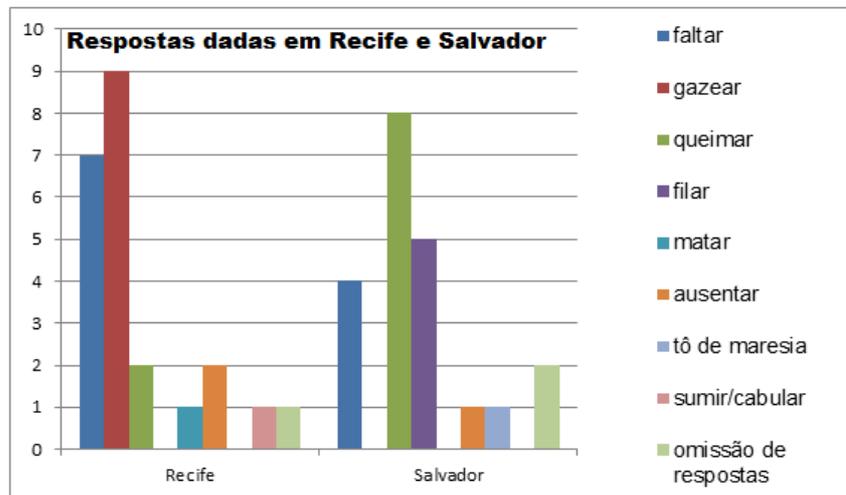


Gráfico 3: Designações para 'faltar a escola ou trabalho'.⁹

Analisando os resultados do gráfico 3, encontramos os itens lexicais em Recife: *faltar, gazeear, matar, ausentar, cabular, queimar, sumir e não respondeu*. Em Salvador as respostas encontradas foram: *faltar, 'tô' de maresia, filar, queimar, furar, 'tô' de folga, ausentar e não respondeu*.

Para Houaiss (2009, p. 373) *gazeear* significa: "ausentar-se (de aulas, escola, trabalho) para vadiar [origem: talvez ligado a *gazetear*] ~ gazeador". Já a lexia *matar* a depender do contexto, possui vários sentidos, entre eles podemos citar: "passar (o tempo) improdutivamente; faltar a (colégio, aula, trabalho)" (*op. cit.*, p. 492). O item lexical *ausentar* (*op. cit.*, p. 76) é: "afastar(-se) de um local por tempo limitado, retirar(-se); não participar de algo; não se manifestar". Vale salientar o significado de *cabular* (*op. cit.*, p. 118) "não comparecer à aula; usar artifícios para fugir de obrigações".

Castro (2005, p. 184) informa que *cabula* é uma palavra de origem banto que significa: "toque para Obaluaê¹⁰ e Bessim¹¹ em Angola. Kik. Kimbula. Em Salvador cabula é topônimo, bairro antigo nos arredores de Salvador". É possível que o item lexical *cabular* seja derivado de *Cabula*.

⁹ No **Quadro 8** (em anexo) constam todas as respostas dadas pelos informantes entrevistados em Recife e Salvador.

¹⁰ Para Castro (2005, p. 299) Obaluaê é: "orixá da varíola, tido como Omolu jovem, forte, equivalente a São Roque".

¹¹ Segundo Castro (*op. cit.*, p. 174) Bessim é: "vodum representado pela cobra (dã), habita o espaço onde aparece sob a forma de arco-íris sendo identificado com São Bartolomeu".

Nas expressões ditas pelos entrevistados soteropolitanos - TS – 30 anos e EL-58 anos: *'tô' de maresia* e *'tô' de folga* verificamos o uso da aférese. Para Azeredo (2008, p. 388) aférese é: “a queda de um fonema ou sílaba no início do vocábulo. No uso coloquial brasileiro mais informal as formas do verbo estar perdem a primeira sílaba: tá, tô, tão, teve, tava, (está, estou, estão, esteve, estava)”.

De acordo com Rector (1994, p. 85) em pesquisas realizadas sobre a gíria jovem foi constatado o “uso de formas reduzidas próprias da linguagem popular: tá, tô, teve, pera (=espera), tava, pro, pra, prum”.

Dessa forma, “tô” pode ser considerado uma gíria jovem também. O item lexical *maresia* também é uma gíria muito usada em Salvador que significa: *preguiça, 'tô de boa'*. Em Houaiss (2009, p. 489) *maresia* é: “forte odor que vem do mar; ação oxidante da água do mar ou de sua evaporação”. Sendo assim, houve na lexia *maresia* usada pelo informante soteropolitano TS – 30 anos - uma transposição de significado.

Após análises das respostas dos falantes, podemos relacionar à marca temporal do presente a subjetividade do sujeito, conforme, Benveniste (2005, p. 289): “a marca temporal do presente só pode ser interior ao discurso”. Ele também informa que devemos tomar cuidado; não há outro critério nem outra expressão para indicar ‘o tempo em que se está’ senão tomá-lo como ‘o tempo em que se fala’.

Esse é o momento eternamente ‘presente’, embora não se refira jamais aos mesmos acontecimentos de uma cronologia ‘objetiva’ porque é determinado cada vez pelo locutor para cada uma das instâncias de discurso referidas. Ou seja, os verbos são indicadores de subjetividade. Esses para Benveniste (2005, p. 288) estão relacionados “à dêixis: formas disponíveis na língua cujo emprego remete à enunciação”. Em última análise, a temporalidade humana como todo aparato linguístico revela a subjetividade inerente ao próprio exercício da linguagem.

Vale salientar que decidimos investigar os dois dialetos (soteropolitano e recifense), para verificarmos a forma dialetal trazendo um sentido para aquele que faz uso da linguagem. Além disso, através das análises constatamos que a relação do sujeito com a língua passa pela questão da identidade do povo. Logo, a enunciação sendo este colocar a língua em funcionamento (BENVENISTE, 2006), estar relacionada à identidade cultural do sujeito falante.

Questão 4: Como se chama quando colocamos o rádio nas alturas?

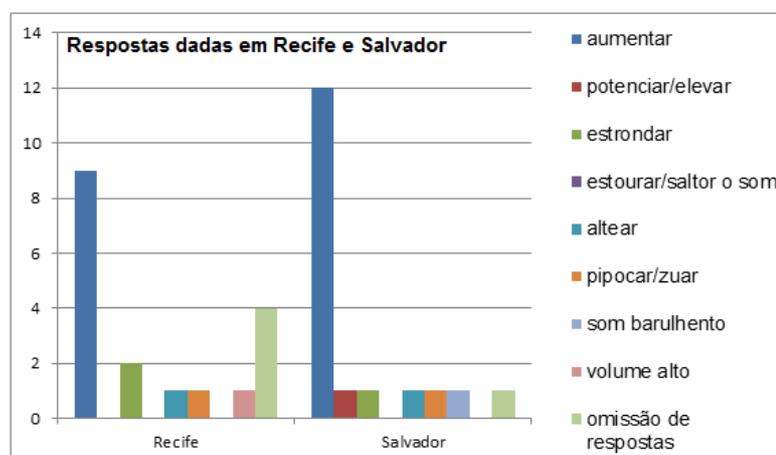


Gráfico 4: Designações para 'aumentar o rádio'.¹²

Através da análise realizada, em Recife, encontramos as formas: *aumentar*, *estrondar*, *elevar*, *volume alto*, *altear*, *zuar*. Já os sujeitos soteropolitanos responderam: *aumentar*, *potenciar*, *escutar alto*, *estourar*, *saltar o som*, *estrondar*, *pipocar*, *não escuta rádio*, *altear* e *som barulhento*. Assim, verificamos que esses entrevistados preferiram algumas lexias não verbais. Desse modo, constatamos que algumas pessoas responderam com expressões que não correspondem a verbos.

Em Houaiss (2009, p. 76) *aumentar* significa “tornar(-se) maior (em extensão, quantidade, intensidade etc.)” e *altear* é: “tornar(-se) alto ou mais alto, erguer(-se), aumentar. No dicionário de Baianês (1991, 2013, s/p) *altear* significa: “aumentar o volume do rádio”.

Ao analisarmos os significados dos vocábulos nos dicionário de Houaiss (2009) e as respostas dadas pelos recifenses: *aumentar*, *estrondar*, *elevar*, *volume alto*, *altear* percebemos que elas são sinônimas, porque possuem o sentido de aumentar, fazer, barulho e a resposta que chamou a atenção foi o item lexical *zuar*. Essa palavra não foi encontrada em Houaiss (2009), nem em Navarro (2013) e de Bernardino (2002), mas foi encontrado em Lariú (1991, 2013, s/p) a palavra *zuada* designando *barulho*. Podemos fazer uma analogia de *zuar* com *zuada*, ou seja, *zuar*

¹² No **Quadro 9** (em anexo) constam todas as respostas dadas pelos informantes entrevistados em Recife e Salvador.

é o radical de *zuada*. Destacamos que uma informante de 55 anos mencionou o verbete *zuar* é de Recife e não de Salvador.

Castro (2005) explica os significados de algumas palavras africanas e relacionamos o que a autora disse com o que a informante recifense mencionou no ato da entrevista *in loco*. Dessa comparação podemos relacionar *zuar* com *zunza(R)*, *zunzum*, *zunzunzum*, pois de acordo com Castro (*op. cit.*, p. 358) todas as três formas têm origem banto, *zunza(R)* é: “fazer barulho, confusão, intriga, irritantemente”; *Zunzum* significa: “barulheira, boato (onomatopeia)” e *zunzunzum* vem de *zunzum*.

Em Salvador, as respostas fornecidas pelos soteropolitanos foram: *augmentar*, *potenciar*, *escutar alto*, *saltar o som*, *estrondar*, *estourar*, *pipocar*, *altear* e *som barulhento* são considerados sinônimos.

Mas *pipocar* é uma espécie de comparação de aumentar/altear. Em Houaiss (2009) *pipocar* é: “estourar como uma pipoca, soar como pipoca estourando”. No dicionário de Pernambuquês (2002, p. 154) *pipocar* significa “explodir, dar um pipoco”. Um dos falantes com nível superior, 25 anos pode ter dado como resposta a palavra *pipocar* por ter feito analogia ao folião que pula fora das cordas dos blocos de trio em Salvador. Lá quem brinca Carnaval fora das cordas do trio elétrico é chamado de *pipoca*. Isso permite compreender que língua e cultura possuem símbolos específicos pelos quais cada sociedade se identifica e diverge uma das outras. A linguagem é, então, o elo que une o homem, a língua e a cultura.

Quando o indivíduo faz parte de uma determinada comunidade linguística, ele possui traços culturais daquele meio. Dessa forma, a cultura tem um fator determinante na identidade dos sujeitos falantes.

Concernente às mudanças analógicas, Bota e Bronckart (2014) explicam que as transformações das línguas e os processos que elas causam constituíram um ponto de vista de ataque que Saussure adotou nos três Cursos:

Nessas análises bem conhecidas, tendo posto fora do jogo as mudanças fonéticas, pois apresentavam um caráter aleatório, mecânico, não dizem respeito à significação e escapam à consciência dos falantes, ele se centra resolutamente nas mudanças analógicas: postula que a analogia decorre de um processo de criação, implicando a compreensão e a análise das relações existentes entre formas-signos já aí, e a proposição de uma forma sem dúvida nova, mas, ainda assim, suscetível de se inscrever na

sistemática do estado da língua atual. (BOTA; BRONCKART, 2014, p. 233).

Saussure [1916] (2006) através da observação científica utilizando as analogias chegou à conclusão de que: “em certos casos, em que dois ou mais idiomas estão unidos por um vínculo de parentesco, vale dizer, têm uma origem comum” (*op. cit.*, p. 222). Dessa forma, através dessas análises, verificamos as transformações das línguas e os processos que elas causam.

E a informante que respondeu: *não escuto rádio*, talvez tenha utilizado esta expressão como resposta para livrar a face dela no ato da pesquisa, ou, de fato, devido à influência que a mídia televisiva exerce sobre os lares brasileiros, a informante não escute ou escute tão minimamente o rádio, que, para ela não represente dado significativo.

Questão 5: Como se chama a ação do homem (ou mulher) que pega muitas mulheres (ou homens)?

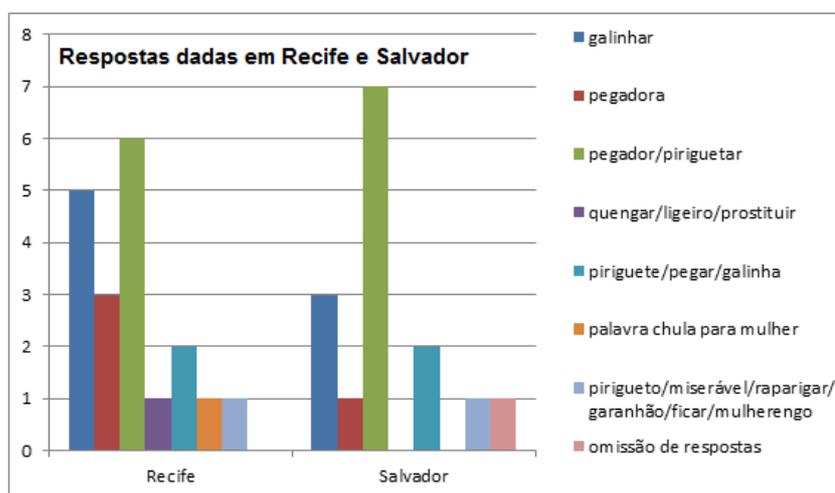


Gráfico 5: Designações para 'nigrinhar/galinhar'.¹³

As respostas que os falantes forneceram foram variadas sobre a questão 5 e em Recife encontramos: *galinhar*, *ligeiro*, *pegador*, *puta*, *quengar*, *pegadora*, *ficar*, *garanhão*, *prostituir* e *pegar*. Por outro lado, em Salvador percebemos também

¹³ No **Quadro 10** (em anexo) constam todas as respostas dadas pelos informantes entrevistados em Recife e Salvador.

muitos dialetos para caracterizar a ação do homem (ou da mulher) que pega muitas mulheres (ou homens): *pegador*, *pegadora*, *galinha*, *perigueta*, *galinhar*, *piriguetete*, *pirigueto*, *miserável*, *mulherengo*.

Verificamos que dependendo da idade, do gênero, da profissão a variação no uso dos verbos foi mais acentuada. Constatamos também que muitos não sabem o que é um verbo, pois disseram palavras que não pertencem à classe, mas que indicam aquele ato de ‘pegar muitas pessoas’. Para Bernardino (2002, p. 162) *quengar* significa “procurar parceiro sexual”, por sua vez, Lariú (1991, 2013, s/p.) *piriguetete* significa “mulher fácil, que está a fim de qualquer coisa; cerveja em lata pequena, à venda nos estádios e nas festas de rua”. Outra curiosidade observada foi a forma masculina dada para designar a palavra *piriguetete*, ou seja, o homem que pega muitas mulheres em Salvador também pode ser chamado de *pirigueto*.

Nas gramáticas normativas da língua portuguesa os substantivos masculinos terminados em **e**, trocam o **e** por **a**, em sua versão feminina. Mas no caso da única resposta acima, proferida por uma informante, feminina com nível superior, o dialeto *piriguetete* assumiu a forma feminina, enquanto à masculina acresceu do artigo masculino **o** e transformou-se em *pirigueto*. O sujeito ao enunciar-se corrompeu a norma culta da língua talvez influenciado por uma questão cultural: *piriguetete* está relacionado à prostituição, sendo essa no Brasil considerada uma profissão feminina.

Os falantes têm o hábito de designar a pessoa que se prostitui como *prostituta*, mas eles não designam *prostituto* para se referirem ao homem que se prostitui. Para nomear o homem que mantém relações sexuais em troca de dinheiro o termo usado é *garoto de programa*. Assim, constatamos que a forma *garoto de programa* é mais polida do que a forma *prostituta*.

O vocábulo *prostituta* transforma a mulher em objeto. Por outro lado, o vocábulo *garoto de programa* torna mais suave a expressão que se refere à profissão do homem que ganha dinheiro por ter tido relações sexuais em troca de dinheiro. A mulher é vista como profissional do sexo como é demonstrado no dicionário Houaiss (2009, p. 611) “mulher que ganha dinheiro para manter relações sexuais, meretriz”.

Destacamos que nenhum informante mencionou o vocábulo *prostituto* fazendo associação ao feminino de *prostituta*. Mas utilizaram *pirigueto*. A palavra *piriguetete* é uma gíria, e também podemos considerá-la como um neologismo, pois a lexia é utilizada pelas pessoas jovens, e chama bastante atenção das pessoas mais

velhas que acabam inserindo a lexia em sua fala, o novo chama atenção. Segundo Carvalho (2011, p. 51), a gíria é um neologismo e em suas palavras, “para designar neologismos populares, a palavra mais abrangente é gíria”. Já para Rector (1994, p. 83-84) a gíria é:

a linguagem popular no seu cunho mais expressivo. É também a linguagem nova, na sua fase menos elaborada. [...] A gíria recebe as seguintes denominações: inglês: *cant* (equivale ao calão) e *slang* (Inglaterra), *slang* (Estados Unidos); alemão: *Rotwelsch* ou *Kokamloschen*; italiano: gergo ou furbesco; português: gíria, geringonça, jargão; francês: argot e jargon, espanhol: jerga ou germanía.[...] Em português encontramos os termos gíria, geringonça e calão. A variante gira só é usada como sinônimo de louco, e geringonça ou gerigigonça aparece como sinônimo de coisa, objeto de pouco valor, e em expressões pejorativas. Já o calão refere-se originariamente aos ciganos, e, no caso do português, aos ciganos de Portugal.

Conforme Messias (2013), a lexia *piriguete* surgiu nas favelas de Salvador e a mesma é tida como uma gíria marginal. Segundo o autor, o item lexical *piriguete* é um neologismo formado da junção das palavras: *perigosa* e *girl*. De acordo com Messias (*op. cit.*) *perigosa* se transformou em “*pirigosa*” e para não ficar estranha a pronúncia as pessoas passaram a utilizar o *guete*, ficando *piriguete*.

Mas se levarmos em consideração que o item lexical *piriguete* surgiu nas favelas de Salvador, podemos inferir a criação da lexia *piriguete* sendo formada pela junção de: *perigo* + *gueto*, ou seja, uma composição por aglutinação, pois o significado de *perigo* para Houaiss (2009, p. 387) pode ser uma gíria: “*sem dinheiro, em situação de risco ~ perigar*”. Já a lexia *gueto* (2009, p. 387) significa: “bairro onde, por imposição econômica e/ou racial, são confinadas certas minorias”.

Além disso, também verificamos que alguns indivíduos mais velhos antes de fazer uso de um item lexical novo o analisam na tentativa de encontrar um sentido que justifique seu uso. Outrossim, preferem usar o termo arcaico *prostituir*, conforme constatado na fala de VML, 55 anos – F- superior, um termo polido em comparação ao léxico *piriguete*.

Os itens lexicais *pegador* e *pegadora* também são considerados como neologismos e gírias. Além disso, constatamos no item lexical *pegador* a enunciação do falante e uma transferência de significado, pois *pegador* pode ser aquele objeto que usamos para pendurar a roupa no varal. Para Navarro (2013, p. 516) *pegador* significa armador. Por outro lado, ele define *armador* como: “armador de rede,

pegador, pegadouro, peça de madeira ou de ferro (gancho) em que se prende, numa parede, por tal ou outra superfície firme, o punho da rede de dormir” (*op. cit.*, p.68). Nos dicionários de Houaiss (2009), de Bernardino (2002) e de Lariú (1991, 2013) não encontramos o significado da palavra *pegador*. Aqui também analisamos o modo feminino da forma *pegador*, enquanto a mulher que pega muitos homens pode ser chamada de *pegadora* na cidade baiana.

Diferentemente das regras gramaticais que foram aplicadas no caso *pireguete/pirigueto*, em *pegador* identificamos que houve uma derivação imprópria do verbo *pegar* que foi transformado em um substantivo. Registramos também foram dadas como respostas as derivações do verbo *pegar*: *pegar-pegador-pegadora*.

Outro fato a ser observado é a resposta dada por um recifense RAFS - M – Superior de 27 anos: *pegador* é o homem e a mulher não informou o significado, pois ele disse que a palavra é chula e não poderia informar o sentido para a pesquisadora. Dessa forma, constatamos uma forma de tabu linguístico, aspecto bem discutido pela semântica histórica.

Para Guérios (1979, p. 5) “o tabu linguístico é a proibição de dizer qualquer expressão imoral ou grosseira”. O fato de o sujeito falante estar sendo entrevistado por uma mulher o deixou ‘constrangido’ para denominar a ação da mulher que pega muitos homens. Aqui verificamos a marca cultural do homem nordestino, recifense, poderíamos dizer ‘machista’ preocupado com o uso de determinada palavra diante de uma mulher que estava entrevistando-o.

Identificamos as marcas do sujeito homem nordestino na designação: *miserável*. Apesar de essa palavra não ser um verbo, tem o significado que ela possui para o homem que pega muitas mulheres em Salvador, ou seja, é um regionalismo. O dialeto *miserável* é preferível pelo baiano, pois é comum em Salvador as pessoas falarem *miserável*, *miséria*. No dicionário de Baianês (1991, 2013, s/p) encontramos o seguinte: *misera/miserê* “vocativo geral (‘Digaê misera! Fala, miserê!’)”; *miseravão* “cara retado, alguém bom em alguma coisa, que resolve qualquer parada (Feminino; miseravona)”. Provavelmente para RWL- 25 anos o valor semântico do item lexical *miserável* é: o cara *retado*¹⁴, que pega muitas mulheres. Ou seja, significa ser homem bom de papo, sedutor.

¹⁴ observação o soteropolitano fala *retado* e o recifense fala *arretado* no sentido de coisa boa. Ex: A casa é retada.

As derivações de *galinhar* e *garanhão* vêm da palavra *galinha* que é algo que merece um destaque. Em Houaiss (2009, p. 369) *galinha* é: “fêmea do galo, que(m) varia de parceiros amorosos com frequência”. Já *garanhão* é definido por Houaiss (*op. cit.*, p. 370) como “(cavalo) destinado à reprodução; (homem) mulherengo”. Aqui podemos relacionar o sentido usado da palavra *garanhão* como índice de identificação cultural, pois este vocábulo caracteriza o homem: *ligeiro*, *miserável*, *pegador* que foi dado por vários sujeitos falantes para caracterizar o *homem mulherengo*.

Mendonça (1973) referente à distribuição dos negros no Brasil, expõe um fato curioso sobre a palavra *galinha*. O pesquisador menciona que os negros bantu foram os Angolas, Congos ou Cabindas, benguelas, Cassanges, Bángalas, ou Inbángalas, Dembos, Macuas e Anjicos. Esses negros ocuparam os estados do Rio, Minas, São Paulo e Norte de Pernambuco. E os Nagôs vieram de Jorubá, Ilorin, Ijesa, Ybadan, Igê, Iebú, Edbá. Além de explicar as origens bantu e nagô, o autor explica que os Guruncis receberam a denominação no Brasil de *galinhas*: “Galinhas, proveniente talvez do rio das Galinhas, em cuja foz os portugueses em tempo tiveram um forte ou presídio” (MENDONÇA, *op. cit.*, p. 38).

A resposta dada pela informante recifense NR, 24 anos, chama a ação de *pegar* muitos homens de: *quengar*. Esse item lexical *quengar* pode ser considerado em desuso, pois só as pessoas mais velhas falam. Isso talvez justifique o fato de essa jovem ter contato com pessoas da mesma tipificação etária da segunda faixa etária de mais idade que utilizam este item lexical. No dicionário de Pernambuquês (2002, p. 162) *quengar* significa “buscar parceiro sexual”. Já no dicionário de Baianês (1991, 2013, s/p.) *quengar* tem três formas de utilização “mulher feia; caso de alguém, *puta*”. Já no dicionário do Nordeste (2013, p. 555) *quenga* é “prostituta da zona do porto, *fubana*, *penica*, do baixo meretrício”.

De acordo com Castro (2005), a palavra *quenga* possui origem banto na Bahia significando: guisado de galinha e quiabo; também é um verbete da linguagem popular, regional brasileira que segundo a pesquisadora pode significar: “cuia, vasilha feita da metade da casca do coco; o conteúdo da vasilha” (*op. cit.*, p. 320).

O item lexical *quengada*, conforme Castro (*op. cit.*) refere-se ao grupo de prostitutas, e se estrutura por *quenga* + o sufixo –ada. Através da etimologia e da aplicação histórica podemos compreender o uso do termo. Segundo Mendonça (1973, p. 60-61):

Língua e raça formam dois elementos que têm evolução paralela a ponto de serem muitas vezes confundidos. Como o negro fundiu com o português e do consórcio resultou o mestiço, pareceria lógico que este mestiço falasse um dialeto crioulo. [...] O negro influenciou sensivelmente a nossa língua popular. Um contato prolongado de duas línguas sempre produz em ambas fenômenos de osmose. Ao lado da contribuição genérica e imprecisa que deu o africano para o alongamento das pretônicas e a elocução clara e arrastada, deixou sinais bem seus nos dialetos.

No Brasil houve muitos dialetos crioulos em vários lugares da colônia. Mendonça (1973) explica que Pernambuco foi o regulador da irradiação do negro até o Maranhão e a Bahia foi à propulsora de escravos para os engenhos do seu interior. A influência africana na língua portuguesa é visível por todos nós.

Um aspecto que deve ser destacado é que o item lexical *nigrinhar* não foi mencionado pelos soteropolitanos. Podemos dizer que esta lexia está em processo de mudança em Salvador e que através da força do intercuro mencionada por Saussure [1916] (2006) perdeu o seu espaço para o dialeto *piriguete*.

Para Castro (2005) *nigrinha* significa: “mulher desvergonhada, sirigaita, alguém de baixo nível, de mau comportamento. Ver nigrinhagem. Cf. Port. negrinha”. A linguista explica que *nigrinhagem* é uma palavra da Bahia que representa; “safadeza, atitude de nigrinha”.

Após essas análises, identificamos os papéis temáticos fornecidos pelos verbos. Para Cançado (2005, p. 111) os papéis temáticos quando são vistos pela ordem semântica “também são assumidos como representações mentais; são noções que dizem respeito à ligação entre conceito mental e sentido”. A autora também fala de referência como: “uma relação entre expressões e aquilo que elas representam em ocasiões particulares” (CANÇADO, 2005, p. 78).

Preti (2003, p. 49) referente à língua falada informa que ela representa: “uma das mais imediatas marcas de identidade social [...] a fala se incorpora à identidade das pessoas, trazendo-lhes maior ou menor prestígio, no contexto social em que se envolvem”. Isto é, a identidade de um indivíduo vai depender do meio em que ele vive e com quais pessoas ele se relaciona, a interação social deste sujeito será um aspecto importante na hora da comunicação.

O modo de falar representa a maneira de pensar de cada grupo e as palavras utilizadas por esses grupos estão relacionadas à realidade de cada região. Sendo assim, a maneira de falar mostra a cultura que aquele indivíduo está inserido. Para

Carvalho (2014, p. 38-39) a cultura é: “transmitida pela língua, sendo também seu resultado, o meio para operar e a condição da subsistência dessa cultura. [...] as diferenças culturais [...] podem ser regionais e até grupais”.

A presença de índices carregados de cultura na fala do indivíduo mostra a sua origem. Além disso, a intenção comunicativa dependerá de outros aspectos pertencentes: à faixa etária, à classe social, ao sexo, à profissão.

Para Cruz, Menezes e Pinto (2008, p. 4) “as manifestações culturais são representativas da voz social”. Em Recife e Salvador, é perceptível que as manifestações culturais mostram as interações e oposições no tempo e no espaço. Essa força identitária valoriza e fortalece os dialetos de cada localidade. A identidade cultural de Recife e de Salvador foi influenciada por: portugueses, holandeses e africanos.

Questão 6: Como se chama a ação de furar a bola?

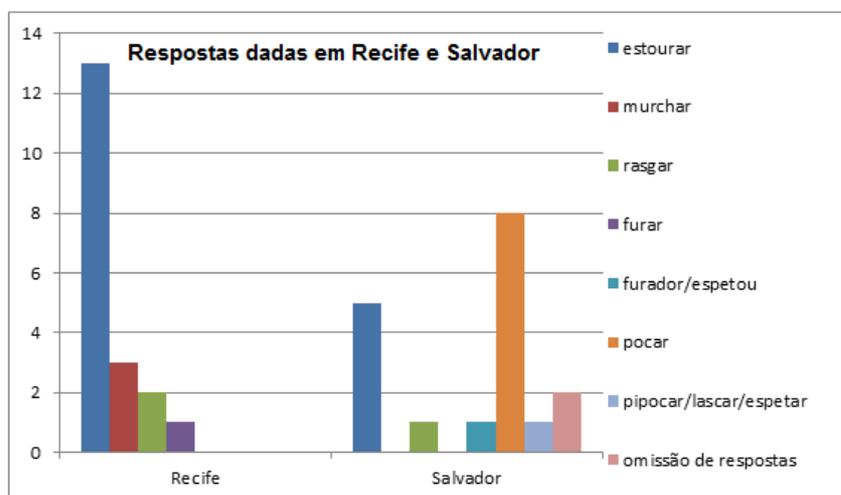


Gráfico 6: Designações para “furar a bola”.¹⁵

Para a pergunta 6, as respostas dadas pelos recifenses foram: *murchar*, *rasgar* e *furar*. Por outro lado, os soteropolitanos além de responderem *pocar*, outros itens lexicais foram ditos: *furador*, *alfinetar*, *lascar*, *estourar*, *espetar*, *pipocar*.

¹⁵ No **Quadro 11** (em anexo) constam todas as respostas dadas pelos informantes entrevistados em Recife e Salvador.

O significado de *furar* para Houaiss (2009, p. 365) é: “abrir furo, buraco em”. Já *murchar* significa: “fazer perder a vida, o viço (plantas, flores); fazer perder o ânimo, o vigor, a energia, enfraquecer-se” (HOUAISS, 2009, p. 518). Por outro lado, Houaiss (*op. cit.*) define *rasgar* como: “partir(-se) em pedaços irregulares (pano, papel), dilacerar (rasgar com força)”.

De acordo com o que os recifenses responderam e os significados encontrados em Houaiss (*op. cit.*), *murchar* é uma característica dos seres vivos, mas foi dado ao ser inanimado, no caso a bola. Já o sentido dado pelos informantes de Recife difere do uso de *rasgar* como consta no dicionário da língua portuguesa consultado. Há nos exemplos uma transferência de significados para designar a ação de furar a bola. A palavra *furador* é constituída a partir de furar.

O vocábulo *alfinetar* em Houaiss (2009, p. 30) é: “espetar ou prender com alfinete”. Esse significado condiz com a ação de furar a bola. *Lascar* é tirar lascas, fazer lascas em. O uso do verbo ‘lascar’ pelo sujeito falante indica a transposição de significado deste verbo e espetar é caracterizado pelo lexicólogo como: “introduzir ponta afiada de algo em, enfiar, cravar” (HOUAISS, 2009, p. 310).

O verbo *pocar* foi encontrado apenas no dicionário de Baianês (1991, 2013, s/p) como “furar, estourar (A bola pocou)”. O verbo *pocar* e suas variações são tipicamente soteropolitanas, uma vez que nenhum recifense se referiu a *pocar* para estourar a bola. Podemos dizer que a lexia *pocar* tem origem africana conforme Castro (2005, p. 316-317) mostra: “pocã = bocapiu¹⁶ em tamanho pequeno que é usado pelo erê¹⁷; pocô = panela; pocó (de origem banto) = faca”.

Mais uma vez constatamos o uso do verbo *pipocar*, mas agora no sentido de *furar*. Se compararmos o *pipocar* que foi dito no sentido de altear e aumentar com no sentido de furar, podemos inferir que estamos diante de uma homonímia, isto é, palavras que possuem a mesma grafia, mas com significados diferentes. Com as diferentes maneiras que o sujeito possui de enunciar é que percebemos que o sentido é dado na referência. Ou seja, o sentido é dado no momento em que o locutor fala. Frisamos que a enunciação é estabelecida na categoria do presente e isso está relacionado à categoria do tempo verbal, como ratificado por Benveniste ao

¹⁶ Conforme Castro (2005, p. 177) *bocapiu* significa: “cesto retangular de palha, trançado e com alças, que serve para carregar provisões”.

¹⁷ Segundo Castro (*op. cit.*, p. 230) *erê* significa: “um dos estados em transe; espíritos infantis também cultuados pelos iniciados ao lado da divindade a que foram consagrados. Agem como crianças traquinas [...] falam com voz infantil, uma linguagem em português truncado”.

dizer que: “o presente é propriamente a origem do tempo” (BENVENISTE, 2005, p. 85).

Além disso, quando o indivíduo faz parte de uma determinada comunidade linguística, ele possui traços culturais daquele meio. Dessa forma, a cultura pode ter um fator determinante na identidade e na enunciação dos sujeitos falantes.

Questão 7: Como se chama a ação de perder uma oportunidade?

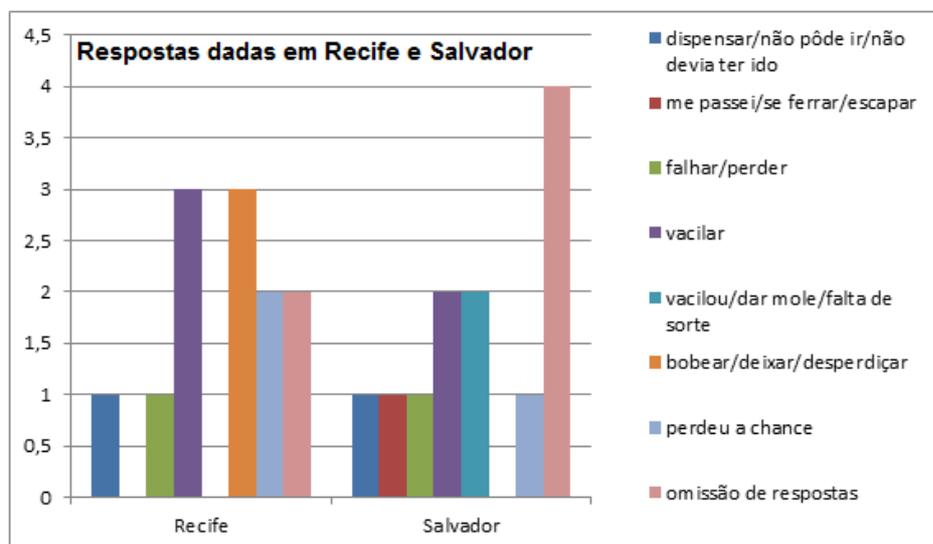


Gráfico 7: Designações para 'perder uma oportunidade.'¹⁸

Nesta questão, as respostas dadas foram diversificadas. Em Recife obtivemos as seguintes respostas: *dispensar, falhar, deixar escapar, dormir no ponto, vacilar, perder uma chance, escapou*. Em Salvador as respostas dadas foram: *me passei, vacilar, não pôde ir, se ferrar, dar mole, falta de sorte, deixar de ganhar algo, vacilou, não devia*.

Diante das respostas, observamos que a enunciação é única, pois as funções enunciativas são irrepetíveis. Conforme, Benveniste (2005) a subjetividade ocorre quando o locutor se apresenta como sujeito, utilizando a língua mostrando-se como eu no seu discurso. O que vale é o tempo presente, que mostra a intenção do sujeito falante.

¹⁸ No **Quadro 12** (em anexo) constam todas as respostas dadas pelos informantes entrevistados em Recife e Salvador.

Em Houaiss (2009, p. 344) *ferrar* indica: “pregar ferro ou ferrão em pôr ferradura”. O significado do dicionário pode ter o sentido atribuído pelo informante: *se ferrar*, comparando o fato de perder uma oportunidade com a dor daquele que a perdeu, assim, como por ferros.

Ao analisarmos essas lexias podemos citar o que menciona Saussure [1916] (2006), pois segundo o autor há um sistema de relação existente entre os signos, isto é, os signos linguísticos possuem um valor. “O fundamental no estruturalismo linguístico francês é mostrar que a língua é um sistema de valores constituído por diferenças. Isto é, os signos linguísticos estabelecem relações de valor entre si” (BARROS, 2011, p. 25). É no sintagma da língua que identificamos o valor, o sentido da enunciação do sujeito falante, ou seja, “a língua é um sistema do qual todas as partes podem e devem ser consideradas em sua solidariedade sincrônica” (SAUSSURE, [1916] (2006), p. 102). A língua é, pois, estudada através das relações que os elementos ocupam em um sintagma.

Ao fazermos essa análise, verificamos as várias formas mencionadas pelos sujeitos falantes entrevistados no eixo paradigmático. Para Benveniste (2006), a analogia desperta algumas reflexões:

É a noção de troca, que poderia ser assimilada à troca paradigmática. Sabe-se que o eixo paradigmático da língua é aquele que é justamente caracterizado, em relação ao eixo sintagmático, pela possibilidade de substituir um termo por um outro, uma função por outra na medida em que justamente ela tem um valor de utilização sintagmática. (BENVENISTE, *op. cit.*, p. 103).

Dessa maneira, percebemos que a sociedade é suscetível como o sujeito se estabelece e se constitui na relação com o outro e com a língua. Freitas (2010) pontua que ao pensarmos na enunciação de Benveniste, partindo da noção de intersubjetividade, talvez seja possível propor trabalhos relacionados à identidade cultural.

Segundo o autor, em princípio, não seria provavelmente o caso de uma análise linguística formal; mas sim, semântica discursiva. Ele acrescenta que se quisermos entender a cultura como a relação entre sujeito, língua e sociedade, temos não só uma mera manifestação discursiva de alguns sujeitos. Temos na verdade, algo que atesta essa relação intrincada: está na língua (aqui como discurso) porque está no sujeito, e portanto na sociedade, simultaneamente.

Observamos, ainda, o significado da expressão *não devia* dita pela soteropolitana IPS, 5º EF e 57 anos, pois quem *não deve* pode dormir no ponto, ficar à vontade, ficar tranquila. Mas aí o significado de dormir no ponto foi diferente do sentido que os recifenses aplicam que é: perder uma oportunidade.

Dessa maneira, verificamos que cada palavra tem um valor determinado por outras palavras que estão no sistema. Para sabermos o valor semântico de determinado léxico, temos que analisá-lo dentro do contexto (sintagma - eixo da simultaneidade em que ele está inserido).

Questão 8: Como se chama a ação de pedir desconto sempre que vai comprar algo à vista ou que já esteja com desconto?

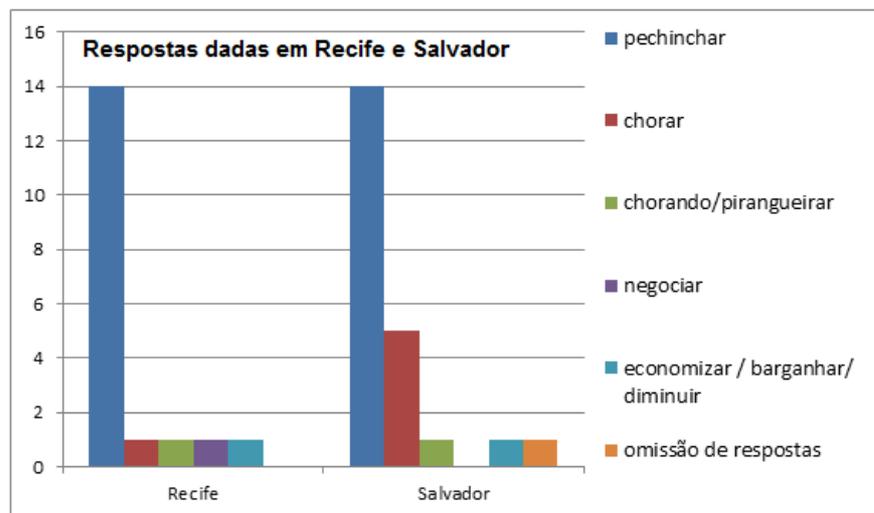


Gráfico 8: Designações para 'pechinchar'.¹⁹

Os itens lexicais dados pelos recifenses foram os seguintes: *negociar*, *pechinchar*, *pirangueirar*, *diminuir*, *chorar*. Por outro lado, em Salvador as respostas dadas foram: *chorar*, *pechinchar*, *barganhar*, *pedir um abatimento*.

De acordo com Houaiss (2009, p. 565), o termo *pechinchar* significa: “pedir redução do (de) preço; barganhar”. *Barganhar* para o lexicólogo é: “pedir redução do (de) preço; pechinchar” (HOUAISS, 2009, p. 90).

¹⁹ No **Quadro 13** (em anexo) constam todas as respostas dadas pelos informantes entrevistados em Recife e Salvador.

Já o vocábulo *negociar* para Houaiss (2009, p. 525) é: “fazer transação comercial de (mercadoria e serviço) [com pessoa, empresa]; comerciar”. A palavra *diminuir* para o pesquisador representa: “reduzir(-se) a uma quantidade, dimensão ou intensidade menor; reduzir o mérito, (valor)” (HOUAISS, *op. cit.*, p. 251). E *chorar* é: “derramar lágrimas, servir choro, dose; queixar-se de, geralmente com lágrimas, lastimar; pedir redução de preço (de) ; pechinchar)” (*op. cit.*, p. 156).

Na visão dos entrevistados parece que *pechinchar*, *barganhar*, *negociar*, *diminuir* e *chorar* são sinônimos. Mas é conveniente analisarmos o duplo sentido da palavra *chorar*, pois além de ser usada como *pechinchar*, pode ser *derramar lágrimas*, *servir choro*. Dessa maneira, *chorar* pode, a depender da forma que for utilizado, ser comparado a uma metáfora. O sentido de *chorar* só vai ser constatado quando o sujeito se apropriar da língua e expor a sua enunciação. Isso vai depender de seu conhecimento de mundo e da cultura na qual ele está inserido. Segundo Benveniste (2005, p. 32) “a cultura define-se como um conjunto muito complexo de representações, organizadas por um código de relações de valores: tradições, [...] é pela língua o homem assimila a cultura, a perpetua ou a transforma”.

Através destes verbos, podemos examinar as marcas do sujeito na língua. Forma e sentido estão intimamente ligados, já que um não anda sem o outro, mas essa ligação não pode ser inteiramente contingente e, se nos propusermos a em descrever atentamente as formas, descobrimos que é o sentido que dá razão a suas diferenças.

O verbo, segundo Azeredo (2008, p. 180), “é a espécie de palavra que ocorre nos enunciados sob distintas formas (vocábulos morfossintáticos) para a expressão das categorias de tempo, aspecto, modo, número e pessoa.” Além disso, o verbo, em todas as suas categorias (aspecto, tempo, pessoa, gênero) apresenta um modo de significação subjetivo ou um modo de significação objetivo, se fizer parte de um discurso contendo eu ou contendo ele respectivamente. Ou seja, além da categoria de pessoa, as categorias de tempo e espaço partilham do mesmo *status* linguístico e figuram como pertencentes ao discurso.

Pirangueirar é uma derivação sufixal, pois ocorreu um acréscimo de sufixo -*ueirar* a palavra *pirangar* que só é reconhecida pelo dicionário de Pernambuquês. Bernardino (2002, p. 154) explica que *pirangar* significa: “mendigar, pedir emprestado; pedir desconto”. O item lexical *pirangar* é marca dialetal recifense, uma

vez que nenhum soteropolitano mencionou essa forma para se referir ação da pessoa que pede desconto.

Por outro lado, em Salvador foi detectada a predominância do verbo *pechinchar*, seguido de *chorar* e da derivação *chorando*. Aqui como foi mencionado anteriormente, só entenderemos o sentido de *chorar* quando o sujeito se apropriar da língua. É perceptível a derivação sufixal (-ando) forma do verbo no gerúndio da palavra *chorar*. A expressão *pedir um abatimento* é um sinônimo de pedir um desconto redução de valor.

Questão 9: O que significa bulir pra você?

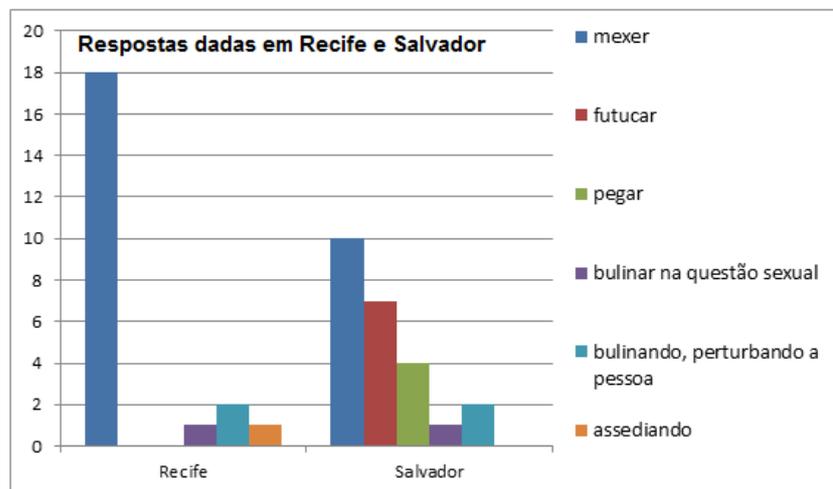


Gráfico 9: Designações para 'bulir'.²⁰

Através dos dados coletados, constatamos que os recifenses usam *bulir* para: *mexer*, *bulinar* (*irritar alguém*), *bulinando*, *perturbando a pessoa*, *assediando*, *mexer sem permissão*. Já para os soteropolitanos *bulir* possui os seguintes significados: *mexer*, *pegar algo*, *futucar*, *bulinar*, *bulinar na questão sexual*, *pegar*, *tirar onda*.

De acordo com Houaiss (2009, p. 114), *bulir* significa: “mover(-se) ou agitar(-se) de leve, mexer(-se), pôr as mãos; tocar; aborrecer, incomodar; bulimento”. O autor define *futucar* como: “introduzir o dedo ou objeto em (cavidade, orifício); cutucar; sacudir levemente; mexer” (HOUAISS, 2009, p. 365). *Mexer* é definido pelo lexicólogo como: “agitar o conteúdo de algo, com ajuda de colher, varinha, pôr(-se)

²⁰ No **Quadro 14** (em anexo) constam todas as respostas dadas pelos informantes entrevistados em Recife e Salvador.

em movimento, tirando ou saindo da posição original; mover(-se), pôr as mãos em, movendo, revirando” (HOUAISS, 2009, p. 502).

Já *pegar* é conceituado por Houaiss (2009, p. 566) como: “segurar, prender, deixar ficar preso; adquirir ou transmitir(-se) por contágio ou por influência”.

Constatamos após análise que *bulir*, *futucar* e *mexer* são compreendidos com sinônimos. O item lexical *pegar* tem um sentido diferente dos sinônimos: *bulir*, *futucar* e *mexer*.

Identificamos uma derivação da forma *bulir* (bulinar-bulinando). Como professora de língua portuguesa, em sala de aula um fato observado é o uso da forma *bulinar* associado ao *bullying*, isso é ratificado com as amostras analisadas nesta pesquisa. O *bullying* é uma palavra de origem inglesa que é utilizado para se referir a atos de violência física, verbal ou psicológica que vem de *bully* e significa valentão. É comum nas escolas de ensino fundamental II os discentes falarem que o aluno x bulinou ele (no sentido de fazer agressão verbal). Exemplo: Professora, Paulo está me bulinando.

Diante do que foi analisado, o termo *bulinar* pode ter o sentido de *bullying*, *assédio sexual* e de *mexer (brincando)*. Só iremos perceber qual é o valor semântico após a enunciação do sujeito falante. Ao entrevistar alguns informantes que usam a palavra *bulinar* com o sentido de assédio sexual, foi constatado um certo desconforto por parte desses indivíduos ao se enunciarem, por conta da ideia imposta na pergunta, foi perceptível um certo pudor, um tabu linguístico dos sujeitos falantes masculinos para se referirem ao significado de *bulinar* no sentido sexual.

Questão 10: Construa uma frase utilizando o verbo que indique bulir?

Recife			Salvador	
G	FRASES	G	FRASES	
M	<i>Alessandro buliu na geladeira.</i>	M	<i>Pare de bulir no meu celular.</i>	
F	<i>Eu buli nos produtos de sua casa.</i>	F	<i>Amanda buliu na minha bolsa.</i>	
F	<i>Eu vou bulir nas coisas de minha irmã para procurar a maquiagem. (mexer) Zezinho é bulinado na escola. = acha que essa palavra (bulir) vem de bullying</i>	F	<i>Você buliu nas minhas coisas. Você buliu na minha mochila.</i>	
F	<i>Não bula com ele não. Deixe o menino quieto.</i>	F	<i>Estar bulinando em quê aí? Perdeu algo?</i>	
F	<i>Daniele pare de bulir no feijão.</i>	F	<i>Eu buli (peguei) no espelho.</i>	
F	<i>A menina está bulindo com o menino. (mexendo) = pode ser com segundas intenções ou não</i>	F	<i>Eu estou bulindo na bolsa de mainha.</i>	
M	<i>João mexeu com Maria.= pegou nos braços</i>	F	<i>Ela quer bulir na minha bolsa. Ele buliu em mim. = tocar</i>	
M	<i>Eu mexi na bolsa dela.</i>	F	<i>A menina buliu na bolsa.</i>	
M	<i>Eu buli na bolsa de minha mãe.</i>	F	<i>João foi preso por bulinar uma criança. Ana buliu no estojo.</i>	
M	<i>Ela buliu na bolsa procurando o espelho. Ela bulinou o rapaz. = como se fosse assédio. O estagiário foi bulinado pela equipe. = sofreu bullying.</i>	F	<i>Aline é buliçosa.</i>	
M	<i>Carol buliu no meu celular.</i>	F	<i>Você está mexendo (bulindo) nas minhas coisas. = materiais de estudar, perfumes, papéis.</i>	
F	<i>Eu vou bulir na minha bolsa.</i>	M	<i>Não bula nas minhas coisas. (meu celular) O rapaz está bulindo com a menina. = paquerando</i>	
M	<i>Eu bulinei a colega do trabalho. (Mas não foi com segundas intenções)</i>	M	<i>Alguém mexeu nos meus papéis que estavam aqui arrumados? = Foram futucados, mexidos.</i>	
F	<i>Eu mexo no esmalte.</i>	F	<i>Eu buli na carteira do meu marido.</i>	
F	<i>Eu bulo no quarto dele.</i>	F	<i>Eu buli na chave.</i>	
F	<i>Ontem eu peguei João bulindo na bolsa da mãe dele.</i>	F	<i>Eu bulo na cadeira.</i>	
M	<i>Minha mãe buliu nas minhas coisas na bolsa.</i>	F	<i>Não respondeu</i>	
M	<i>Eu buli com a menina. (brincando)</i>	F	<i>Não respondeu.</i>	
M	<i>O menino buliu na bolsa.</i>	M	<i>Vai bulir ali para ver se está vivo.</i>	
F	<i>Ele buliu na bolsa dela.</i>	M	<i>Menino, não pegue e nem bula nessa flor.</i>	

Quadro 5: Frases com o verbo 'bulir'.

O objetivo da questão 10, foi para que os sujeitos entrevistados construíssem enunciados com o verbo que eles responderam na (questão 9) com o sentido de *bulir*, para examinarmos as marcas do sujeito na língua, a partir dos verbos. Pois “o verbo é, com o pronome, a única espécie de palavra submetida à categoria da pessoa” (BENVENISTE, 2005, p. 247). Em cada sintagma construído, identificamos a marca do sujeito falante e o sentido do verbo nos dialetos recifenses e soteropolitanos. Nesses exemplos, verificamos a metassemântica sugerida por Benveniste (2006).

Benveniste (*op. cit.*), ao explicar que é necessário ultrapassar a noção saussuriana, cita a metassemântica e fala da semiologia de segunda geração:

Esta ultrapassagem far-se-á por duas vias: - na análise intralinguística, pela abertura de uma nova dimensão de significância, a do discurso, que denominamos semântica, de hoje em diante distinta da que está ligada ao signo, e que será semiótica; - na análise translinguística dos textos, das obras, pela elaboração de uma metassemântica que constituirá a semântica da enunciação. Esta será uma semiologia de ‘segunda geração’. (BENVENISTE, *op. cit.*, p. 67).

A metassemântica descrita por Benveniste se construirá sobre a semântica da enunciação. Isto é, ao tomar a língua, o sujeito enuncia sua posição com marcas linguísticas específicas (BARBISAN, 2006). Flores (2013a, p. 81) também destaca a importância da metassemântica: “a análise *translinguística* é a que exige um novo domínio, uma nova disciplina, a *metassemântica*”.

Benveniste (2006, p. 93) menciona, ainda, que a sociedade é dada com a linguagem e cita que “cada uma destas duas entidades, linguagem e sociedade, implica a outra”. Um exemplo disso são os sotaques e a variação linguística que marca o sujeito no discurso e indicam a sua origem.

Assim é que percebemos que o falante traz na sua fala a sua identidade cultural. Referente à identidade cultural, verificamos neste trabalho este colocar em funcionamento a língua quando o sujeito se apropria e utiliza um dialeto, tendo em vista a relação estabelecida entre a língua e o sujeito na enunciação. É através das marcas linguísticas que o sujeito se estabelece e se constitui na relação com o outro e com a língua. Assim, ele revela a sua identidade cultural através da língua. Em

termos teóricos podemos dizer que a identidade cultural pertence à esfera do discurso.

Para Benveniste (2006, p. 84) “A referência é parte integrante da enunciação”. Para Flores et al. (2013, p. 38), Benveniste supõe o processo de referenciação como parte da enunciação, “ao mobilizar a língua e dela se apropriar, o locutor estabelece uma relação com o mundo via discurso”. A referência citada por Benveniste (2006) é “a identidade apontada por uma expressão linguísticas, em determinado contexto de uso (CANÇADO, 2005, p. 83). É, então, na relação sintagmática que constatamos o sentido do enunciado, os itens lexicais usados pelos sujeitos falantes recifenses e soteropolitanos pertencem a relação paradigmática, pois são itens substituíveis.

Questão 11: Como se chama a maneira de apertar o botão?

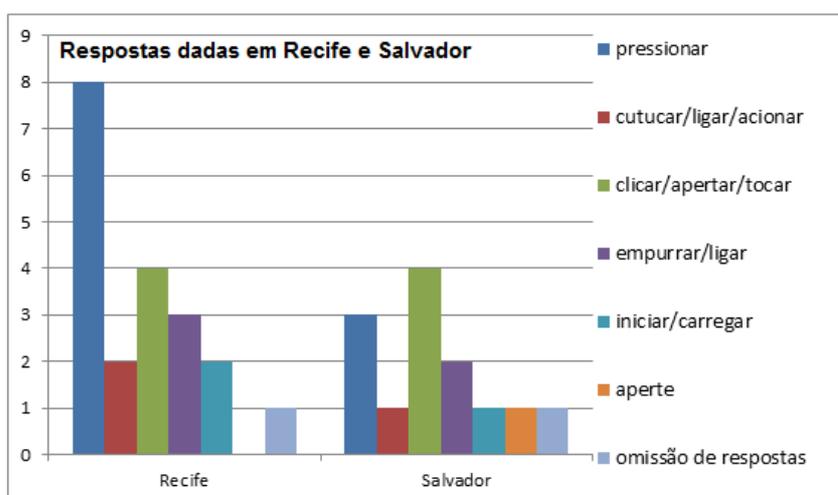


Gráfico 10: Designações para ‘apertar o botão’.²¹

Após a pesquisa, constatamos em Recife as seguintes respostas: *pressionar, empurrar, cutucar, clicar, acionar, apertar e uma pessoa não respondeu.*

Já em Salvador as respostas dadas pelos falantes foram: *apertar, ligar, tocar, mudar de canal/controle, pressionar, iniciar, ligar/desligar, carregar/aperte, futucar, acionar o botão, tocar/ligar e uma pessoa não respondeu.*

²¹ No **Quadro 15** (em anexo) constam todas as respostas dadas pelos informantes entrevistados em Recife e Salvador.

Os recifenses entrevistados não responderam *encarcar*, o que ajuda na suposição de que essa palavra está em desuso e foi substituída por outros verbos: *pressionar*, *cutucar*, *clicar*, *futucar*, utilizados nas redes sociais. Os verbos pressionar, cutucar, clicar são neologismos e, por isso, designam situações restritas ao uso das novas tecnologias. Vale salientar que tais redes são utilizadas no Brasil e no mundo por pessoas que possuem faixa etária e classe social diferentes.

Dessa maneira, podemos verificar que o sujeito é marcado na linguagem através da língua, das expressões linguísticas que usa e isso inclui o dialeto, como atestado por Hall (2015, p. 26):

Tudo que dizemos tem um 'antes' e um 'depois' – uma margem' na qual outras pessoas podem escrever. O significado é inerentemente instável: ele procura o fechamento (a identidade), mas ele é constantemente perturbado (pela diferença). Ele está constantemente escapulindo de nós.

Quando levamos em conta o princípio de que é possível encontrarmos a identidade cultural nos traços linguísticos do falante, compreendemos que são esses mesmos traços que marcam o sujeito na linguagem. Por isso, propomo-nos a examinar as marcas do sujeito na língua, a partir dos verbos, relacionando o sentido definido dos verbos como índice cultural.

Quando o indivíduo faz parte de uma determinada comunidade linguística, ele possui traços culturais daquele meio. Dessa forma, a cultura tem um fator determinante na identidade desses sujeitos falantes. A identidade cultural favorece a construções de visões de mundo como dito por Santana (2012, p. 51):

[...] quando essa identidade é linguisticamente construída e determinada, e muitos grupos humanos compartilham do mesmo grau de complexidade linguístico e conseqüentemente identitário, em face da cultura que integram, se estabelece um novo cenário.

Hall (2015) afirma que a globalização causa um impacto na identidade cultural, pois as sociedades modernas sofrem mudanças constantes e rápidas, visto que é muito mais fácil se locomover para outras regiões e interagir com outras culturas na sociedade globalizada, algo também favorecido pelo avanço tecnológico. Com isso, ela amplia a visão de mundo do indivíduo e torna as culturas são diferentes.

Benveniste (2006) afirma ser a enunciação o ato individual de colocar a língua em funcionamento. Esse aspecto aproxima em nossas discussões a afirmação do linguista à identidade cultural, pois o homem é um ser que vive em sociedade e, ao enunciar, utiliza as suas marcas linguísticas. Dessa forma, ao considerarmos a possibilidade do sujeito se enunciar, ao se apropriar e utilizar o dialeto é que percebemos a identidade cultural do sujeito falante, tendo em vista a relação estabelecida entre a língua e o sujeito na enunciação.

Questão 12: Como se chama a ação de descontrair, relaxar?

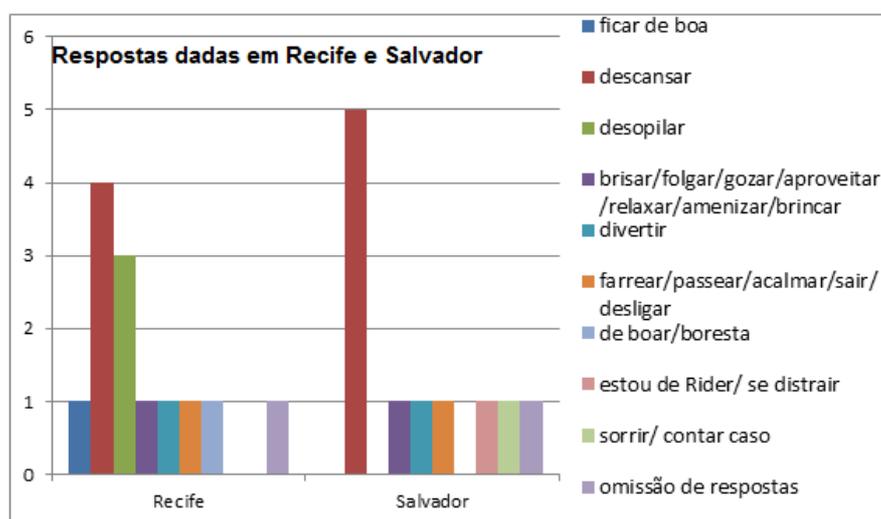


Gráfico 11: Designações para 'descontrair, relaxar'.²²

Após as entrevistas realizadas nas duas cidades, conseguimos catalogar respostas dos falantes ao se referirem à ação de descontrair, relaxar. Encontramos os seguintes itens lexicais em Recife: *desopilar, descansar, brisar, folgar, gozar, aproveitar, desligar, relaxar, divertir, amenizar, brincar, de boar e ficar de boa*. Por outro lado, em Salvador, as respostas dadas pelos sujeitos entrevistados, referente à questão 12 foram: *farrear, passear, curtir, brincar, divertir, boresta, sorrir, contar caso, acalmar, sair, ficar de maresia, se distrair, estou de Rider, descansar a mente*. Houve ainda omissão de respostas nos dois pontos do inquérito.

Brisar, de boar, ficar de boa, gozar, boresta, ficar de maresia²³ são gírias. De acordo com Rector (1994):

²² No **Quadro 16** (em anexo) constam todas as respostas dadas pelos informantes entrevistados em Recife e Salvador.

A fala dos jovens oscila entre a chamada norma culta e inculta, mas comumente assume feição própria. Trata-se de uma ‘norma jovem’, compatível com a ‘moda jovem’. Em face de outras normas, funciona como instrumento de agressão e auto-afirmação, sendo a gíria o seu aspecto mais marcante. De gírico tem a transitoriedade, uma mutação constante proveniente da perda de novidade. (RECTOR (1994, p. 101).

Brisar é uma derivação de *brisa* que segundo Houaiss (2009, p. 112) significa: “vento leve e fresco, aragem”. *Ficar de boa e de boar* representam: o prazer, a satisfação de estar relaxando, aproveitando a vida, o momento. *Boresta* está relacionado à *boreste* que, de acordo com Houaiss (2009, p. 108), significa; “lado direito de uma embarcação, estibordo; bombordo”. Já o item lexical *bombordo* representa: “olhando da popa a proa” (*op. cit.*, p. 107). *Gozar* é algo prazeroso que está relacionado a relaxar como indicado nos dicionários analisados. Após análises, constatamos que essas lexias representam o mesmo sentido, ou seja, descansar, relaxar, aproveitar.

Na expressão *estou de Rider*²⁴ verificamos a metonímia representando a marca pelo produto. De acordo com Azeredo (2008, p. 485) a figura de linguagem metonímia: “consiste na transferência de um termo para o âmbito de um significado que não é seu, processado por uma relação cuja lógica se dá, não na semelhança, mas na contiguidade das ideias”. *Rider* é uma marca de calçados masculinos.

Por outro lado, na expressão *se distrair* constatamos o uso do *se* conjunção condicional que indica uma condição: distrair.

Já *farrear, brincar, divertir, sorrir* representam o modo como vivem os soteropolitanos nos momentos de lazer, descontração em Salvador, pois na cidade ocorre festa praticamente o ano todo.

Pertencer a um grupo social está relacionado ao conhecimento que esses indivíduos têm das convenções locais que servem para construir as identidades através de exhibições de atos. “Assim, a identidade social é concebida como um significado social complexo que pode ser destilado do significado dos atos que a constitui” (PAIM, 2012, p. 20).

Quando o indivíduo faz parte de uma determinada comunidade linguística, ele possui traços culturais daquele meio. Dessa forma, a cultura pode ter um fator

²³ Esse item lexical já foi explicado na questão 3 (ver página 72).

²⁴ *Rider* é uma marca de chinelos masculinos, por isso, é possível a relação metonímica com descontração, relaxamento. Chinelo = férias, descanso.

determinante na identidade desses sujeitos falantes. A identidade cultural favorece construções de visões de mundo

Além disso, devemos considerar que o sentido intervém nas operações enunciativas como foi dito por Flores et al. (2009) que mencionam essa intervenção nas operações de segmentação e substituição em função do nível da análise do qual ele depende. O sentido de uma unidade é condição fundamental para que ela possa, simultaneamente, integrar um nível superior e distribuir-se no mesmo nível. Ele esclarece que há duas espécies de relações entre as unidades: as relações entre unidades do mesmo nível e as relações entre unidades de nível diferente, ou seja:

Entre as unidades de mesmo nível, as relações são *distribucionais*; entre as unidades de nível diferente, são *integrativas*. É nesse contexto que Benveniste acrescenta a discussão em torno das noções de *forma e sentido*. A forma diz respeito às relações *distribucionais* e permite reconhecer as unidades como *constituintes*; o sentido diz respeito às relações *integrativas* e permite reconhecer as unidades como *integrantes*. (FLORES et. al., 2009, p. 123-124).

Há, de fato, uma ordem dos signos diferente daquela da natureza ou da racionalidade, mas não sem relação com a substância, ingrediente inseparável do sujeito vivo e do mundo de sua experiência. Não podemos esquecer que o sentido passa sempre por formas. Esse é verificado quando o locutor está no momento da enunciação, quando ele coloca o seu discurso em ação (formando frase) para ser compreendido pelo alocutor na interação comunicativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por volta de 1960, com a expansão do modelo estabelecido por Saussure [1916] (2006), a Teoria da Enunciação de Émile Benveniste põe em discussão a língua em uso, em sua dimensão de significância (o discurso, o semântico), em detrimento ao que está puramente ligado ao signo (semiótico).

Nessa perspectiva, investigamos os sentidos semântico e semiótico dos verbos nos dialetos soteropolitano e recifense a partir das discussões tratadas na Teoria da Enunciação de Émile Benveniste. Tal relação foi possível, pois entendemos que a forma dialetal traz um sentido para aquele que fala.

A noção de sentido na teoria enunciativa de Benveniste não pode ser entendida sem que seja relacionada à noção de forma, pois para o autor, há na língua, duas maneiras de ser língua: no sentido e na forma, sendo esta a capacidade que tem o sistema de se dividir nas unidades da frase e aquele a capacidade das unidades se integrar na frase.

Para Benveniste (2006), a forma no semiótico diz respeito ao significante, entendido como o aspecto formal da entidade que chamamos de signo. Já o sentido no semiótico diz respeito às relações de oposições com os outros signos da língua, pois no semiótico, ser distintivo e significativo é a mesma coisa. O modo semântico, por sua vez, está relacionado à atividade do locutor e necessita a construção da referência no sintagma da língua.

Para que um signo exista, é necessário que ele seja aceito e que se relacione de uma maneira ou de outra com os demais signos. Como afirma Benveniste (2006, p. 227), “significar é ter sentido, nada mais”. É no uso da língua que um signo tem existência; o que não é usado não é signo; e fora do uso o signo não existe.

Através dos verbos, examinamos as marcas do sujeito na língua. Constatamos que o verbo em todas as suas categorias (aspecto, tempo, pessoa, gênero) apresenta um modo de significação subjetivo ou um modo de significação objetivo, quando ele faz parte de um discurso contendo eu ou contendo ele respectivamente. Ou seja, além da categoria de pessoa, as categorias de tempo e espaço partilham do mesmo *status* linguístico e figuram como pertencentes ao discurso.

Verificamos sentido da língua, considerando a forma dialetal e a identidade cultural, pois o sujeito se revela e revela a sua identidade através da língua. Como percebemos, o sentido de um enunciado se estabelece em uma relação subjetiva entre os interlocutores dentro do contexto da ação comunicativa. A marca cultural do sujeito falante, somada aos aspectos dêiticos tratados por Benveniste (2005; 2006), o espaço, o tempo e a pessoa são os itens que definem o sentido do item lexical usado por aquele sujeito num determinado contexto enunciativo.

Quando consideramos esse princípio, encontramos a identidade cultural nos traços linguísticos do falante. Os traços linguísticos formam a identidade, e são esses mesmos traços que marcam o sujeito na linguagem. Pois a sociedade é suscetível ao modo como o sujeito se estabelece e se constitui na relação com o outro e com a língua.

Dessa maneira, em nossas discussões e análises pudemos constatar que o sujeito (re)afirma sua identidade cultural através da língua em uso. Quando nos referimos aos sujeitos falantes de duas regiões distintas como Recife e Salvador, percebemos que o dialeto marca o sujeito e assume o sentido de formador de identidade. No enunciado: *Hoje eu vou desopilar*. Os falantes de Recife apontam o sentido de: relaxar, descontrair, o mesmo não ocorre com o soteropolitano. Assim, o soteropolitano, por não entender o sentido da palavra '*desopilar*' dado pelos recifenses, pode dar um novo sentido ao léxico '*desopilar*', ou simplesmente não saber definir o significado deste dialeto. Verificamos, então, que o recifense e o soteropolitano não pertencem ao mesmo contexto histórico-cultural. Além disso, percebemos que eles não atendem aos mesmos aspectos dêiticos, espacial e temporal e isso é verificado na fala, no uso das palavras, pois a forma é diferente do sentido quando utilizado no sintagma da língua.

O mesmo acontece com o sintagma: *Pare de nigrinhar*. A lexia '*nigrinhar*' é entendida pelos soteropolitanos como uma pessoa à toa, vadia, mas pode ser compreendida de outra forma pelos recifenses ou pode não ser entendido e ficar sem significado para os recifenses.

Um item lexical pode ter vários sentidos, porém a confirmação dele está atrelada à pessoa que fala e ao contexto enunciativo, sem que sejam desconsiderados para o estabelecimento da significação outros fatores como: a cultura do sujeito a sua naturalidade, sua faixa etária, seu gênero (se feminino ou

masculino), seu grau de escolaridade. A soma desses fatores contribui na constituição das marcas linguísticas do sujeito falante.

Além disso, verificamos que o contexto histórico, geográfico, sociocultural e o discurso mostram as diversidades e transições que são causadoras da constante evolução da interlocução e dos dialetos. Os aspectos linguísticos e culturais caracterizam os sujeitos falantes, fazendo com que esses sujeitos se aproximem através da fala no meio em que interagem. O uso do dialeto de forma espontânea no ponto de vista intercultural é considerado uma estratégia de valorização dos usos e costumes, e isso foi perceptível nas entrevistas realizadas com os sujeitos falantes de Recife e Salvador.

Após análises dos resultados, comprovamos que as formas dialetais registradas pelos informantes de Recife e Salvador são dotadas de sentido, o que nos permite concluir que as relações de sentido perpassam por quem faz uso da linguagem e a relação do sujeito com a língua é refletida pela questão da identidade do povo. A enunciação, entendida como a colocação da língua em funcionamento por um ato individual de utilização, possibilita que identifiquemos o dialeto como marca enunciativa do sujeito falante.

REFERÊNCIAS

ALIB. Disponível em: <<http://twiki.ufba.br/twiki/bin/view/Alib/WebHome>>. Acesso em: 24 out 2015.

AZEREDO, José Carlos de. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa**. São Paulo: Publifolha, 2008.

BARBISAN, Leçi Borges. O conceito de enunciação em Benveniste e em Ducrot. **Letras**. n. 33, (Émile Benveniste: interfaces, enunciação e discurso), Santa Maria, RS, jul/dez 2006.

_____; FLORES, Valdir do Nascimento. **Sobre Saussure, Benveniste e outras histórias da linguística**. In: NORMAND, Claudine. Convite à linguística. São Paulo: Contexto, 2009.

BARROS, Isabela Barbosa do Rêgo. **Da linguagem e sua relação com o autismo: um estudo linguístico saussureano e benvenistiano sobre a posição do autista na linguagem**. 2011. 135f. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral I**. Trad. de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. 5. ed. Campinas: Pontes Editores, 2005.

_____. **Problemas de linguística geral II**. Trad. Eduardo Guimarães et al. 2. ed. Campinas: Pontes, 2006.

_____. **Últimas aulas no Collège de France**. Trad. Daniel Costa da Silva et al. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

BERNARDINO, Bertrando. **Minidicionário de Pernambuquês**. 3. ed. Recife: Bagaço, 2002.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Teoria linguística: (teoria lexical e linguística computacional)**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BOTA, Cristian; BRONCKART, Jean-Paul. In: BRONCKART, Jean-Paul; BULEA; Ecaterina; BOTA, Cristian. (Orgs.). **O projeto de Ferdinand Saussure**. Trad. Marcos Bagno. Fortaleza: Parole et Vie, 2014.

BOUISSAC, Paul. **Saussure: um guia para os perplexos**. Trad. de Renata Gaspar Nascimento. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso. **Dicionário de linguística e gramática: referente à língua portuguesa**. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 1985a.

_____. **A estrutura da língua portuguesa**. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 1985b.

CANÇADO, Márcia. **Manual de semântica**: noções básicas e exercícios. Belo Horizonte: editora UFMG, 2005.

CARDOSO, Suzana Alice. **Geolinguística**: tradição e modernidade. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

CARVALHO, Nelly. **A palavra é**. Recife: Ed. LIBER, 1999.

_____. **O texto publicitário na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2014.

_____. **Princípios básicos de lexicologia**. 2. ed. Recife: ed. Universitária da UFPE, 2011.

CASTRO, Yeda Pessoa de. **Falares africanos na Bahia**: um vocabulário afro-brasileiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 2005.

CAVALCANTI, Carlos André Macedo. **Pernambuco Afortunado**: da Nova Lusitânia à Nova Economia. Recife: INTG, 2006.

COMITÊ NACIONAL. **Atlas Linguístico do Brasil**. Questionários. Londrina: Ed. UEL, 2001

COUTINHO, Ismael de. **Pontos de Gramática Histórica**. 7. ed. rev. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

CRUZ; Mércia Socorro Ribeiro; MENEZES, Juliana Santos; PINTO, Odilon. Festas culturais: tradição, comidas e celebrações. **I EBECULT**– FACOM/UFBA, 2008. p. 1-36.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Breve Gramática do Português Contemporâneo**. 13. ed. Rio de Janeiro: Edições João Sá da Costa, 2000.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Trad. Izabel Magalhães. reimp. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.

FERRAREZI Jr., Celso. **Semântica Cultural**. In: _____; BASSO, Renato. **Semântica, semânticas**: uma introdução. São Paulo. Contexto, 2013.

FLORES, Valdir do Nascimento. et al. **Dicionário de linguística de enunciação**. São Paulo: Contexto, 2009.

_____. et al. **Enunciação e gramática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

_____. **Introdução à teoria enunciativa de Benveniste**. São Paulo: Parábola, 2013a.

_____. In: FERRAREZI Jr., Celso; BASSO, Renato. **Semântica, semânticas**: uma introdução. São Paulo: Contexto 2013b.

FREITAS, Luis Felipe Rhoden. A identidade cultural na interface com os estudos enunciativos e discursivos. **Anais do SITED**, Porto Alegre, RS, p. 322-330, set. 2010.

GANDINI, Sérgio Luiz. Cultura Popular. In: GADINI, Sérgio Luiz; WOITOWICZ, Karina Janz (Orgs.). **Noções básicas de folkcomunicação**: uma introdução aos principais termos, conceitos e expressões. Ponta Grossa, Editora: UEPG, 2007.p. 54-58.

GUÉRIOS, Rosário Farâni Mansur. **Tabus linguísticos**. 2. ed. aum. São Paulo: Ed. Nacional; Curitiba: Ed. Universidade Federal do Paraná, 1979.

HALL. Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva; Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

HOUAISS. Antônio; VILLAR, Mauro de Sales. **Minidicionário Houaiss da língua portuguesa**. 3. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

ILLARI, Rodolfo; GERALDI, João Wanderley. **Semântica**. 10. ed. reimp. Editora: Ática, 2000.

LARIÚ, Nivaldo. **Dicionário de Baianês**. Salvador: Copyright, 1991.

_____. **Dicionário de Baianês**. 5. ed. rev. e ampliada. Salvador: Copyright, 2013.

LIMA SOBRINHO, Barbosa. **Pernambuco e o São Francisco**. Recife: Imp. Oficial, 1929.

_____. **Documentos do Arquivo**. Recife: Secretária do Interior de Justiça / Arquivo Público Estadual, 1950.vol. IV e V.

MARQUES, Maria Helena Duarte. **Iniciação à semântica**. 7. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.

MARROQUIM, MÁRIO. **A Língua do Nordeste**: Alagoas e Pernambuco. 4. ed. Maceió: EDUFAL, 2008.

MELO, Gladstone Chaves de. **A língua do Brasil**. 4. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Padrão, 1981.

MENDONÇA, Renato. **A influência africana no português do Brasil**. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1973.

MESSIAS, Aderlan. Desenrola a língua. **Revista A**. ago, 2013. Disponível em: <<http://www.revistaa.net/colunistas/aderlan-desenrola-lingua/piriguite-e-ricardao-no-dicionario/#.Vu7EMnp1xOY>>. Acesso em 25 jan 2016.

MIRANDA, Ana. **Boca do Inferno**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

MONTEIRO, José Lemos. **Para compreender Labov**. 3. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

NASCENTES, Antenor. **O linguajar carioca**. Rio de Janeiro: Simões, 1953.

_____. **Dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1988.

NAVARRO, Fred. **Dicionário do Nordeste**. 2. ed. Recife: Cepe, 2013.

NORMAND, Claudine. **Convite à linguística**. 1. reimp. São Paulo: Contexto, 2012.

PAIM, Marcela Moura. A emergência de identidade social de faixa etária do projeto atlas linguístico do Brasil (Projeto ALiB). **VOSS Revista** Polidisciplinar Eletrônica da Faculdade Guairacá. v. 4, n. 1, 2012. p. 19-30.

_____. Identidade social e variação em Salvador. In: LOPES, Norma da Silva; BULHÕES, Lígia Pellon de Lima; PARCERO, Lúcia Maria de Jesus. (Orgs.). **Salvador, sob o olhar da sociolinguística**. Feira de Santana: UEFS Editora, 2013. p. 91-105.

PÓVOAS, Ruy do Carmo. **A Linguagem do Candomblé: níveis sociolinguísticos de integração afro-portuguesa**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

PRETI, Dino. Léxico na língua oral e escrita. In: PRETI, Dino. **Variação lexical e prestígio social das palavras**. São Paulo: Humanitas/ FFLCH/USP, 2003.

RECTOR, Mônica. **A fala dos jovens**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

RIBEIRO, Alexandre Vieira. **A cidade de Salvador: estrutura econômica, comércio de escravos e grupo mercantil**. 2005. 269f. Tese (Doutorado em História Social). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

SÁ, Edmilson José de. **Atlas Linguístico de Pernambuco (ALiPE)**. 2013. 416f. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.

SANTANA, Joelton Duarte de. Língua, cultura e identidade: a língua portuguesa como espaço simbólico de identificação no documentário: Língua - vidas em português. **Revista Linha D'Água**. V. 25, n. 1, 2012, p. 47-66.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Escritos de linguística geral**. Trad. Carlos Augusto Leuba Salum; Ana Lucia Franco. São Paulo: Cultrix, 2002.

_____. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2006.

SILVA, Leonardo Dantas. **Pernambuco: Imagens da Vida e da História**. Recife: SESC, 2001.

SILVA, Thaís Cristóforo. **Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios**. 6. ed. rev. São Paulo: Contexto, 2002.

STUMPF, Elisa Marchioro. Saussure e Benveniste: ultrapassagem ou rompimento? *ReVEL*, v. 8, n. 14, 2010, p. 1-12.

TAMBA, Irène. **A semântica**. Trad. Marcos Marcionílio. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

TROIS, João Fernando de Moraes. O “retorno a Saussure” de Benveniste: a língua como um sistema de enunciação. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v.39, n. 4, dez. 2004, p. 33-43.

APÊNDICES E/OU ANEXOS

Questão 1: Como se chama a ação de copiar do outro na escola no dia da prova?

Recife						Salvador				
G	Esc.	Iniciais	F. E.	Resp.	G	Esc.	Iniciais	F. E.	Resp.	
M	Sup.	AAB	23	<i>filar</i>	M	Sup.	TS	30	<i>pescar/colar</i>	
F	Sup.	TSV	25	<i>colar</i>	F	5º EF	RSF	20	<i>pescar</i>	
F	Sup.	NLST	24	<i>colar</i>	F	5º EF	APSS	26	<i>pescar/colar</i>	
F	Sup.	NR	24	<i>colar</i>	F	5º EF	PRC	28	<i>colar</i>	
F	Sup.	CSN	26	<i>colar</i>	F	5º EF	JC	18	<i>Olhar/espiar</i>	
F	Sup.	CGO	28	<i>colar</i>	F	Sup.	CSR	29	<i>pescar/colar</i>	
M	Sup.	LFABM	30	<i>filar</i>	F	Sup.	NSCL	21	<i>pescar/colar</i>	
M	Sup.	IHFS	29	<i>colar</i>	F	Sup.	CNP	21	<i>colar</i>	
M	Sup.	RAFS	27	<i>filar</i>	F	Sup.	FCCM	28	<i>pescar</i>	
M	Sup.	BHVC	22	<i>colar</i>	F	Sup.	TSS	28	<i>pescar/colar</i>	
M	Sup.	CAFMJ	27	<i>filar</i>	F	Sup.	LSR	30	<i>pescar</i>	
F	5º EF	MCSA	51	<i>filar</i>	M	Sup.	RWL	25	<i>pescar/colar</i>	
M	Sup.	CJNF	53	<i>colar</i>	M	Sup.	EL	58	<i>pescar</i>	
F	Sup.	ZMA	53	<i>filar</i>	F	Sup.	NMGA	64	<i>pescar</i>	
F	Sup.	RQL	54	<i>filar</i>	F	5º EF	NCSA	54	<i>pescar/colar</i>	
F	Sup.	VML	55	<i>filar</i>	F	5º EF	MASM	55	<i>pescar</i>	
M	Sup.	RRC	22	<i>filar</i>	F	5º EF	ACRO	56	<i>pescar</i>	
M	Sup.	JMG	29	<i>colar</i>	F	5º EF	IPS	57	<i>colar</i>	
M	Sup.	DBPL	22	<i>colar</i>	M	5º EF	JVC	58	<i>pescar</i>	
F	Sup.	BFDS	23	<i>filar</i>	M	5º EF	FQJ	55	<i>pescar</i>	

Quadro 6: Designações para 'copiar'.

Questão 2: Como se chama o ato de cobrir os livros novos da escola?

Recife						Salvador				
G	Esc.	Iniciais	F. E.	Resp.	G	Esc.	Iniciais	F. E.	Resp.	
M	Sup.	AAB	23	<i>encapar</i>	M	Sup.	TS	30	<i>plastificar</i>	
F	Sup.	TSV	25	<i>encapar</i>	F	5º EF	RSF	20	<i>forrar</i>	
F	Sup.	NLST	24	<i>encapar</i>	F	5º EF	APSS	26	<i>plastificar/encapar</i>	
F	Sup.	NR	24	<i>encadernar</i>	F	5º EF	PRC	28	<i>encapar/plastificar</i>	
F	Sup.	CSN	26	<i>encadernar</i>	F	5º EF	JC	18	<i>plastificar</i>	
F	Sup.	CGO	28	<i>encapar</i>	F	Sup.	CSR	29	<i>cobrir</i>	
M	Sup.	LFABM	30	<i>encapar</i>	F	Sup.	NSCL	21	<i>forrar</i>	
M	Sup.	IHFS	29	<i>encapar</i>	F	Sup.	CNP	21	<i>plastificar</i>	
M	Sup.	RAFS	27	<i>plastificar</i>	F	Sup.	FCCM	28	<i>forrar</i>	
M	Sup.	BHVC	22	<i>plastificar</i>	F	Sup.	TSS	28	<i>encadernar</i>	
M	Sup.	CAFMJ	27	<i>encapar</i>	F	Sup.	LSR	30	<i>forrar</i>	
F	5º EF	MCSA	51	<i>encapar</i>	M	Sup.	RWL	25	<i>forrar</i>	
M	Sup.	CJNF	53	<i>encapar</i>	M	Sup.	EL	58	<i>forrar</i>	
F	Sup.	ZMA	53	<i>proteger/conservar</i>	F	Sup.	NMGA	64	<i>forrar</i>	
F	Sup.	RQL	54	<i>encapar</i>	F	5º EF	NCSA	54	<i>forrar</i>	
F	Sup.	VML	55	<i>encapar</i>	F	5º EF	MASM	55	<i>forrar</i>	
M	Sup.	RRC	22	<i>encapar</i>	F	5º EF	ACRO	56	<i>forrar</i>	
M	Sup.	JMG	29	<i>encadernar</i>	F	5º EF	IPS	57	<i>forrar</i>	
M	Sup.	DBPL	22	<i>encapar</i>	M	5º EF	JVC	58	<i>forrar</i>	
F	Sup.	BFDS	23	<i>encapar</i>	M	5º EF	FQJ	55	<i>forrar</i>	

Quadro 7: Designações para 'cobrir os livros'.

Questão 3: Como se chama o ato de faltar a escola ou o trabalho?

Recife						Salvador				
G	Esc.	Iniciais	F. E.	Resp.	G	Esc.	Iniciais	F. E.	Resp.	
M	Sup.	AAB	23	<i>faltar</i>	M	Sup.	TS	30	<i>faltar/ tô de maresia</i>	
F	Sup.	TSV	25	<i>gazear</i>	F	5º EF	RSF	20	<i>filar</i>	
F	Sup.	NLST	24	<i>gazear</i>	F	5º EF	APSS	26	<i>filar</i>	
F	Sup.	NR	24	<i>matar</i>	F	5º EF	PRC	28	<i>filar</i>	
F	Sup.	CSN	26	<i>gazear</i>	F	5º EF	JC	18	<i>filou</i>	
F	Sup.	CGO	28	<i>gazear</i>	F	Sup.	CSR	29	<i>queimar/furar</i>	
M	Sup.	LFABM	30	<i>gazear/ausentar</i>	F	Sup.	NSCL	21	<i>faltar/queimar</i>	
M	Sup.	IHFS	29	<i>gazear</i>	F	Sup.	CNP	21	<i>queimar</i>	
M	Sup.	RAFS	27	<i>ausentar</i>	F	Sup.	FCCM	28	<i>faltar</i>	
M	Sup.	BHVC	22	<i>queimar</i>	F	Sup.	TSS	28	<i>queimar</i>	
M	Sup.	CAFMJ	27	<i>cabular</i>	F	Sup.	LSR	30	<i>filar</i>	
F	5º EF	MCSA	51	<i>faltar</i>	M	Sup.	RWL	25	<i>filar</i>	
M	Sup.	CJNF	53	<i>gazear=escola/queimar=trabalho</i>	M	Sup.	EL	58	<i>Tô de folga/ausentar</i>	
F	Sup.	ZMA	53	<i>Não respondeu</i>	F	Sup.	NMGA	64	<i>faltar</i>	
F	Sup.	RQL	54	<i>faltar/sumir</i>	F	5º EF	NCSA	54	<i>queimar</i>	
F	Sup.	VML	55	<i>faltar</i>	F	5º EF	MASM	55	<i>não respondeu</i>	
M	Sup.	RRC	22	<i>gazear</i>	F	5º EF	ACRO	56	<i>não respondeu</i>	
M	Sup.	JMG	29	<i>gazear</i>	F	5º EF	IPS	57	<i>queimar</i>	
M	Sup.	DBPL	22	<i>faltar</i>	M	5º EF	JVC	58	<i>queimar</i>	
F	Sup.	BFDS	23	<i>faltar</i>	M	5º EF	FQJ	55	<i>queimar</i>	

Quadro 8: Designações para 'faltar a escola ou trabalho'.

Questão 4: Como se chama quando colocamos o rádio nas alturas?

Recife						Salvador				
G	Esc.	Iniciais	F. E.	Resp.	G	Esc.	Iniciais	F. E.	Resp.	
M	Sup.	AAB	23	<i>aumentar</i>	M	Sup.	TS	30	<i>aumentar</i>	
F	Sup.	TSV	25	<i>aumentar</i>	F	5º EF	RSF	20	<i>aumentar</i>	
F	Sup.	NLST	24	<i>estrondar</i>	F	5º EF	APSS	26	<i>aumentar</i>	
F	Sup.	NR	24	<i>aumentar</i>	F	5º EF	PRC	28	<i>potenciar</i>	
F	Sup.	CSN	26	<i>aumentar</i>	F	5º EF	JC	18	<i>escutar alto</i>	
F	Sup.	CGO	28	<i>aumentar</i>	F	Sup.	CSR	29	<i>aumentar/estourar</i>	
M	Sup.	LFABM	30	<i>aumentar</i>	F	Sup.	NSCL	21	<i>saltar o som</i>	
M	Sup.	IHFS	29	<i>estrondar</i>	F	Sup.	CNP	21	<i>estrondar</i>	
M	Sup.	RAFS	27	<i>Não respondeu</i>	F	Sup.	FCCM	28	<i>aumentar</i>	
M	Sup.	BHVC	22	<i>elevar</i>	F	Sup.	TSS	28	<i>aumentar</i>	
M	Sup.	CAFMJ	27	<i>não respondeu</i>	F	Sup.	LSR	30	<i>aumentar</i>	
F	5º EF	MCSA	51	<i>aumentar</i>	M	Sup.	RWL	25	<i>pipocar</i>	
M	Sup.	CJNF	53	<i>volume alto</i>	M	Sup.	EL	58	<i>não escuta rádio</i>	
F	Sup.	ZMA	53	<i>não respondeu</i>	F	Sup.	NMGA	64	<i>aumentar</i>	
F	Sup.	RQL	54	<i>altear</i>	F	5º EF	NCSA	54	<i>altear</i>	
F	Sup.	VML	55	<i>zuar</i>	F	5º EF	MASM	55	<i>aumentar</i>	
M	Sup.	RRC	22	<i>não respondeu</i>	F	5º EF	ACRO	56	<i>aumentar</i>	
M	Sup.	JMG	29	<i>alto</i>	F	5º EF	IPS	57	<i>Não respondeu</i>	
M	Sup.	DBPL	22	<i>aumentar</i>	M	5º EF	JVC	58	<i>aumentar/som barulhento</i>	
F	Sup.	BFDS	23	<i>aumentar</i>	M	5º EF	FQJ	55	<i>aumentar/altear</i>	

Quadro 9: Designações para 'aumentar o rádio'.

Questão 5: Como se chama a ação do homem (ou mulher) que pega muitas mulheres (ou homens)?

Recife					Salvador				
G	Esc.	Iniciais	F. E.	Resp.	G	Esc.	Iniciais	F. E.	Resp.
M	Sup.	AAB	23	<i>galinhar</i>	M	Sup.	TS	30	<i>pegador/pegadora</i>
F	Sup.	TSV	25	<i>ligeiro</i>	F	5º EF	RSF	20	<i>galinha/piriguetar</i>
F	Sup.	NLST	24	<i>pegador = homem/ puta = mulher</i>	F	5º EF	APSS	26	<i>galinha/piriguetar</i>
F	Sup.	NR	24	<i>quengar</i>	F	5º EF	PRC	28	<i>galinhar/piriguetar</i>
F	Sup.	CSN	26	<i>pegador/pegadora</i>	F	5º EF	JC	18	<i>galinhar</i>
F	Sup.	CGO	28	<i>galinhar</i>	F	Sup.	CSR	29	<i>galinhar/piriguetar</i>
M	Sup.	LFABM	30	<i>pegador</i>	F	Sup.	NSCL	21	<i>pegador/piriguetar</i>
M	Sup.	IHFS	29	<i>pegador/pegadora</i>	F	Sup.	CNP	21	<i>piriguetar</i>
M	Sup.	RAFS	27	<i>pegador = homem/ mulher = palavra chula</i>	F	Sup.	FCCM	28	<i>piriguetar</i>
M	Sup.	BHVC	22	<i>ficar</i>	F	Sup.	TSS	28	<i>pegador</i>
M	Sup.	CAFMJ	27	<i>galinhar</i>	F	Sup.	LSR	30	<i>piriguetar piriguite = M / piriguito = H</i>
F	5º EF	MCSA	51	<i>garanhão</i>	M	Sup.	RWL	25	<i>miserável = H/ piriguite = M</i>

M	Sup.	CJNF	53	<i>galinhar</i>	M	Sup.	EL	58	<i>galinhar</i>
F	Sup.	ZMA	53	<i>galinhar</i>	F	Sup.	NMGA	64	<i>galinhar</i>
F	Sup.	RQL	54	<i>pegador/p egadora</i>	F	5º EF	NCSA	54	<i>não respondeu</i>
F	Sup.	VML	55	<i>prostituir</i>	F	5º EF	MASM	55	<i>piriguetar</i>
M	Sup.	RRC	22	<i>pegar</i>	F	5º EF	ACRO	56	<i>galinhar</i>
M	Sup.	JMG	29	<i>rapariguar</i>	F	5º EF	IPS	57	<i>não respondeu</i>
M	Sup.	DBPL	22	<i>pegar</i>	M	5º EF	JVC	58	<i>garanhão/ galinhar</i>
F	Sup.	BFDS	23	<i>pegar</i>	M	5º EF	FQJ	55	<i>piriguetar/ mulherengo</i>

Quadro 10: Designações para 'nigrinhar/galinhar'.

Questão 6: Como se chama a ação de furar a bola?

Recife						Salvador				
G	Esc.	Iniciais	F. E.	Resp.	G	Esc.	Iniciais	F. E.	Resp.	
M	Sup.	AAB	23	<i>estourar</i>	M	Sup.	TS	30	<i>furador</i>	
F	Sup.	TSV	25	<i>estourar</i>	F	5º EF	RSF	20	<i>pocar</i>	
F	Sup.	NLST	24	<i>estourar</i>	F	5º EF	APSS	26	<i>alfinetar/lascar</i>	
F	Sup.	NR	24	<i>estourar</i>	F	5º EF	PRC	28	<i>pocar</i>	
F	Sup.	CSN	26	<i>estourar</i>	F	5º EF	JC	18	<i>não respondeu</i>	
F	Sup.	CGO	28	<i>murchar</i>	F	Sup.	CSR	29	<i>estourar</i>	
M	Sup.	LFABM	30	<i>rasgar</i>	F	Sup.	NSCL	21	<i>estourar</i>	
M	Sup.	IHFS	29	<i>estourar</i>	F	Sup.	CNP	21	<i>rasgar</i>	
M	Sup.	RAFS	27	<i>estourar</i>	F	Sup.	FCCM	28	<i>pocar</i>	
M	Sup.	BHVC	22	<i>estourar</i>	F	Sup.	TSS	28	<i>pocar</i>	
M	Sup.	CAFMJ	27	<i>estourar</i>	F	Sup.	LSR	30	<i>pocar</i>	
F	5º EF	MCSA	51	<i>rasgar</i>	M	Sup.	RWL	25	<i>pocar</i>	
M	Sup.	CJNF	53	<i>estourar</i>	M	Sup.	EL	58	<i>estourar</i>	
F	Sup.	ZMA	53	<i>estourar</i>	F	Sup.	NMGA	64	<i>pocar</i>	
F	Sup.	RQL	54	<i>estourar</i>	F	5º EF	NCSA	54	<i>pocar</i>	
F	Sup.	VML	55	<i>rasgar</i>	F	5º EF	MASM	55	<i>lascar/espeter</i>	
M	Sup.	RRC	22	<i>rasgar/furar</i>	F	5º EF	ACRO	56	<i>espeter</i>	
M	Sup.	JMG	29	<i>estourar</i>	F	5º EF	IPS	57	<i>Não respondeu</i>	
M	Sup.	DBPL	22	<i>murchar</i>	M	5º EF	JVC	58	<i>estourar/pipocar</i> <i>/pocar</i>	
F	Sup.	BFDS	23	<i>murchar</i>	M	5º EF	FQJ	55	<i>estourar</i>	

Quadro 11: Designações para 'furar a bola'.

Questão 7: Como se chama a ação de perder uma oportunidade?

Recife						Salvador				
G	Esc.	Iniciais	F. E.	Resp.	G	Esc.	Iniciais	F. E.	Resp.	
M	Sup.	AAB	23	<i>não respondeu</i>	M	Sup.	TS	30	<i>me passei</i>	
F	Sup.	TSV	25	<i>dispensar</i>	F	5º EF	RSF	20	<i>não respondeu</i>	
F	Sup.	NLST	24	<i>falhar</i>	F	5º EF	APSS	26	<i>vacilar</i>	
F	Sup.	NR	24	<i>deixar escapar</i>	F	5º EF	PRC	28	<i>vacilar</i>	
F	Sup.	CSN	26	<i>dormir no ponto, morrer na praia</i>	F	5º EF	JC	18	<i>não pôde ir</i>	
F	Sup.	CGO	28	<i>vacilar</i>	F	Sup.	CSR	29	<i>Se ferrar</i>	
M	Sup.	LFABM	30	<i>desperdiçar</i>	F	Sup.	NSCL	21	<i>dar mole</i>	
M	Sup.	IHFS	29	<i>deixar</i>	F	Sup.	CNP	21	<i>falta de sorte</i>	
M	Sup.	RAFS	27	<i>não respondeu</i>	F	Sup.	FCCM	28	<i>deixar de ganhar algo</i>	
M	Sup.	BHVC	22	<i>deixar passar</i>	F	Sup.	TSS	28	<i>não respondeu</i>	
M	Sup.	CAFMJ	27	<i>vacilar</i>	F	Sup.	LSR	30	<i>deixou passar uma chance</i>	
F	5º EF	MCSA	51	<i>falta de sorte</i>	M	Sup.	RWL	25	<i>vacilou</i>	
M	Sup.	CJNF	53	<i>bobear</i>	M	Sup.	EL	58	<i>falhar</i>	
F	Sup.	ZMA	53	<i>perdeu a chance</i>	F	Sup.	NMGA	64	<i>perdeu a chance</i>	
F	Sup.	RQL	54	<i>perder uma chance</i>	F	5º EF	NCSA	54	<i>vacilou</i>	
F	Sup.	VML	55	<i>escapar</i>	F	5º EF	MASM	55	<i>não</i>	

									<i>respondeu</i>
M	Sup.	RRC	22	<i>vacilar</i>	F	5º EF	ACRO	56	<i>Não respondeu</i>
M	Sup.	JMG	29	<i>escapar</i>	F	5º EF	IPS	57	<i>não devia ter ido</i>
M	Sup.	DBPL	22	<i>desperdiçar</i>	M	5º EF	JVC	58	<i>deu mole</i>
F	Sup.	BFDS	23	<i>perder</i>	M	5º EF	FQJ	55	<i>perder</i>

Quadro 12: Designações para 'perder uma oportunidade'.

Questão 8: Como se chama a ação de pedir desconto sempre que vai comprar algo à vista ou que já esteja com desconto?

Recife					Salvador				
G	Esc.	Iniciais	F. E.	Resp.	G	Esc.	Iniciais	F. E.	Resp.
M	Sup.	AAB	23	negociar	M	Sup.	TS	30	chorar
F	Sup.	TSV	25	pechinchar	F	5º EF	RSF	20	pechinchar
F	Sup.	NLST	24	pechinchar	F	5º EF	APSS	26	chorar
F	Sup.	NR	24	pechinchar	F	5º EF	PRC	28	pechinchar/ Chorar
F	Sup.	CSN	26	pechinchar/ piranguieirar	F	5º EF	JC	18	chorando/chorar
F	Sup.	CGO	28	pechinchar	F	Sup.	CSR	29	pechinchar/barganhar
M	Sup.	LFABM	30	pechinchar	F	Sup.	NSCL	21	pechinchar
M	Sup.	IHFS	29	barganhar	F	Sup.	CNP	21	pechinchar
M	Sup.	RAFS	27	diminuir	F	Sup.	FCCM	28	pedir um abatimento
M	Sup.	BHVC	22	negociar	F	Sup.	TSS	28	pechinchar
M	Sup.	CAFMJ	27	chorar	F	Sup.	LSR	30	chorar
F	5º EF	MCSA	51	pechinchar	M	Sup.	RWL	25	pechinchar
M	Sup.	CJNF	53	pechinchar	M	Sup.	EL	58	pechinchar
F	Sup.	ZMA	53	pechinchar	F	Sup.	NMGA	64	pechinchar
F	Sup.	RQL	54	pechinchar	F	5º EF	NCSA	54	pechinchar
F	Sup.	VML	55	pechinchar	F	5º EF	MASM	55	pechinchar
M	Sup.	RRC	22	pechinchar/c horar	F	5º EF	ACRO	56	pechinchar
M	Sup.	JMG	29	economizar	F	5º EF	IPS	57	Não respondeu
M	Sup.	DBPL	22	pechinchar	M	5º EF	JVC	58	pechinchar
F	Sup.	BFDS	23	pechinchar	M	5º EF	FQJ	55	pechinchar

Quadro 13: Designações para 'pechinchar'.

Questão 9: O que significa bulir pra você?

Recife						Salvador				
G	Esc.	Iniciais	F. E.	Resp.	G	Esc.	Iniciais	F. E.	Resp.	
M	Sup.	AAB	23	<i>mexer</i>	M	Sup.	TS	30	<i>mexer</i>	
F	Sup.	TSV	25	<i>mexer em algo</i>	F	5º EF	RSF	20	<i>pegar algo</i>	
F	Sup.	NLST	24	<i>vem de bulinar= irritar alguém/ mexer</i>	F	5º EF	APSS	26	<i>mexer/ futucar</i>	
F	Sup.	NR	24	<i>mexer</i>	F	5º EF	PRC	28	<i>futucar/ mexer/bulinar fisicamente e em seus pertences</i>	
F	Sup.	CSN	26	<i>mexer</i>	F	5º EF	JC	18	<i>mexer em alguma coisa</i>	
F	Sup.	CGO	28	<i>mexer</i>	F	Sup.	CSR	29	<i>mexer</i>	
M	Sup.	LFABM	30	<i>mexer</i>	F	Sup.	NSCL	21	<i>mexer</i>	
M	Sup.	IHFS	29	<i>mexer</i>	F	Sup.	CNP	21	<i>futucar</i>	
M	Sup.	RAFS	27	<i>mexer</i>	F	Sup.	FCCM	28	<i>mexer em algo que não é seu/ bulinar na questão sexual</i>	
M	Sup.	BHVC	22	<i>mexer = bulinando, perturbando a pessoa, ridicularizando/ assediando</i>	F	Sup.	TSS	28	<i>mexer/ futucar</i>	
M	Sup.	CAFMJ	27	<i>mexerem</i>	F	Sup.	LSR	30	<i>mexer</i>	

				<i>alguma coisa</i>					
F	5º EF	MCSA	51	<i>mexer</i>	M	Sup.	RWL	25	<i>mexer</i>
M	Sup.	CJNF	53	<i>mexer sem permissão</i>	M	Sup.	EL	58	<i>remexer/ mexer naquilo que não é seu</i>
F	Sup.	ZMA	53	<i>mexer</i>	F	Sup.	NMGA	64	<i>pegar</i>
F	Sup.	RQL	54	<i>mexer</i>	F	5º EF	NCSA	54	<i>tirar onda, abusando colocando apelido</i>
F	Sup.	VML	55	<i>mexer</i>	F	5º EF	MASM	55	<i>futucar</i>
M	Sup.	RRC	22	<i>mexer</i>	F	5º EF	ACRO	56	<i>pegar</i>
M	Sup.	JMG	29	<i>mexer</i>	F	5º EF	IPS	57	<i>futucar</i>
M	Sup.	DBPL	22	<i>mexer</i>	M	5º EF	JVC	58	<i>futucar</i>
F	Sup.	BFDS	23	<i>mexer</i>	M	5º EF	FQJ	55	<i>Pegar</i>

Quadro 14: Designações para 'bulir'.

Questão 11: Como se chama a maneira de apertar o botão?

Recife						Salvador				
G	Esc.	Iniciais	F. E.	Resp.	G	Esc.	Iniciais	F. E.	Resp.	
M	Sup.	AAB	23	não respondeu	M	Sup.	TS	30	apertar	
F	Sup.	TSV	25	pressionar	F	5º EF	RSF	20	ligar	
F	Sup.	NLST	24	empurrar	F	5º EF	APSS	26	tocar	
F	Sup.	NR	24	pressionar	F	5º EF	PRC	28	tocar	
F	Sup.	CSN	26	cutucar	F	5º EF	JC	18	mudar de canal/ controle	
F	Sup.	CGO	28	pressionar	F	Sup.	CSR	29	apertar	
M	Sup.	LFABM	30	cutucar	F	Sup.	NSCL	21	pressionar	
M	Sup.	IHFS	29	pressionar	F	Sup.	CNP	21	pressionar	
M	Sup.	RAFS	27	clicar	F	Sup.	FCCM	28	Iniciar	
M	Sup.	BHVC	22	acionar	F	Sup.	TSS	28	ligar/desligar	
M	Sup.	CAFMJ	27	clicar	F	Sup.	LSR	30	pressionar	
F	5º EF	MCSA	51	apertar	M	Sup.	RWL	25	Não respondeu	
M	Sup.	CJNF	53	clicar	M	Sup.	EL	58	carregar/aperte	
F	Sup.	ZMA	53	clicar	F	Sup.	NMGA	64	tocar	
F	Sup.	RQL	54	empurrar	F	5º EF	NCSA	54	tocar	
F	Sup.	VML	55	empurrar	F	5º EF	MASM	55	futucar	
M	Sup.	RRC	22	pressionar	F	5º EF	ACRO	56	ligar	
M	Sup.	JMG	29	pressionar	F	5º EF	IPS	57	apertar	
M	Sup.	DBPL	22	pressionar	M	5º EF	JVC	58	acionar o botão/apertar	
F	Sup.	BFDS	23	pressionar / apertar	M	5º EF	FQJ	55	tocar/ligar	

Quadro 15: Designações para 'apertar o botão'.

Questão 12: Como se chama a ação de descontrair relaxar?

Recife						Salvador				
G	Esc.	Iniciais	F. E.	Resp.	G	Esc.	Iniciais	F. E.	Resp.	
M	Sup.	AAB	23	<i>ficar de boa</i>	M	Sup.	TS	30	<i>ficar de maresia</i>	
F	Sup.	TSV	25	<i>descansar</i>	F	5º EF	RSF	20	<i>descansar</i>	
F	Sup.	NLST	24	<i>desopilar</i>	F	5º EF	APSS	26	<i>farrear</i>	
F	Sup.	NR	24	<i>desopilar</i>	F	5º EF	PRC	28	<i>passar</i>	
F	Sup.	CSN	26	<i>folgar</i>	F	5º EF	JC	18	<i>vou descansar</i>	
F	Sup.	CGO	28	<i>aproveitar / gozar</i>	F	Sup.	CSR	29	<i>curtir</i>	
M	Sup.	LFABM	30	<i>Tomar uma / relaxar</i>	F	Sup.	NSCL	21	<i>brincar</i>	
M	Sup.	IHFS	29	<i>desligar</i>	F	Sup.	CNP	21	<i>curtir</i>	
M	Sup.	RAFS	27	<i>relaxar</i>	F	Sup.	FCCM	28	<i>descansar</i>	
M	Sup.	BHVC	22	<i>brisar</i>	F	Sup.	TSS	28	<i>divertir</i>	
M	Sup.	CAFMJ	27	<i>descansar / desopilar</i>	F	Sup.	LSR	30	<i>boresta</i>	
F	5º EF	MCSA	51	<i>curtir</i>	M	Sup.	RWL	25	<i>curtir</i>	
M	Sup.	CJNF	53	<i>descansar</i>	M	Sup.	EL	58	<i>Sorrir/ brincar/ contar caso</i>	
F	Sup.	ZMA	53	<i>divertir</i>	F	Sup.	NMGA	64	<i>descansar a mente</i>	
F	Sup.	RQL	54	<i>amenizar</i>	F	5º EF	NCSA	54	<i>curtir</i>	
F	Sup.	VML	55	<i>brincar</i>	F	5º EF	MASM	55	<i>acalmar</i>	
M	Sup.	RRC	22	<i>Não respondeu</i>	F	5º EF	ACRO	56	<i>Não respondeu</i>	
M	Sup.	JMG	29	<i>descansar</i>	F	5º EF	IPS	57	<i>sair</i>	
M	Sup.	DBPL	22	<i>de boar</i>	M	5º EF	JVC	58	<i>Descansar / estou de</i>	

									<i>Rider</i>
F	Sup.	BFDS	23	<i>rir</i>	M	5º EF	FQJ	55	<i>Se distrair / relaxar</i>

Quadro 16: Designações para 'descontrair/relaxar'.

Questionário – Aplicado em Salvador/Recife

- 1) **Como se chama a ação de copiar do outro na escola no dia da prova?**
(Resp: filar/pescar)

Resp:

- 2) **Como se chama o ato de cobrir os livros novos da escola?** (Resp: forrar/
encapar)

Resp:

- 3) **Como se chama o ato de faltar a escola ou o trabalho?** (Resp:
queimar/filar/gazear)

Resp:

- 4) **Como se chama quando colocamos o rádio nas alturas?** (Resp:
altear/aumentar)

Resp:

- 5) **Como se chama a atitude de ordenar?** (Resp: mandar/ apitar)

Resp:

- 6) **Como se chama quando o indivíduo cria caso ou discute com alguém?**
(Resp: arengar/brigar)

Resp:

- 7) **Como se chama a ação de colocar alguém na parede?** (Resp: acochar/
apertar)

Resp:

- 8) **Como se chama o ato de punir alguém no trânsito?** (Resp: multar/canetar)

Resp:

9) **Como se chama o ato de cumprir as disciplinas de um curso de graduação?** (Resp: pagar as disciplinas / dar as disciplinas)

Resp:

10) **Como se chama quando uma pessoa tira a paz de alguém?** (Resp: empatar/perturbar)

Resp:

11) **Como se chama o ato de cortar o papel ao meio?** (Resp: rasgar/lascar)

Resp:

12) **Como se chama a ação do homem (ou mulher) que pega muitas mulheres (ou homem)?** (Resp: galinhar/nigrinhar)

Resp:

13) **Como se chama a ação de furar a bola?** (Resp: pocar/estourar)

Resp:

14) **Como se chama a ação de beijar alguém do sexo oposto?** (Resp: namorar/queixar)

Resp:

15) **Como se chama o ato de balançar algo?** (Resp: sacudir/mexer)

Resp:

16) **Como se chama o ato de tirar a poeira dos móveis?** (Resp: sacudir a poeira/ espanar)

Resp:

17) **Como se chama a ação de trabalhar muito?**(Resp: ximbar)

Resp:

18) **Como se chama a ação de perder uma oportunidade?** (Resp: Dormir no ponto/ comer mosca)

Resp:

19) **Como se chama ação de cortar algo?** (Resp: torar)

Resp:

20) **Como se chama a ação de pedir desconto sempre que vai comprar algo à vista ou que já esteja com desconto?** (Resp: pirangar ou pechinchar)

Resp:

21) **Como se chama o fato de deixar alguém irritado?** (Resp: aperiaar)

Resp:

22) **Como se chama a ação de descontraír relaxar?** (Resp: desopilar)

Resp:

23) **Como se chama a ação de ficar bonita?** (Resp: emperiquitar)

Resp:

24) **Como se chama a ação e bisbilhotar a bolsa de alguém?** (Resp: futucar/ bulir)

Resp:

25) **O que significa bulir pra você?** (Resp: mexer/bulinar/praticar o bullying)

Resp:

26) **Construa uma frase utilizando o verbo que indique pegar bulir?**

Resp:

27) **Como se chama a maneira de apertar o botão?** (Resp: encargar)

Resp:

28) **Qual é o verbo que utilizamos para dizer que a festa será boa?** (Resp: pipocar)

Resp:

29) **Como se chama o ato de querer o que é do outro? Ou ficar olhando as coisas do outro com muita intensidade?** (Resp: secar/invejar)

Resp: